

**Universidade Federal de Santa Catarina**  
**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em História**  
**Curso de Mestrado**

**Cinema e História:**

**José Julianelli e Alfredo Baumgarten,**

**Pioneiros do Cinema Catarinense**

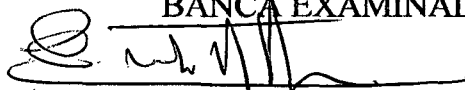
**José Henrique Nunes Pires**

**CINEMA E HISTÓRIA: JOSÉ JULLIANELLI E ALFREDO  
BAUMGARTEN, PIONEIROS DO CINEMA CATARINENSE.**

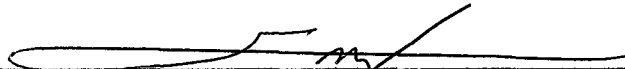
**JOSÉ HENRIQUE NUNES PIRES**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do  
título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

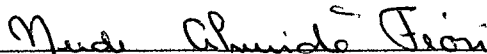
BANCA EXAMINADORA



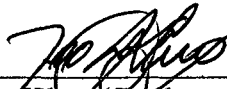
Prof. Dr. Ernesto Anibal Ruiz (Orientador) (UFSC)



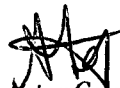
Prof. Dr. Carlos Humberto Pederneiras Correia (UFSC)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neide Almeida Fiori (UFSC)



Prof. Dr. João Klug (Suplente) (UFSC)



Prof. Dr. Artur Cesar Isaia  
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 15 de abril de 1999.

José Henrique Nunes Pires

**Cinema e História:**

**José Julianelli e Alfredo Baumgarten,  
pioneiros do Cinema Catarinense**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Aníbal Ruiz.

Ilha de Santa Catarina  
1999

Á Cláudia, minha esposa,  
e ao Aníbal, Vinícius e Clara, nossos filhos.

## AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas e instituições que contribuíram à realização deste trabalho. Cito apenas alguns nomes que minha lembrança vaga ainda conserva. Minha gratidão aos professores e funcionários do Curso de Mestrado em História, especialmente ao meu orientador, Ernesto Aníbal Ruiz, e aos professores João Klug e Maria Bernardete Ramos Flores, e ainda aos funcionários Gilson Pires, Murilo Ramos e Jorge Coelho.

Ao Arquivo Público de Blumenau “José Ferreira da Silva”, na pessoa da diretora Sueli Petri, uma mãe de todos os pesquisadores. À pesquisadora Edith Kormann, ao Armando Luiz Medeiros, à Margareta Medeiros (neto e filha de Baumgarten), ao Francisco Julianelli (filho de José Julianelli), ao Marcondes Marchetti, ao pesquisador Valêncio Xavier, e ao professor Álvaro Tavares.

À Cinemateca Brasileira, à Cinemateca de Curitiba e à Cinemateca Catarinense – instituições que zelam pela memória cinematográfica brasileira e colaboradoras desta pesquisa. À imprensa de Santa Catarina, pelo apoio indefectível. Aos funcionários do Departamento Artístico Cultural da UFSC, meus companheiros do dia a dia. Ao João Francisco Vaz Sepetiba, revisor e meu mestre de português. A minha família, especialmente, a minha esposa, Cláudia, e aos filhos, Aníbal, Vinícius e Clara, pela paciência, afeto e estímulo.

Minhas desculpas àqueles cujos nomes me fogem à memória.

Obrigado a todos. Valeu!

Ilha de Santa Catarina, 1999.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é proporcionar a utilização do cinema como documento histórico a partir da obra de José Julianelli e Alfredo Baumgarten - dois pioneiros do cinema catarinense. Os dois cinegrafistas atuaram principalmente na região do vale do Itajaí, deixando um importante acervo de registros cinematográficos dos anos 20 e 30.

Inicialmente a pesquisa aborda o nascimento do cinema como resultado de um século de profundas transformações no mundo. O surgimento de uma nova mídia que se apresenta para revolucionar o universo da percepção e da comunicação suscitando inúmeras interpretações, estudos e associações, inclusive com a História.

A partir de então é desenvolvida uma aproximação metodológica aos trabalhos de Julianelli e Baumgarten. *Historicizando* cronologicamente alguns estudos sobre as questões metodológicas na utilização do filme como documento para o historiador, o trabalho discorre sobre conceitos e mostra alguns procedimentos utilizados na presente pesquisa como a catalogação e a decupagem.

Centrado no legado desses dois protagonistas, o trabalho procura contextualizar o período de suas filmagens, abordando suas vidas, inventariando os filmes que sobreviveram ao tempo e esboçando uma análise e uma comparação entre as duas obras.

## ABSTRACT

The aim of this study is to point to the use of films as historical documents. The work of José Julianelli e Alfredo Baumgarten, two pioneers of Santa Catarina cinema will be the focus of this investigation. Both cameramen, well known in the area of Itajaí Valley, and left na important collection of cinematographic records from the 20's and 30's.

The starting point here is to look at cinema as resulting from a century of great changes. A new media emerged and reshaped the areas of perception and communication, calling for different interpretation, historical studies and links.

The methodological approach to the work of Julianelli and Baumgarten is the next step. Through a historical analysis of some studies about issues related to the use of the film as document by the historians, this study comments on the concepts and procedures such as catalogue and *découper*.

Finally, it is centred on the legacy of these pioneers, that it is contextualized the span in which their work took place, by examining their lives, making an inventory of the films still available and drawing up on a comparative study of both cameramen.

## **SUMÁRIO**

### **Introdução...8**

#### **1 - Cinema e História...13**

- 1.1 - Nasce uma nova mídia...13
- 1.2 - A importância do audiovisual nos dias de hoje...19
- 1.3 - O historiador frente ao cinema...22

#### **2 – Uma aproximação metodológica aos trabalhos de Julianelli e Baumgarten...28**

- 2.1 - Um breve histórico...28
- 2.2 - Algumas impressões, as fontes primárias, a catalogação e a decupagem...37
- 2.3 - Naturais, Atualidades, Cine-Jornais e Documentários...48

#### **3 - Alfredo Baumgarten - As imagens de Blumenau e sua vida...53**

#### **4- José Julianelli - O mascate cinegrafista...68**

#### **5 - Uma pequena análise comparativa...83**

- 5.1 - Os dois pioneiros - diferenças e aproximações...83
- 5.2 – Influências...84

#### **6 – Considerações finais...101**

#### **7 – Anexos...104**

- 7.1 – Vocabulário e legendas utilizados...105
- 7.2 – Listagem descritiva e comentada dos filmes de Alfredo Baumgarten...106
- 7.3 – Listagem descritiva e comentada dos filmes de José Julianelli...160

#### **8 – Fontes Iconográficas...193**

#### **9 – Bibliografia...199**



## Introdução

Quando propus a realização deste trabalho, como Dissertação de Mestrado no Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1994, tinha a intenção de provocar uma aproximação interdisciplinar da História com o Cinema através do resgate da vida e obra de dois pioneiros do cinema catarinense - José Julianelli e Alfredo Baumgarten. Na verdade, não tinha a certeza do pioneirismo dos dois cinegrafistas e nem mesmo sabia da existência de todos esses filmes que tive o prazer de encontrar, conhecer, catalogar e estudar. Conhecia apenas alguns filmes de Julianelli, quando fiz uma pesquisa nos tempos da Faculdade de Jornalismo da UFSC com outros companheiros. Este primeiro contato, embora superficial e extremamente baseado na pesquisa da Blumenauense Edith Kormann - uma outra pioneira que praticamente vasculhou todos os jornais publicados no município de Blumenau - me instigou bastante e, desde 1986, guardava a vontade de me aprofundar mais neste assunto.

A pesquisa, que foi um primeiro levantamento das produções cinematográficas catarinenses desde o início do século até os anos 80, acabou sendo publicada pela Embrafilme e a Editora da UFSC, com o título *O Cinema em Santa Catarina*.<sup>1</sup> A partir daí, criamos a Cinemateca Catarinense, sob a forma de uma Associação - uma vez que o Estado nunca mostrou interesse para salvaguardar a memória da sociedade - reunindo pessoas interessadas em pesquisar e, sobretudo, realizar cinema. E neste sentido, a Cinemateca Catarinense teve grande importância. Juntamente com a UFSC, que abrigou e apoiou institucionalmente o emergente movimento, a Cinemateca é a nossa referência.

---

<sup>1</sup> PIRES, José H. N.; DEPIZZOLATTI, Norberto V.; ARAÚJO, Sandra M. *O Cinema em Santa Catarina*. Florianópolis : Ufsc/Embrafilme, 1987.

São elas as responsáveis pela nova geração de curtas-metragistas que então surgia e, hoje, doze anos depois, já conseguiu formar uma filmografia consistente e respeitada. Neste âmbito, a pesquisa ficou um pouco esquecida. A preferência foi pela realização, um fato normal. Mesmo assim, nenhum de nós perdeu o sentido do valor, da necessidade e também dos inúmeros desdobramentos que aquela primeira pesquisa podia e ainda pode gerar. Eu, particularmente, continuava com interesse em retomar aquela pesquisa inicial. No documentário que realizei em 1996, sobre a Ponte Hercílio Luz, apresentei aos catarinenses cenas inéditas de Florianópolis registradas por Julianelli e Baumgarten, que havia encontrado na Cinemateca Brasileira, já como trabalho da minha atual pesquisa. Mas, que fatos ou forças levaram duas pessoas tão próximas e, paradoxalmente, distantes, nas primeiras décadas do século em Santa Catarina, a registrar em cinema, uma atividade tão rara em nosso Estado, sua região e os eventos a ela inerentes? Quantos filmes ainda se poderia encontrar e ver? Essas questões me fascinavam e acabaram sendo definitivas na minha pretensão de ir um pouco mais adiante naquela pesquisa inicial. Mas, por que o curso de História? E foi aí que apareciam outras perguntas. Por que os historiadores quase nunca se debruçaram sobre o documento cinematográfico? Em Santa Catarina, apenas a autora Edith Kormann fez um primeiro e importante levantamento. E quanto mais me aproximava do trabalho a que me propusera sentia as dificuldades de me embrenhar por um campo tão pouco percorrido pelos historiadores. Se por um lado a pequena existência de obras de referências ou mesmo iniciais nesta área me perturbava, esta também foi uma das forças que me levaram adiante.

São inúmeras as maneiras que Cinema e História se inter-relacionam nesta imbricada existência de um século. As duas áreas podem estar associadas de diversas

formas: a história do cinema, o cinema como documento histórico, a história como suporte para a realização cinematográfica, a história no cinema, entre outras relações.

O presente trabalho pretende proporcionar a utilização do cinema como documento histórico a partir da obra de José Julianelli e Alfredo Baumgarten - dois pioneiros do cinema catarinense. Os dois cinegrafistas atuaram principalmente na região do vale do Itajaí, deixando um importante acervo de registros cinematográficos dos anos 20 e 30. Deste período ou ainda um pouco anterior a ele, puderam ser encontrados também alguns filmes de outros imigrantes como Julianelli, ou cenas militares como as realizadas na região do Contestado, ou filmes de encomenda realizados por profissionais de outros Estados. Mas, Julianelli e Baumgarten foram os únicos que, estabelecidos em Blumenau, realizaram um trabalho mais sistemático, contínuo e duradouro, no que se refere à produção cinematográfica no Estado. Centrado no legado desses dois protagonistas, o trabalho procura contextualizar o período de suas filmagens, abordando suas vidas, inventariando os filmes que sobreviveram ao tempo - e, neste sentido, encontrando algumas preciosidades -, esboçando uma análise e uma comparação entre as duas obras.

O primeiro capítulo, intitulado “Cinema e História”, mostra o nascimento do cinema como resultado de um século de profundas transformações no mundo. O surgimento de uma nova mídia que se apresenta para revolucionar o mundo da percepção e da comunicação suscitando inúmeras interpretações, estudos e associações, inclusive com a História. Hoje a importância do cinema e seus desdobramentos começa a ser menos questionada pelos estudiosos do passado, que já não podem negar a

existência centenária, algumas vezes incômoda, da sétima arte em suas pesquisas e estudos.

Uma aproximação metodológica aos trabalhos de Julianelli e Baumgarten é realizada no segundo capítulo. Neste sentido, o historiador que pretende encarar o agradável desafio de utilizar o cinema como documento do tempo, irá se deparar com métodos um pouco diferentes daqueles que está acostumado a trabalhar. O ponto de partida é a consciência de que um filme é sempre interpretação da realidade, nunca seu retrato fiel. Depois de historicizar cronologicamente alguns estudos sobre as questões metodológicas na utilização do filme como documento para o historiador, o capítulo discorre sobre conceitos e mostra alguns procedimentos utilizados na presente pesquisa como a catalogação e a decupagem.

No terceiro capítulo, o trabalho apresenta Alfredo Baumgarten, sua vida e obra, procurando contextualizar o período de realização dos seus registros cinematográficos.

José Julianelli, outro pioneiro do cinema catarinense, é o assunto do quarto capítulo. Os filmes e a trajetória insólita deste italiano multifacetado são apresentados neste episódio.

Uma pequena análise comparativa entre a obra dos dois pioneiros, incluindo suas diferenças, aproximações e influências é o assunto do quinto capítulo.

Nas conclusões são tratadas as contribuições deste trabalho para o conhecimento da história regional e brasileira, as dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa, as

possibilidades de utilização da pesquisa sobre os filmes de Baumgarten e Julianelli, e também as diversas vertentes de estudos que esta pesquisa pode gerar.

Por último, nos anexos, uma ampla catalogação dos filmes, com detalhamento em planos, possibilita uma análise e uma procura mais precisa aos que se interessar em conhecer as imagens legadas pelo pioneiros do cinema catarinense.

## 1 - Cinema e História

O presente capítulo está dividido em três partes. A primeira faz apenas uma breve referência ao período do aparecimento do cinema procurando entendê-lo como uma nova mídia, economicamente promissora, que surge no bojo de uma sociedade preocupada com o progresso, tomada pelo crescimento de invenções técnico-científicas, e imbuída do espírito positivista da época. A Segunda, mostra a importância do veículo audiovisual no mundo contemporâneo. A última parte questiona a posição do historiador frente ao cinema, apresentando algumas dificuldades destes cientistas em lidar com o filme como documento histórico.

### 1.1 - Nasce uma nova mídia

O cinema tem atuado tão fortemente sobre as formas de percepção e as experiências do tempo e do espaço neste século, que já não há limites claros entre as linguagens audiovisuais a que ele deu forma e as outras formas contemporâneas de linguagens.

*Flávia Cesarino Costa<sup>2</sup>*

Para efeito deste capítulo, é bom lembrar o conceito de mídia como a designação dos meios de comunicação social, incluindo os mais simples e naturais, como a voz e o gesto - conforme coloca McLuhan - bem como instrumentos como o cinema, o vídeo e outros mais sofisticados. Os meios de comunicação, por sua vez, são os canais que

---

<sup>2</sup> COSTA, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema*. São Paulo : Scrita, 1995. p.17.

servem para transmissão de uma mensagem.<sup>3</sup> No contexto histórico do século XX, o cinema - importante instrumento de propagação de idéias - e seus desdobramentos como a televisão, o vídeo e outros, em pouco tempo, revolucionam o mundo da comunicação. Os meios de comunicação de massa ganham com o cinema um instrumento que provoca uma reavaliação em diversos setores do pensamento, inclusive o histórico, obrigando com isso, novos estudos e experiências que possibilitem explorações do novo universo que se abre diante de uma platéia mundial.

O cinema nasceu no final do século XIX, como legítimo representante de um período pleno de invenções e descobertas. Após a Revolução Industrial verificou-se um significativo desenvolvimento das ciências em seus diversos campos, surgindo naquele processo de transformação econômica, social e cultural, uma série de invenções que viriam influir decisivamente nos rumos da história moderna, entre elas a fotografia em 1839 e o cinema em 1895.<sup>4</sup>

Ao longo do século XIX muitas invenções tiveram sua paternidade disputada. Com a técnica cinematográfica não foi diferente. A data oficial (mais aceita) da primeira exibição pública é 28 de dezembro de 1896 no Cinematógrafo dos Irmãos Lumière em Paris. Mas há quem conteste. A teoria mais aceita sobre a invenção do cinema é aquela que admite que os princípios da técnica cinematográfica moderna foram inventados por Thomas Edison e aperfeiçoados e colocados em prática, primeiramente, pelos Irmãos Lumière.

---

<sup>3</sup> MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 4 ed. São Paulo : Ed. Cultrix, 1974. P.328.

<sup>4</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo : Ática, 1989. p 14.

Concordando com esta idéia ou não, é preciso recordar também que seus trabalhos foram o ponto culminante de um século de intensos esforços empreendidos por outras pessoas. Os anos que sucederam as revoluções norte-americana e francesa foram de intenso desenvolvimento: enquanto a revolução industrial transformava vários aspectos da sociedade, nas áreas como a química e a fisiologia - duas disciplinas importantes em relação à invenção do cinema – davam-se passos de gigante. Um dos principais avanços foi sem dúvida o trabalho de Peter Mark Roget, concluído em 1824, sobre a persistência de uma imagem na retina durante breves segundos antes de seu desaparecimento real. Esta descoberta gerou inúmeros inventos como: o taumotrope, estroboscópio, roda de Faraday, livro animado, lanterna mágica e outros de nomes igualmente esquisitos.<sup>5</sup> Todos, desenhados para simular uma imagem em movimento, comprovaram as observações de Roget, verificando que, efetivamente, o olho pode perceber movimento onde há uma sucessão de imagens fixas.

Em 1839, o processo fotográfico conhecido como daguerreotipia, desenvolvido através do trabalho conjunto de Louis Jaques Mandé Daguerre (1787-1851) e de Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) , foi adquirido e tornado público pelo governo francês. No mesmo ano, Henry Fox Talbot (1800-1877) apresentou seu sistema de registro de imagens ao Instituto Real da Grã-Bretanha. O primeiro a combinar os inventos com a fotografia foi o belga J. A. Plateau, que inventou o fenakitoscopio. Outros instrumentos similares apareciam: kinematoscopio e fantasmatrope, que utilizavam imagens pintadas.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> CHESHIRE, David. *Manual de Cinematografia*. Madrid : Ebury, 1979. 18p.

<sup>6</sup> SADOUL, Georges. *História do Cinema Mundial*. vol. I. São Paulo : Martins, 1963. 11p.



A primeira câmera capaz de tomar uma seqüência rápida de fotografias foi inventada pelo fisiólogo E.T. Marey, que a deu a forma de um revólver com a objetiva no canhão e a película no tambor giratório. Mas, foram os trabalhos de George Eastman, Thomas Edison e Louis Lumière, no final do século XIX, decisivos na criação definitiva do cinema.

Durante os anos que mediam entre a patente da película de celulósido por parte de George Eastman e a primeira projeção pública de Louis Lumière em seu Cinematógrafo, a 28 de dezembro de 1895, os cientistas europeus e americanos trabalharam na animação da imagem a uma velocidade assombrosa e com uma uniformidade não menos espantosa. Thomas Edson havia inventado o fonógrafo em 1888, e sua primeira idéia era a de unir som e imagem no mesmo cilindro de cera. Acabou passando o projeto para seu ajudante W.K.L. Dickson, que teve a idéia de perfurar a película de George Eastman para manter a continuidade do registro.

Em 1895, o cientista francês Louis Lumière fez aquela que é considerada a primeira exibição pública do cinematógrafo. Tratava-se de um projetor e uma câmera, sendo o movimento através da perfuração no filme. “Meu irmão inventou o Cinematógrafo em uma só noite” afirmava Auguste Lumière. O filme apresentado foi *L'arrivée d'un train en gare de la Ciotat* (A Chegada de um Trem na Estação de Ciotat). O espetáculo, que dura apenas meio minuto, mostra um trecho da plataforma da estação banhada de sol, com damas e cavalheiros perambulando, e um trem vindo das profundezas do quadro e dirigindo-se para a câmera. Assim que o trem se aproximou, houve um pânico no teatro: as pessoas se assustaram com o movimento do trem em direção da platéia. A magia do cinema acabara de nascer. Na verdade, essas tomadas

com a câmera fixa não eram senão um fantasma das imensas possibilidades que a nova técnica proporcionaria à arte e também a outras áreas, possibilidades que nem mesmo os Lumière imaginaram.

Georges Sadoul, um dos principais autores com trabalhos sobre a invenção da técnica cinematográfica, admite como mais significativos, os experimentos com a persistência retiniana por Roget e Plateau, a invenção da fotografia por Niépce e Daguerre, os trabalhos inventivos de decomposição do movimento por Marey e Muybridge, até chegar às descobertas de Edison, Max Skladanowsky, LeRoy e Lumière.<sup>7</sup>

Contudo, o professor de semiótica da Universidade de São Paulo (USP), Arlindo Machado, na apresentação do livro *O primeiro cinema*, de Flávio Cesarino Costa, adverte, “Quanto mais os historiadores se aprofundam na história do cinema, na tentativa de desenterrar o primeiro ancestral, mais eles são remetidos para trás, até os mitos e ritos dos primórdios. Qualquer marco cronológico que eles possam eleger como inaugural será sempre arbitrário, pois o desejo e a procura do cinema são tão velhos quanto a civilização de que somos filhos”.<sup>8</sup>

Neste sentido, a preocupação deste capítulo não está na fixação de datas exatas e oficiais do aparecimento do cinema ou mesmo de uma cinematografia em especial, mas antes em procurar entender que alguns questionamentos entre cinema e história já vinham de um período anterior ao próprio advento do cinema e também para tentar estabelecer um ponto de partida nesta imbricada relação entre cinema e história.

O cinema deu continuidade àquilo que a fotografia já havia começado, com seu papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística. Logo nas primeiras décadas de existência o cinema se proliferou pelos quatro cantos do planeta, abrindo um século predominantemente “imagético” e criando uma linguagem universal.

Paradoxalmente a sua expansão o cinema aguçou confrontos, alguns já iniciados com a fotografia, como observa o escritor Tom Gunning num artigo sobre Cinema e História, “...uma ciência empírica, crescentemente desconfiada da evidência visual, confrontava-se com uma cultura popular que atingia audiências em constante expansão, através da reprodução mecânica de atrações visuais”.<sup>9</sup>

A nova historiografia tornou mais claras as dificuldades de entender o início do cinema como uma mídia isolada e autônoma, procurando também respostas às interrogações incessantes sobre as “verdades” históricas dos documentos visuais. Essas dúvidas da história sobre si mesma, são acompanhadas da invenção da fotografia, da aparição do cinematógrafo, da consolidação do cinema, do surgimento da televisão, e hoje, do aparecimento da imagem virtual e da construção de novas imagens.

“Volta e meia reencontramos de um lado este trabalho dedicado à duplicação do mundo, ao registro e à conservação, à recriação, à instauração de grandes narrativas, e de outro lado, a consciência inquieta de uma abordagem lacunar, fragmentada, sempre por retomar. Este

---

<sup>7</sup> SADOUL, op. cit., p. 9-14.

<sup>8</sup> COSTA, op. cit., p.14.

<sup>9</sup> GUNNING, Tom. Cinema e História: “Fotografias Animadas”, contos do esquecido futuro do cinema. In: XAVIER, Ismail (Org.). *O Cinema no Século*. Rio de Janeiro : Imago, p. 21.

ensinamento não vem desprovido de ensinamentos. Ele seria proveitoso sobretudo para uma melhor compreensão da história; ele permitiria em todo caso retomar o debate sobre as relações entre a história e o cinema em novos termos, evitando-se refazer o inventário dos argumentos e das posições” (LEUTRAT, 1995, p.29).

## 1.2 - A importância do audiovisual nos dias de hoje

“Tendo visto a luz do dia em um século que contou a história de todos os séculos,  
a imagem filmada vai se tornar um instrumento da história  
e um objeto de investigação”

*Jean Claude Carrière<sup>10</sup>*

O surgimento da fotografia em 1839 marca um período de transformação nos meios de comunicação de massa e, conseqüentemente, nos modos de recepção de uma imagem. A fotografia, com seu poder de registro e duplicação, passou a oferecer uma série de leituras e interpretações que começaram a transformar a tradição escrita de uma cultura letrada para o início de uma cultura icônica, que se desenvolveu com o aparecimento do cinema e, mais recentemente, com o surgimento de outros veículos como o vídeo, o computador, a ponto de revolucionar os meios de comunicação de massa e toda uma cultura mundial que passa a ser embasada na comunicação audiovisual.

Talvez fosse desnecessário iniciar este assunto explicando algo que parece consensual, unânime e do conhecimento de todos, como o poder da comunicação

---

<sup>10</sup> CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1995, p. 137.

audiovisual nos dias de hoje. É verdade também que este uso indiscriminado do filme, e a manipulação da imagem em movimento acarretam alguns perigos de distinção e, conseqüentemente, de interpretação. Mas, é sempre bom lembrar, a importância do cinema ou de outros formatos gerados a partir da sétima arte, como um dos principais meios de comunicação de massa que dominam o século XX. Marshall MacLuhan acrescenta um elemento importante neste raciocínio: o cinema apela para as emoções, mexe com os sonhos. O autor coloca que a sétima-arte engendra duas especificidades, paradoxalmente, importantes: “O cinema não é apenas a suprema expressão do mecanismo; ele oferece como produto o mais mágico de todos os bens de consumo: os sonhos”.<sup>11</sup> É possível que resida aí uma das principais dificuldades dos historiadores em lidar com o cinema. Mas, isso é assunto para ser tratado mais adiante.<sup>12</sup>

Antes de entrar por este viés, é necessário destacar alguns autores e artigos que reforçaram a compreensão do cinema, e outros formatos gerados a partir dele, como importantes veículos de comunicação de massa. Um dos mais lúcidos e provocantes foi, sem dúvida, o livro do dramaturgo e roteirista francês Jean-Claude Carrière, *A linguagem secreta do cinema*. O autor mostra a importância do século XX por ter, através da criação de uma nova arte (fato que, para ele, já é motivo de orgulho), colocado um novo espelho diante da humanidade. Carrière, embora admita que vivemos num tempo “imagético”, também faz seus questionamentos.

“E para que servem as imagens? Não sabemos bem. Ninguém jamais se deu ao trabalho de nos contar. Será que passamos a nos conhecer melhor,

---

<sup>11</sup> MCLUHAN, Marshall, op. cit., p. 327.

<sup>12</sup> Neste sentido e momento, a experiência, embora pequena, adquirida como realizador de curtas-metragens e também a preocupação com a memória, especialmente, a cinematográfica do estado de Santa Catarina, já demonstrado em trabalhos anteriores, nos empurrava ainda no sentido de buscar explicações para o pouco interesse dos pesquisadores pelo suporte cinematográfico como documento histórico.

nos tornamos melhores vizinhos? Que piada! Para ganhar algum dinheiro, sim, certamente; para matar o tempo; mas também para que nos tornemos iguais a todo mundo. Quem não acredita estar vivendo hoje em dia na civilização da Imagem? Dizem-nos isso sem parar, e nós repetimos. Estamos permanentemente rodeados de imagens, em casa, na rua, no carro e no metrô; até se constroem paredes de imagens e logo a holografia vai nos proporcionar casa e edifícios de imagens. Um planeta de imagens. Imagens que se movem, falam, fazem barulho. Imagens que fazem esquecer (sem fazer nada para curar) nossa sensação de solidão” (CARRIÈRE, 1995,p.137).

Carrière, o discípulo de Luis Buñuel, ainda prevê que daqui a poucos anos será muito difícil estudar história sem recorrer ao cinema e às imagens de televisão. A “imagem-registro, a imagem arquivo, a imagem-história”, por muito tempo desprezada, com a inauguração de novos arquivos e a ampliação de diversas cinematecas, e também de outros meios de armazenamento, como o da videoteca de Paris, em 1988, dá sinais de durabilidade e abre uma era dos arquivos acessíveis. Para ele, o processo está bem adiantado, até mesmo entrou na moda, e daqui alguns anos será impossível estudar a história desse século sem recorrer ao audiovisual.<sup>13</sup>

Flávia Cesarino Costa, em sua obra “*O primeiro cinema*”, mostra a importância do cinema, colocando-o como uma das linguagens mais populares do planeta. A autora situa o cinema com a fisionomia do século XX, explicando que a convivência com seus códigos audiovisuais é hoje tão intensa, cotidiana e disseminada que é quase impossível identificá-los. Para ela, é mais difícil ainda se manter isolado de suas influências ou de suas derivações, “elas invadem nossas vidas com tal força que nos obrigam a participar de seu fluxo de informações praticamente sem possibilidades de escapar delas”.<sup>14</sup>

Mônica Almeida Kornis enfatiza em seu artigo intitulado “*História e Cinema: um debate metodológico*” a impossibilidade de se ignorar o impacto causado pela

---

<sup>13</sup> CARRIÈRE, op. cit. p. 136.

<sup>14</sup> COSTA, Op. cit., p.17.

invenção e o desenvolvimento do cinema e outros meios de comunicação de massa na sociedade do século XX. Como produto industrial, fabricado em série, reproduzível e destinado às massas, “o cinema revolucionou o sistema da arte, da produção à difusão”.<sup>15</sup>

Apesar da literatura que versa sobre o tema “Cinema e História”, no Brasil em relação a países como os Estados Unidos, França, Espanha e outros, ainda esteja tomando uma forma mais compatível com a importância do tema, exemplos que comprovam a importância do meio audiovisual como veículo de transmissão de conhecimentos nos dias atuais são fartos. A imagem entra por todas as portas de nossas casas. É fato consumado o seu potencial na formação de opinião no mundo contemporâneo. Mas, a compreensão da presença da imagem em nossas vidas, quer queiramos ou não, coloca algumas questões aos pesquisadores: Por que os estudiosos do passado utilizam tão pouco o suporte cinematográfico como documento de pesquisa? Qual a razão do pequeno número de pesquisas e publicações que tratam sobre o tema? Ou ainda como questiona Marc Ferro, seria o filme um documento indesejável para o historiador?

### **1.3 - O historiador frente ao cinema**

“O filme entra na História por todas as portas.

Refaz a História, ajuda a recontar o passado, torna-se a própria História”.

*Jean-Claude Carrière*<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p237-250.

Esses questionamentos impõem a qualquer interessado no assunto certa dose de curiosidade, os quais normalmente acabam se transformando em estímulo ao trabalho do historiador. Se, em princípio, um mundo pouco explorado possa parecer temeroso, é sempre instigante percorrer campos desconhecidos, conhecendo seus caminhos.

São inúmeras as questões com as quais se depara o historiador que aceita o desafio em trabalhar com a imagem cinematográfica como documento de pesquisa. Apesar da imersão total da sociedade contemporânea num mundo de imagens, a pesquisa com documentos visuais, mais especificadamente com o cinema, pode ser considerada uma proposta de trabalho inovadora e ousada. Em que pese as possibilidades de abordagens que as associações entre Cinema e História suscitam, a pretensão deste trabalho é a de conhecer um pouco mais a obra dos pioneiros do cinema catarinense, José Julianelli e Alfredo Baumgarten.

Uma das primeiras respostas que ocorrem é sintomática; a de que os historiadores não foram treinados a lidar com o documento visual, principalmente o cinema, uma arte de apenas cem anos. O historiador francês Marc Ferro lembra que “o cinema não era nascido quando a História se constituiu, aperfeiçoou seus métodos, parou de narrar para explicar”.<sup>17</sup> Por isso também, segundo ele, o desprezo dos cidadãos letrados, no início do século XX, pelo invento. Na verdade era também o medo e a inexperiência no contato com a desconhecida e emergente Sétima Arte que provocavam esta recusa. Ferro reconhece que o filme não faz parte do universo mental do historiador

---

<sup>16</sup> CARRIÈRE, op. cit., p. 138.

<sup>17</sup> FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.p. 79.



por uma recusa em enxergar, “uma recusa inconsciente, que procede de causas mais complexas”.<sup>18</sup>

É compreensível que, tradicionalmente trabalhando com documentos escritos, os historiadores, num primeiro momento, não se sentiriam muito à vontade em trabalhar com imagens que passaram a representar o instrumento de comunicação principal de uma cultura que se transformava de letrada para icônica. Naquele período, a escrita era considerada a instância máxima no que diz respeito à aquisição de conhecimentos. Mesmo a pequena parcela de historiadores que faziam uso das imagens em trabalhos relativos à história da arte, por exemplo, a tratavam como meros elementos ilustrativos, normalmente associadas a algum tipo de legenda, comuns numa cultura letrada. Ferro lembra ainda que, no início do século, o filme era considerado como uma espécie de atração de feira, o Direito nem sequer lhe reconhecia um autor. “A imagem não poderia ser uma companhia para esses grandes personagens que constituem a sociedade do historiador; artigos de leis, tratados de comércio, declarações ministeriais, ordens operacionais, discursos”<sup>19</sup>. A cineasta e pesquisadora Aline Sasahara de Oliveira explica esses “grandes personagens” quando se refere, em sua pesquisa de mestrado, aos “oficializadores da informação, que vêm fazendo da história, a memória dos grupos dominantes e seus representantes oficiais”.<sup>20</sup>

Porém, ainda nos dias de hoje, passados cem anos de existência, os filmes são utilizados de maneira secundária pelos estudos históricos, não passando, em muitas

---

<sup>18</sup> FERRO, op. cit. p.79.

<sup>19</sup> FERRO, op. cit. pp.83-201.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Aline C. Sasahara. “*Mulher Solta, Louca - Maria Venuto, das horas de seus dias à tela de cinema*”. Campinas, 1996. 36p. Dissertação (Mestrado), Instituto de Artes, Universidade de Campinas, 1996.

vezes, de mero elemento ilustrativo. Esta constatação nos traz à tona outros questionamentos que são colocados também por Mônica Almeida Kornis, como pontos centrais para o historiador que quer trabalhar com a imagem cinematográfica, quais sejam: o que a imagem reflete? Ela é a expressão da realidade ou é uma representação? Como é possível avaliar a manipulação da imagem? <sup>21</sup>

É verdade que, ao longo das décadas de 60 e 70, com a chamada “Nova História”<sup>22</sup>, que possibilitou transformações em conceitos tradicionais do que é a História, dando ênfase à multiplicidade das fontes a serem utilizadas na pesquisa histórica e ampliando o conceito da palavra documento, tais questões começaram a ganhar espaço e o filme começa a ser compreendido, pelo menos por alguns historiadores, como uma fonte importante de pesquisa histórica.

Entre o grupo está Jacques Le Goff, um dos representantes deste movimento de renovação da historiografia francesa, que enfatizando a necessidade de crítica ao documento, coloca também um princípio básico para o estudo do cinema como fonte histórica: o filme, como o documento e monumento, resulta dos esforços de representantes das sociedades para impor ao futuro, voluntária ou involuntariamente, determinada imagem de si próprias. Assim, não existe um documento (filme) verdade. Para Le Goff, “O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver,

---

<sup>21</sup> KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p237.

<sup>22</sup> Sobre a Nova História ver: BURKE, Peter. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”. In: *A escrita da História: novas perspectivas*. Peter Burke (org.) 2.ed. São Paulo : Ed. Da Universidade Estadual Paulista. 1992. P. 7-37.

talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é monumento”.<sup>23</sup>

Nesse contexto, o cinema (em todos os seus gêneros) começa a se inserir nos autos dos estatutos de fonte para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, dos valores, das identidades e das ideologias de uma sociedade ou de um momento histórico. Isto significa que o filme pode tornar-se um importante documento para a pesquisa histórica, na medida em que relaciona com o contexto histórico-social no qual foi produzido uma série de elementos inerentes à própria linguagem cinematográfica. Neste ponto reside outra dificuldade para o historiador, pois a expressão cinematográfica pressupõe o conhecimento de uma gramática própria desta linguagem, formada por planos, enquadramentos, posição de câmera, composição e outros elementos semióticos, que na maioria das vezes não fazem parte do universo do historiador.

A partir da compreensão das colocações expostas é importante entender que o filme, seja ele natural, atualidades, cine-jornal, documentário ou de ficção, não é uma reprodução da realidade, ele a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico.

Embora poucos historiadores tenham demonstrado interesse ou suficiente percepção das questões necessariamente envolvidas para enfrentar o material audiovisual, é bom lembrar, sem querer tirar o estímulo de ninguém, que a utilização da imagem pelo historiador pressupõe uma série de questionamentos que vão muito além

---

<sup>23</sup> LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: *História e Memória*. 3.ed. Campinas : Ed. da

de uma primeira atração que os documentos visuais normalmente causam. Neste caso, a preocupação principal do historiador é a de reeducar o olhar de modo que lhe possibilite uma leitura das imagens, é a visão crítica do documento, à qual se refere Le Goff.

## 2 – Uma aproximação metodológica aos trabalhos de Julianelli e Baumgarten

O capítulo mostra um breve histórico a respeito de alguns estudos que procuraram abordar questões metodológicas na utilização de filmes como documento histórico. Em seguida, mostra as primeiras impressões sobre o tema da pesquisa, as fontes primárias utilizadas no objeto principal da pesquisa, e os processos de catalogação e decupagem realizados nas obras de Julianelli e Baumgarten. Finalmente, procurou-se promover uma reflexão sobre o termo documentário e suas primeiras variantes, utilizadas em filmes deste gênero realizados no início do século, e abordadas neste trabalho, quais sejam: os filmes naturais, as atualidades e os cine-jornais.

### 2.1 - Um breve histórico

Em qualquer arte ou em qualquer descoberta,  
a experiência tem sempre normas precedentes. No decorrer do tempo,  
um método é designado como prática da invenção.

*Goldoni*<sup>24</sup>

Ao admitir que a metodologia referente à utilização do cinema como instrumento de pesquisa para o historiador é um processo em formação, torna-se necessário fazer algumas referências aos trabalhos empreendidos por historiadores na tentativa de historicizar, entre os estudos pesquisados, aqueles mais significativos e mais adequados com essa proposta de pesquisa, os quais procuraram valorizar de alguma forma o filme como documento histórico.

---

<sup>24</sup> *Memoirs of Goldoni*, versão de John Black, New York, 1926, citado no livro *Estéticas do Cinema*, organizado por Eduardo Geda, Dom Quixote : Lisboa, 1985, p. 59.

Neste sentido, o primeiro trabalho que se tem notícia, segundo Mônica Almeida Kornis, foi escrito pelo polonês Boleslas Matuszewski em 1898. Câmera da equipe dos Irmãos Lumière, ele defendia o registro cinematográfico como testemunha ocular dos fatos. Matuszewski atribuía ao filme não a visão da história integral, mas a imagem filmada, para ele, documentava uma verdade definitiva.<sup>25</sup>

Alguns anos mais tarde, ainda na época do cinema mudo, o debate entre Sergei Eisenstein e Dziga Vertov, dois importantes realizadores russos, resultou em contribuições de ressonância mundial para a linguagem cinematográfica e, sobre a autenticidade do registro, colocaram-se numa posição oposta à de Matuszewski. Ambos entendiam o filme como uma construção. Para Eisenstein, o filme era uma reconstrução da realidade e a montagem o princípio vital que dá significado aos planos puros, portanto, ele enfatizava a criação da obra a partir da montagem. Vertov, por sua vez, queria retratar a realidade utilizando sua câmera como “cine-olho”, muito mais aperfeiçoada que o olho humano<sup>26</sup>. Para ele, apenas o cinema documentário tinha a capacidade de expressar a realidade.

Nos anos vinte - ainda bem antes de Marc Ferro, na década de 70, desbancar de vez com a tese da autenticidade do documentário como retrato fiel da realidade - outros historiadores passaram a reconhecer o cinema como fonte de conhecimento histórico. Um dos sinais dessas evidências, segundo Mônica Kornis, podem ser comprovados através do interesse pelo filme como documento histórico demonstrado por um grupo de

---

<sup>25</sup> KORNIS, op. cit. p. 240.

<sup>26</sup> VERTOV, Dziga. “Resolução do Conselho dos Três em 10-04-1923”. In: Ismail Xavier (org.), *A Experiência do Cinema*, Rio de Janeiro, Graal/Embrafilme, 1983.

historiadores que compareceu aos encontros dos Congressos Internacionais das Ciências Históricas realizados no final dos anos vinte. A partir de documentos desses encontros, diz a autora, é possível afirmar que, seguindo ainda a concepção de Matuszewski, o filme continuava sendo tratado como registro fiel da realidade. O historiador inglês Anthony Aldgate mostrou que a atenção do grupo estava voltada apenas para os filmes de atualidades, pois, para eles, as atualidades estavam livres das influências dos seus realizadores, um erro que reforça a dedução acima.

O jornalista Siegfried Kracauer, no livro *De Caligari a Hitler*<sup>27</sup> (1947), apresentando a tese de que o cinema expressionista refletia os desejos da sociedade alemã dos anos 20, acabou trazendo novos elementos para o debate entre Cinema e História. Kracauer entendia que os filmes ficcionais refletiam a mentalidade da Alemanha, estabelecendo, assim, uma relação direta entre o filme e o meio que o produz. A partir de então, na década de 50, aumentava o número de historiadores que valorizavam o filme como documento histórico, porém eles admitiam somente que o filme apenas seria aceito como documento histórico na medida em que fosse desenvolvida uma metodologia baseada no princípio da tradicional crítica às fontes históricas.

Até a metade da década de 60 ainda prevalece a tese de Matuszewski, segundo a qual, o valor do cinema como documento está vinculado à identificação da imagem por ele produzida com a verdade obtida pelo registro da câmera. Três foram os principais motivos na mudança desta concepção, os quais possibilitaram alguns estudos propriamente metodológicos na relação entre cinema e história. O primeiro foi a criação

e a rápida difusão da televisão, fazendo com que os historiadores não mais pudessem ignorar o mundo da imagem em movimento. O segundo foram os próprios caminhos que a teoria do cinema passava a trilhar, sobretudo com a difusão da semiologia, implicando na adoção de novos princípios no campo das reflexões sobre a imagem, com reflexos em outros domínios do conhecimento, inclusive a história. Finalmente, o movimento de renovação da historiografia francesa denominado Nova História que destacou a importância da diversificação das fontes a serem utilizadas na pesquisa histórica, entre elas o cinema.<sup>28</sup>

As novas abordagens sobre a relação entre cinema e história possuíam alguns pontos em comum. Um deles é a certeza de que qualquer gênero de filme - seja ele atualidades, cine-jornais, documentários ou ficção - é um objeto de análise para o historiador. Como elemento básico desta consciência está a recusa do princípio pelo qual a imagem é reflexo imediato do real. O outro é o reconhecimento de que, tratado como documento histórico, o filme requer a formulação de novas técnicas de análise que dêem conta de um conjunto de elementos que se interpõem entre a câmera e o evento filmado. Trata-se da reeducação do olhar do historiador.

Criticando certos historiadores ao colocar que “o filme não faz parte do universo mental do historiador”, Marc Ferro demonstra que um filme pode constituir um documento para a análise da sociedade. Ele mostra sua identidade com a filosofia da “Nova História”, demonstrando a importância do filme como fonte reveladora das crenças, das intenções e do imaginário do homem. Embora seu nome não tenha um vínculo direto com este grupo, o autor afirmou seu interesse pelos novos caminhos

---

<sup>27</sup> KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1988.



abertos pela “Nova História”, como a História das Mentalidades e a História do Imaginário.

Um filme é também um agente da história, e não apenas um produto. Este foi outro ponto importante nos estudos de Ferro, demonstrando que sob a aparência de representação, desde sua origem, os filmes serviram à doutrinação e à glorificação. Simultaneamente, segundo ele, desde que os dirigentes políticos compreenderam as funções que o cinema poderia desempenhar, eles se apropriaram do veículo, colocando-o a seu serviço. Os primeiros exemplos desta sua constatação foram os inúmeros filmes de propaganda realizados durante a Primeira Grande Guerra Mundial. Mas, os principais modelos que imprimiram ao cinema um estatuto privilegiado de propaganda e de formação de uma cultura paralela, foram os soviéticos e posteriormente os nazistas.

Para Ferro, o filme revela aspectos da realidade que ultrapassam o objetivo do realizador e, ainda explica que, por trás da imagem pode-se verificar a ideologia de uma sociedade. “O filme não vale somente por aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza”.<sup>29</sup> Assim, para o autor, a maior contribuição da análise do filme na investigação histórica é a possibilidade de o historiador buscar o que existe de não-visível, uma vez que o filme transcende seu próprio conteúdo. Para isso, Ferro se afasta de uma análise do ponto de vista semiológico, estético e da história do cinema, e propõe uma abordagem do filme como uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas. Analisar o filme juntando o que é filme (planos, temas) com o que não é filme (autor, produção, público, crítica, sistema político). Esse método de pensamento das variáveis de Ferro, implica num trabalho

---

<sup>28</sup> KORNIS, op. cit., p. 241.

interdisciplinar de historiadores, lingüistas, sociólogos e antropólogos, diferente da tradicional abordagem das ciências humanas, e daí a importância do trabalho interdisciplinar de historiador, ao qual Ferro se referia em seu artigo nos *Annales* em 1968.

A análise de um filme de montagem necessita, segundo o autor, de dois processos diferentes: o estudo e a crítica dos documentos utilizados no filme, e a crítica de sua inserção no filme. Quanto à crítica histórica e social dos documentos, ele procura examinar as imagens através da crítica de autenticidade, de identificação e análise. Neste ponto, quando Ferro fala na crítica de autenticidade, de identificação e análise dos cine-jornais, ele coloca à verificação de alguns elementos, que procurou-se observar, pelo menos em alguns itens, nas cinematografias de José Julianelli e Alfredo Baumgarten:

- 1) os ângulos das tomadas (podem revelar o número de câmeras utilizadas, porém, nesta pesquisa, é evidente que tanto Julianelli quanto Baumgarten fizeram uso de apenas uma câmera para a mesma tomada);
- 2) a distância das diferentes imagens de um mesmo plano (antes do zoom, a passagem de um plano distante para um próximo não podia ser feita de uma só vez);
- 3) as condições de leitura de imagem se existe montagem e/ou reconstituição e as condições de iluminação;
- 4) a intensidade da ação (um documento com ritmo seria manipulado, ao passo que um plano-sequência não montado comportaria necessariamente tempos mortos);

---

<sup>29</sup> FERRO, op. cit., p. 87.

- 5) o grão da película (contrastes mais definidos podem indicar que não houve trucagem, além do que podem sofrer alterações após sucessivas cópias).

Ferro considera a crítica de identificação mais comum para o historiador: a busca de origem do documento, sua data, identificação do personagem e interpretação do conteúdo. O exame da fonte emissora, das condições de produção e de recepção, faria parte de uma crítica analítica. Concluindo, Ferro destaca a importância na decodificação do conjunto de imagens, sons, montagem e a natureza das questões abordadas.<sup>30</sup>

Na análise do filme de ficção, Ferro ressalta a importância de um estudo que busque as características da sociedade que o produziu e o consome, e também da própria obra, além da relação entre os autores do filme, a sociedade e o próprio filme. Porém, nesta pesquisa a ênfase é para o gênero de documentário realizados no início do século e não para ficção.

Outro trabalho que discute a relação sobre História e Cinema, segundo Mônica Kornis, é o de Pierre Sorlin, que embora parta de pressupostos comuns a Ferro - pelo qual a imagem não copia a realidade e de que a câmera revela aspectos que ultrapassam as evidências - caminha numa direção oposta. Sorlin, ao contrário de Marc Ferro, confere importância na contribuição da semiótica para compreender os signos que compõem um filme e que, depois de classificados, possibilitarão sua leitura. Mônica Kornis explica a diferença entre os dois estudos mostrando que nos pressupostos de Ferro está a análise do conteúdo do filme e do contexto da produção para chegar ao não-visível e, muito embora ele confira importância à linguagem cinematográfica, acaba por

não integrar todos esses elementos entre si. Já Sorlin, por sua vez, direciona sua análise neste sentido, possivelmente em busca de maior rigor no tratamento das imagens.

Mônica Kornis destaca ainda os estudos dos historiadores ingleses, tendo por base os trabalhos de Anthony Aldgate<sup>31</sup>, Jeffrey Richards<sup>32</sup> e Arthur Marwick<sup>33</sup>, os quais, segundo ela, demonstram uma total recusa de análises do tipo estrutural, dando ênfase ao exame da interferência da censura, dos produtores e dos patrocinadores e de outros possíveis grupos que podem pressionar a produção de um filme. O pressuposto é que nenhum filme é objetivo, e a realidade exibida é fruto de uma seleção e de um controle prévios.

Para Mônica Kornis, segundo essa teoria, o valor do filme para o historiador está na possibilidade de retratar uma cultura e dirigir-se a um grande público como meio de controle social e de transmissor da ideologia dominante da sociedade. A abordagem desses autores, para ela, dá importância ao papel de uma série de variáveis que influenciam na produção de um filme, demonstrando toda a manipulação ideológica construída em torno das imagens a partir de um contexto histórico determinado.

Os debates realizados nos Estados Unidos, durante a década de 1980, como na reunião de um grupo de historiadores e professores da *American Historical Association* para refletir sobre a utilização do filme pela história, já revelam que a distância dos

---

<sup>30</sup> KORNIS, op. cit., p. 244

<sup>31</sup> ALDGATE, Anthony *Cinema and history: British newsreels and the Spanish Civil War*, London, Scholar Press, 1979.

<sup>32</sup> RICHARDS Jeffrey ; ALDGATE, Anthony. *Best of British: cinema and society, 1930-1970*, Oxford, Basil Blackwell, 1983.

<sup>33</sup> SORLIN, Pierre ; MARWICK, Arthur, "Social change In 1960's Europe: four feature films", *Repports*, XVI Congrès International des Sciences Historiques, Stuttgart, du 25 Augt au 2 septembre 1985, p 215-239.

historiadores em relação ao filme tem diminuído, ainda que lentamente. Os estudos dos pesquisadores americanos apontam para um centro de atenção voltado à História do Cinema Norte-Americano, dando ênfase à presença da História nos enredos dos filmes e às relações entre os níveis econômico e social, tecnológico e estético. A pesquisadora Aline Sasahara de Oliveira cita, em sua tese de mestrado, os historiadores Robert Rosenstone, Natalie Zemon Davis e Hayden White, conferencistas do *AHR Forum on the Use of Film in History*, como estudiosos que têm procurado utilizar o cinema como documento e como ferramenta da história.<sup>34</sup>

No Brasil, a pesquisadora Mônica Kornis destaca dois encontros importantes que discutiram o cinema como fonte para a história. O primeiro, realizado em 1979, segundo ela, ressaltou a importância da documentação que pode ser obtida através dos filmes. Já no segundo, em 1983, realizou-se uma mesa redonda sobre o tema “ Cinema como fonte de História - História como fonte de cinema”, na qual se discutiu como analisar um filme sob o ponto de vista da história. O Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro também tem se empenhado em promover algumas discussões neste sentido, que normalmente acontecem junto aos principais Festivais de Cinema do país.

Porém, ainda não se tem conhecimento de nenhum trabalho de sistematização desses estudos e de um debate, com resultados concretos, especificamente metodológico sobre as questões que envolvem a relação entre cinema e história.

---

<sup>34</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 22.

## 2.2 - Algumas impressões, as fontes primárias, a catalogação e a decupagem

“A fotografia em si, o filme em si não representam, tanto quanto qualquer documento velho ou novo, uma prova de verdade. Toda a crítica externa e interna que a metodologia da história impõe ao manuscrito impõe igualmente ao filme. Todos podem igualmente ser falsos, todos podem ser “montados”, todos podem conter verdades e inverdades”.

*Jean-Claude Bernardet*<sup>35</sup>

Como se pôde observar na parte anterior a este tópico, muito embora tenha ocorrido uma aproximação entre as áreas de Cinema e História, somente nos últimos anos o tema tem chamado a atenção de historiadores. Mesmo assim, a literatura a respeito do tema ainda é pouco explorada. Em termos de Brasil, o interesse é mais restrito. Além disso, trabalhos que abordam as questões metodológicas no uso do cinema como documento histórico ou que sistematizem os debates em torno deste tema são ainda mais difíceis de achar.

Na verdade, cinema e história são duas áreas que vão encontrar-se cada vez mais na trajetória do audiovisual no próximo milênio, não importa qual suporte ou meio que se tenha inventado. Mas nesta simbiose de cem anos, verifica-se que os estudos realizados até aqui privilegiaram o filme de ficção. Até por alguns motivos óbvios: o acervo mundial de filmes é constituído em sua maior parte de fitas de ficção; um material muito significativo do primeiro período do cinema - época na qual mais foram produzidos os chamados filmes naturais e de atualidades - foi perdido ao longo dos

---

<sup>35</sup> BERNARDET, Jean-Claude; RAMOS, Alcides Freire. *Cinema e história do Brasil*. São Paulo : Ed. Contexto, 1988. p.38.

anos; dos filmes de ficção encontramos muito mais documentos sobre os mesmos, como, críticas, estatísticas de público e outras informações. O próprio Ferro privilegia na análise histórica o filme de ficção, por julgar vantajosas as possibilidades analíticas que esse gênero traz consigo, como reações críticas, dados sobre frequência aos cinemas e uma variedade de informações sobre as condições de produção, quase nunca disponíveis em relação aos cine-jornais e aos documentários. Até mesmo historiadores clássicos do cinema - como Lewis Jacob, George Sadoul ou Jean Mitry - não deram muita importância aos filmes realizados no primeiro período do cinema, como também concorda a pesquisadora Flávia Cesarino, “...não se considerou importante estudar aquelas características de estranheza do primeiro cinema, mas apenas os indícios da linguagem clássica que se estabeleceria posteriormente [...] Para este tipo de historiografia, que privilegia a forma narrativa, o período do primeiro cinema foi uma época de confusão inicial em que o cinema estava misturado a outros tipos de manifestações culturais...”.<sup>36</sup>

No Brasil, mesmo verificando-se uma produção maior de filmes naturais e cine-jornais no primeiro período, também observa-se o mesmo fenômeno, como constata o historiador Jean-Claude Bernardet, “Indiscutivelmente, o que sustenta a produção brasileira nas primeiras décadas do século são estes filmes, não os de ficção. [...] O tradicional desprezo pelas cavações reflete-se em outro terreno. Os livros de história do cinema brasileiro são sempre histórias do filme de ficção”.<sup>37</sup>

No Estado de Santa Catarina, cuja produção cinematográfica foi extremamente esparsa, descontínua e pequena, os estudos dedicados a esta cinematografia são quase

---

<sup>36</sup> COSTA, op. cit., p.38.

<sup>37</sup> BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema Brasileiro: propostas para uma história*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 24-28p.

inexistentes. Porém, não se pode deixar de registrar alguns trabalhos. A pesquisa pioneira de Edith Kormann, que investigou em quase todos os jornais de Blumenau do início do século, a vida de importantes personagens da cidade, levantando e escrevendo os primeiros dados sobre Julianelli e Baumgarten. Valeu-se desta pesquisa realizada nos jornais do Vale do Itajaí editados em alemão, e ampliou-se esse universo para todos os informativos daquele período constantes no acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, de Blumenau. A partir disso, foram obtidos importantes dados, alguns deles transcritos na íntegra ou em parte neste trabalho. O livro *O Cinema em Santa Catarina*<sup>38</sup>, que fez um primeiro e breve levantamento das produções catarinenses até meados dos anos 80, e, finalmente, o trabalho do pesquisador Máximo Barro<sup>39</sup>, que relacionou os filmes exibidos em algumas cidades do Estado no início do século, são esforços igualmente úteis e importantes. Outros livros e pesquisas sobre o tema utilizados como fontes neste trabalho estão detalhados na bibliografia.



1-Edith Kormann: pioneira na pesquisa

A pesquisa bibliográfica é um dos procedimentos sugeridos por Boris Kossoy para os estudos históricos da fotografia que também pode-se adotar para o cinema.<sup>40</sup> Na verdade, segundo o autor, são quatro os grandes grupos de fontes a serem pesquisadas:

---

<sup>38</sup> PIRES, José H. N.; DEPIZZOLATTI, Norberto V.; ARAÚJO, Sandra M. *O Cinema em Santa Catarina*. Florianópolis : Ufsc/Embrafilme, 1987.

<sup>39</sup> BARRO, Máximo. Pesquisa nos Jornais O Futuro, O Estado, A Fé, O Dia, O Albor, A Notícia, O Tempo, Correio do Sul, O Agricultor, O Liberal, Diário da Tarde, Folha Nova, Correio Brusquense, A Gazeta, Nova Era, A Imprensa, Barriga-Verde e Jornal do Povo, no período de 1900 a 1950. Datilografada em 298 páginas e arquivada na Cinemateca Catarinense em dois volumes.

<sup>40</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo. Ática, 1989. p 42.



- 1) pesquisa bibliográfica;
- 2) pesquisa em busca de documentos originais (fontes primárias - neste trabalho, dando ênfase aos filmes);
- 3) depoimentos e entrevistas;
- 4) pesquisa em busca dos restos fotográficos. No caso desta pesquisa, as câmeras, as lentes, os cinemas, os projetores, os proclamas, entre outros.

O autor Boris Kossoy mostra, portanto, que uma vez levantada e conhecida a bibliografia referente ao tema que será objeto de pesquisa, inicia-se o trabalho histórico com a procura das fontes. A localização e a seleção das fontes são a primeira etapa do historiador.

Desta forma, um dos procedimentos adotados logo no início desta pesquisa foi o de descobrir os filmes que sobreviveram ao tempo. Nessa busca documentária, localizou-se um material significativo, nos depósitos da Cinemateca Brasileira, em São Paulo, e na Cinemateca de Curitiba. Foi assim, que nas duas cinematecas foram obtidas cópias (em vídeo) dos filmes de Baumgarten e Julianelli lá depositados e também a permissão para utilizá-los em pesquisa. Procedeu-se, igualmente, a uma duplicação dos mesmos para o Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau, com a recomendação de que as mesmas pudessem ser utilizadas apenas para pesquisa. Foram checadas inúmeras outras possibilidades de encontrar mais algum material, percorrendo-se a trajetória do acervo cinematográfico legado por eles e fazendo inclusive apelos através da imprensa visando encontrar outros filmes de Julianelli ou de Baumgarten. Neste sentido, acabou-se encontrando uma preciosidade, até então tida como desaparecida - uma parte do filme de Baumgarten sobre o Congresso Integralista na

Cidade de Blumenau, realizado em outubro de 1935. Procedeu-se a uma breve contextualização do período, no qual foram realizados os registros cinematográficos, contando um pouco da vida dos realizadores, pois analisar um filme é também situá-lo num contexto, numa história; procurou-se conhecer um pouco as condições e os motivos que os levaram a produzir; tentou-se estabelecer a receptividade dos filmes apresentados, e com isso, esboçar uma pequena e modesta análise comparativa entre a obra dos dois pioneiros. Mas, a preocupação principal desta pesquisa é a de permitir e estimular a realização de outros trabalhos a partir de um conhecimento mais profundo sobre a vida e a obra de dois importantes personagens da História Catarinense, até então, praticamente desconhecidas. Um dado significativo ocorrido durante a realização do trabalho, foram as inúmeras pessoas que, sabendo da realização desta pesquisa, indagaram do autor em torno de algumas questões, como: sobre quais os registros dos cinegrafistas que resistiram até hoje? o quê elas mostram? onde se encontravam? como poderiam ter acesso a eles? Curiosidades de certa forma compreensíveis, levando-se em conta os raríssimos registros cinematográficos do Estado de Santa Catarina na primeira metade do século. Por isso, fez-se questão de relacionar todas as imagens deles encontradas, tentando também descrever cada seqüência, transcrevendo os intertítulos, detalhando os planos e, quando oportuno, acrescentando algum comentário.

Simultaneamente foram realizadas entrevistas com inúmeras pessoas que pudessem enriquecer o rol de informações, fornecendo, com isso, maiores subsídios ao trabalho, seguindo, assim, a orientação Boris Kossoy. Neste aspecto, destacam-se as seguintes entrevistas: com a pesquisadora Edith Kormann; com Francisco Julianelli, filho do cinegrafista José Julianelli; com Dona Greta, filha de Alfredo Baumgarten; com Marcondes Marchetti, primeiro comprador dos filmes de Julianelli; com o pesquisador

Valêncio Xavier, um dos principais responsáveis pela recuperação da maioria dos filmes de Julianelli; com Armando Medeiros, neto de Baumgarten, que, morando atualmente no Rio de Janeiro, escreveu importante artigo sobre o seu avô; entre outros resultados menos expressivos.

Quanto aos “restos cinematográficos”, ponto do quarto item da metodologia de Boris Kossoy, no que se refere a este trabalho, tentou-se encontrar os equipamentos utilizados por José Julianelli. Com a informação que tais equipamentos tinham sido vendidos para um colecionador paulista, proprietário de uma loja de calçados localizada na Rua Augusta, chegou-se à confirmação de que este já os tinha vendido para uma instituição do Rio de Janeiro. Na Cinemateca do Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, não foi possível obter maiores informações sobre o destino dos equipamentos. Os cinemas e locais onde foram projetados os filmes na região de Blumenau, quando possível, foram também incluídos na pesquisa.

De posse deste rol de filmes e informações iniciou-se alguns procedimentos e reflexões em direção a uma catalogação dos filmes encontrados. É verdade, que encontra-se em debate e em construção um processo metodológico para a análise do filme como suporte à história. Em que pese esta afirmação, tem-se também a certeza de que os diversos pontos em comum entre os principais estudos sobre o tema, permitem a análise histórico-cinematográfica de filmes do início do século. Dentro da perspectiva de estudar Alfredo Baumgarten e José Julianelli e suas obras, iniciou-se, portanto, a catalogação dos filmes da dupla pioneira do cinema catarinense.

Num primeiro momento os filmes foram indexados por autor: Alfredo Baumgarten e José Julianelli. Esta medida foi facilitada pelo próprio arquivamento dos filmes nas Cinematecas Brasileira e na Cinemateca de Curitiba, nas quais já eram catalogados pelo nome do realizador e, quando existente, o título da produção. A partir daí, numa segunda etapa, as atualidades de Julianelli foram separadas por título, transcrevendo-se também os intertítulos. Nos filmes de Baumgarten adotou-se o mesmo procedimento. Em ambas as cinematografias procurou-se estabelecer as datas de realização que, quando possível, foram transcritas dos filmes. Caso contrário, tentou-se uma aproximação através do assunto que o cine-jornal abordava. Na maioria dos filmes de Julianelli foi possível chegar à data exata da realização. Na maior parte dos filmes de Baumgarten - como se tratam, principalmente, de trechos de registros com curta duração realizados em períodos diferentes e unidos um ao outro, em ano posterior pelo próprio realizador, através de intertítulos - não foi possível identificar a data de realização com exatidão, chegando-se, neste caso, a aproximações. Em seguida, foi identificado o assunto de cada filme. Medida que, em muitas vezes, correspondeu ao próprio título ou intertítulo. Mesmo assim, procurou-se estabelecer uma descrição mais profunda e aproximada do assunto abordado pelo filme. Fez-se também uma minutagem de cada título, procurando fixar o tempo de duração de cada filme ou trecho. Neste ponto, porém, deve-se considerar uma margem de erro, pois, em alguns casos, trabalhou-se com filmes filmados em 16 quadros por segundo e telecinados<sup>41</sup> em velocidades diferentes. Por último, identificou-se o acervo ao qual pertence o filme, e onde pode ser localizado.

---

<sup>41</sup> Telecinagem é o processo de transcrição do registro cinematográfico realizado em película para o suporte magnética, no caso, o vídeo.

Assim, foram estabelecidas fichas para a catalogação dos filmes, como as descritas abaixo:

- Autor:
- Título do filme:
- Data:
- Assunto:
- Tempo:
- Acervo:
- Palavra-chave:

A catalogação de todo o material, uma medida simples e primária, mostrou-se extremamente eficiente no que se refere à organização, visualização, e, também, à socialização do material, como se pode observar no decorrer deste trabalho.

Por outro lado, partindo de pressupostos que comparam a atividade analítica de um filme ou fragmento, no sentido científico do termo, com a análise da composição química da água, por exemplo, tendo que decompô-lo em seus elementos constitutivos, Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété, autores do livro *Ensaio sobre a análise fílmica*, reforçam a idéia de uma operação que parece inversa das que presidiram à realização do filme e questionam: “Não é absurdo desmontar o que foi pacientemente (ou impacientemente) montado?”.<sup>42</sup> Os autores concluem mostrando que a finalidade dessas ações diferem entre si. A escrita do roteiro, a filmagem e a montagem constituem as fases de criação. A descrição e a análise procedem de um processo de compreensão de (re)constituição do filme acabado. Uma outra fase, segundo os autores, consiste em

estabelecer ligações entre esses componentes que foram isolados, e também em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices compondo um filme ou fragmento. Tudo isso, sem perder as noções dos limites analíticos que entendem o filme como o ponto de partida e o ponto de chegada da análise, como estabelecem Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété, como o princípio de legitimação: “partindo dos elementos da descrição lançados para fora do filme, devemos voltar ao filme quando da reconstrução, a fim de evitar reconstruir um outro filme”.

Os autores do livro *Ensaio sobre a análise fílmica* propõem uma decodificação dos filmes, as quais foram adotadas, com algumas modificações, tendo em vista as especificidades do gênero dos filmes desta pesquisa.

Desta forma foi realizada uma decupagem plano a plano em cada filme catalogado, tendo por base alguns princípios estabelecidos por Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété. Partindo da definição de plano como sendo o segmento de filme impressionado pela câmera entre o início e o final de uma tomada, os autores estabelecem vários componentes do plano, dos quais fez-se uso de alguns elementos nas decupagens realizadas neste trabalho, quais sejam:

- 1) Ângulo de filmagem (tomada frontal/ tomada lateral, plongée/ contra-plongée etc.).
- 2) Fixo ou em movimento (câmera fixa/ câmera em movimento: travelling, panorâmica)
- 3) Escala (lugar da câmera com relação ao objeto filmado):
  - plano geral ou de grande conjunto PG ou GPC;
  - plano de conjunto PC;
  - plano meio de conjunto PMC;

---

<sup>42</sup> VANOYE, Francis ; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas : Papyrus,

- plano médio PM (homem de pé);
- plano americano PA (acima do joelho);
- plano próximo PP (cintura, busto);
- primeiríssimo plano PPP (rosto);
- plano de detalhe PD (*insert*, pormenor).

Quanto a seqüência, que é entendida pelos autores como o conjunto de planos que constituem uma unidade narrativa definida de acordo com a unidade de lugar ou de ação, considerando as especificidades dos filmes de Julianelli e Baumgarten, foram considerados apenas alguns parâmetros que se adequam a eles, como:

- Parâmetros fílmicos

- a cena ou seqüência em tempo real: a duração da projeção iguala a duração ficional;
- a seqüência “comum”: comporta elipses temporais mais ou menos importantes; sucessão cronológica;

As seqüências podem ser entendidas como o momento do início da reconstituição do que foi, num primeiro momento, decomposto em planos, depois reconstituído em seqüências, as quais formarão, em seguida, um filme. No caso dos filmes de Julianelli e Baumgarten, por se tratar de documentários (cine-jornais e naturais), tomou-se apenas esses dois pontos, pois não se está diante de uma linguagem cinematográfica muito depurada. Julianelli partia de uma pequena experiência visual, adquirida como exibidor ambulante de inúmeras fitas. Baumgarten tinha a formação de fotógrafo. Não obstante a limitada experiência cinematográfica de ambos, e os objetivos profissionais de sobrevivência, de documentar uma época, e de notícia ou de

propaganda de seus filmes, é arriscado afirmar que a sua realização não pressupunha a utilização de uma linguagem . Ainda que um pouco inconsciente e documental, fez-se uso de uma linguagem. O cinema, meio de comunicação utilizado por eles, mostrava-se um veículo de certa forma adequado para as pretensões financeiras e aventureiras de Julianelli, e as intenções documentais com seu caráter também multiplicador pretendidas por Baumgarten.

No processo de decupagem<sup>43</sup>, os filmes foram exibidos inúmeras vezes, algumas delas com outras pessoas que pudessem colaborar com a pesquisa. Como foi o caso com Marcondes Marchetti, e, em outra oportunidade, com a pesquisadora Edith Kormann. Desta forma, foi-se, aos poucos, construindo os dois personagens (Julianelli e Baumgarten) tendo por base informações de toda a ordem, incluindo também aquelas referentes à própria leitura e à interpretação dos filmes e também estabelecendo dados que proporcionem diferentes abordagens a partir do legado de José Julianelli e Alfredo Baumgarten.

Concluindo, é certo que a procura e o estudo por métodos de pesquisa têm possibilitado enriquecedores trabalhos, artigos e reflexões sobre o tema. Neste sentido, os caminhos percorridos no decurso desta pesquisa, não tiveram a pretensão de chegar a novas conclusões no que se refere à metodologia, mas procurou-se, com base em procedimentos já descritos e estabelecidos, mostrar a importância deste debate e,

---

<sup>43</sup> Découper: “Recortar, cortar formando (figuras).” É a transformação de um roteiro final ou de um filme (como nesta pesquisa) em linguagem de câmera com indicações dos planos e dos cortes.



principalmente, a de proceder a um levantamento que reconheça o trabalho dos pioneiros do cinema catarinense, possibilitando, a partir daí, outros estudos.<sup>44</sup>

## **2.3 - Naturais, Atualidades, Cine-Jornais e Documentários**

“O filme também escapa ao cameraman e ao cineasta, que não chegam a aprender necessariamente todas as significações da realidade que mostram”.

Marc Ferro<sup>45</sup>

Uma das premissas colocadas no início deste trabalho era a de conceituar o gênero documentário. Um tema ambíguo e que durante a pesquisa se confunde com outros termos similares: cine-jornais, atualidades e naturais. Na verdade, todas essas palavras, utilizadas para as diversas variantes que o filme documentário realizado no início do século é chamado, se enquadram no gênero de documentário. Por isso a intenção de definir o termo. Mas, as ambigüidades da expressão “documentário” começam por sua definição: filme em geral de curta-metragem, que registra, interpreta e comenta um fato, um ambiente ou determinada situação, como define o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda. Palavra utilizada para reforçar a idéia de “documento”, um argumento habilidoso utilizado pelo escocês John Grierson para viabilizar a produção de filmes junto ao governo conservador da Grã-Bretanha, na década de 30. Ou como arrisca Jean-Claude Bernardet, “Nunca ninguém conseguiu definir o gênero, mas tentemos: filmagens de algo que aconteceria independentemente da realização de um

---

<sup>44</sup> Exemplos do levantamento completo realizado nas filmografias de Julianelli e Baumgarten, conforme detalhado neste ítem, estão nos anexos.

<sup>45</sup> FERRO, op. cit., p. 29.

filme”<sup>46</sup>. Ou ainda “filmes sem atores” como especifica o regulamento da Mostra “Cinema do Real”, organizada na França nos anos 90. Talvez, a melhor opção tenha sido aquela adotada pelos debatedores do 1º Festival Internacional de Documentários realizado em abril de 1996 no Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro, do qual participavam representantes de vários países, que preferiram não dar uma definição ao gênero, tendo em vista a multiplicidade de vertentes e possibilidades que o próprio tema gerou no decorrer do século. É certo que mais importante que defini-lo é entendê-lo sempre como uma interpretação - e não como uma reprodução fidedigna - do real.

Este princípio, na relação cinema e história, deve ser adotado para qualquer gênero de filme inclusive aos cine-jornais, atualidades e naturais, que se confundem, no decorrer da pesquisa, com o termo documentário. Mas, mesmo no âmbito deste trabalho, algumas diferenciações entre eles devem ser consideradas. Os chamados naturais são utilizados, normalmente, quando se referem aos registros cinematográficos realizados, principalmente, nas duas primeiras décadas do cinema brasileiro, que não têm normalmente uma característica de notícia, podendo não apresentar intertítulos e outras identificações, como o nome da produtora ou do cinegrafista. Para efeito desta abordagem, em Santa Catarina, pode-se ainda considerar o termo para alguns filmes deixados por Baumgarten realizados nos anos 20 e 30. Bernardet enfatiza que devido ao fato de que o mercado brasileiro, nas primeiras décadas, estar tomado pelos filmes europeus e norte-americanos - pois a indústria vinha se consolidando através do filme de enredo, portanto só isso a interessava -, acaba sobrando uma brecha maior nos assuntos de alcance regional para o filme brasileiro. “Criou-se assim uma área livre, fora da concorrência dos produtores estrangeiros. Desenvolvendo-se aí uma produção de

---

<sup>46</sup> BERNARDET, Jean-Claude e Ramos, Alcides Freire. *Cinema e História do Brasil*. São Paulo: Editora

documentários - ou naturais como chamados na época - e de cine-jornais”.<sup>47</sup> As atualidades era como primeiro foram chamados os cine-jornais. Tanto os “naturais” quanto os “cine-jornais” abordavam assuntos locais - as reuniões políticas e sociais; as inaugurações; as festas; uma personalidade política; melhorias no sistema de transporte; grandes fábricas -, os quais eram vistos sob a ótica do poder. Alguns naturais mais despreocupados, ou menos descompromissados, também captaram paisagens, naturezas e povos mais distantes. Fazia parte do universo dos cinegrafistas daquele momento, realizadores dos naturais, atualidades e cine-jornais, registrar momentos do agrado dos patrocinadores, constituídos, normalmente por políticos, pelo Estado, ou por empresários bem-sucedidos. Uma das características das atualidades, presente nos filmes (que eram mudos) de Julianelli, é a presença de intertítulos e a de uma câmara voltada para captar políticos, autoridades e os principais acontecimentos da cidade, principalmente as inaugurações. Em sua análise, Marc Ferro ressalta a imediata compreensão dos dirigentes de uma sociedade, no que se refere aos poderes deste veículo em comunicar-se com a massa, e as apropriações que fizeram do novo meio, tomando-os importantes instrumentos do poder.

“Naturais e cine jornais abordam assuntos locais, o futebol, o carnaval, às quermesses, a melhoria das rodovias, as inaugurações, as vantagens de uma fazenda ou de uma fábrica quando os donos querem valorizar seu nome, uma figura política, alguns grandes acontecimentos políticos, a revolução de 1924, de 1930, sempre apresentados do ponto de vista de quem fica com o poder (senão a política ou o Estado Maior não autorizam a exibição)[...] Indiscutivelmente, o que sustenta a produção brasileira nas primeiras décadas do século são estes filmes, não os de ficção.”(BERNARDET, 1979, p.24).

---

Contexto, 1988. p 36.

<sup>47</sup> BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema Brasileiro: propostas para uma história*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 23-24p.

Na verdade, no Brasil, ainda que os documentários (naturais, as atualidades e os cine-jornais) sustentaram a cinematografia nacional nas primeiras décadas do século, como afirma Jean-Claude Bernardet<sup>48</sup>, muitos filmes de ficção já começaram a surgir neste período. Em Santa Catarina, a esparsa produção local só veio a conhecer um filme de ficção no final dos anos 50. Portanto, os poucos registros cinematográficos realizados em Santa Catarina até esta data são documentários.

Outra questão sempre em pauta quando se trata deste assunto nos dias de hoje, é a discussão em torno dos limites entre os filmes documentários e os de ficção. Um dos temas do 3º Festival Internacional de Documentários - *É Tudo Verdade*, que aconteceu em São Paulo no mês de abril de 1998, foi a relação e os limites entre o cinema documental e a ficção. Um dos cineastas, considerado um dos mestres do documentário na atualidade, o dinamarquês Jon Bang Carlsen, admite que o seu estilo cinematográfico é “resultado de uma confusão pessoal quantos aos termos ficção e documentário”<sup>49</sup>. Jean Claude Carrière também concorda com a proximidade das fronteiras entre os dois gêneros.

“A pseudo-realidade e assim chamada ficção estão cada vez mais próximas E o fenômeno não está confinado no cinema. Já penetrou na vertente principal da pesquisa histórica contemporânea. Em nossa ambígua e, por definição, impossível tentativa de reviver o passado, ou pelo menos entendê-lo e reconstituí-lo, o imaginário se tornou um instrumento tão importante quanto o fato em si. A realidade já não é suficiente para escrevermos a História. Queremos saber o que nossos predecessores pensavam, a substância dos seus desejos, fantasias e sonhos. Então o cinema, que procura recriar não apenas a forma, mas também as mentalidades do passado (mentalidades que são, é claro, inverificáveis), tem lugar de honra nesse mosaico” (CARRIÈRE, 1995, p.138).

---

<sup>48</sup> BERNARDET, op. cit., . 24-28p.

<sup>49</sup> CARLSEN, Jon Bang. Um rosto na multidão. *Folha de São Paulo*, São Paulo 29 março 1998. mais!, p.5.

Os questionamentos entre os limites do documentário e ficção só cabem ser colocados neste trabalho, de uma forma tão breve, para alertar os interessados a se aprofundar no assunto para as inúmeras possibilidades geradas pelas aproximações de Cinema/História e documentário/ficção.

Além dessas questões, os avanços tecnológicos permitem cada vez mais a manipulação da imagem ao ponto de perturbar ou instigar ainda mais o trabalho do historiador que se embrenha pelos campos do cinema como objeto de pesquisa.

### 3 - Alfredo Baumgarten - As imagens de Blumenau e sua vida



2 - Alfredo Baumgarten

Alfredo Baumgarten nasceu em Blumenau a 6 de junho de 1883. Seu primeiro nome, Alfredo, foi dado em homenagem ao seu padrinho, Alfredo d'Escragolle Taunay, o Visconde de Taunay, renomado escritor, ex-presidente da Província de Santa Catarina (1875-1876) e fiel amigo de seu pai - Hermann Baumgarten. Hermann foi fundador do primeiro jornal da cidade, o *Blumenauer Zeitung*, publicado desde 1881. Alfredo era brasileiro já de segunda geração. Seu avô paterno, Julius, veio da região de Braunschweig, na Saxônia, em 1853, e casou-se com Margarethe Wagner. Seu avô pelo lado de sua mãe Marie, se chamava Friedrich Deeke e chegou no Vale do Itajaí em 1857, proveniente de Bräunrode, no Harz, casando-se com Christianne Krohberger.<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> Os dados biográficos de Alfredo Baumgarten foram retirados do artigo “Alfredo Baumgarten - fotógrafo e jornalista”, escrito por Armando Luiz Medeiros, datilografado e arquivado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau; de entrevista, via fax, do autor desta pesquisa com o Sr. Armando Luiz Medeiros, neto de Alfredo; e ainda do livro KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Blumenau : Edith Kormann, v. 4, 1996. p.47.



3 - Alfredo Baumgarten e família

Sendo o filho mais velho da família, Alfredo foi preparado para continuar a profissão do pai, tipógrafo e jornalista. Em 1901, viajou para a Alemanha, a fim de estudar no Liceu de Artes Gráficas de Leipzig, onde permaneceu até 1906. No Liceu, teve contato com a fotografia, e a escolheu para a sua especialização. A morte do fotógrafo Bernhard Scheidemantel em outubro de 1908, até então, o único profissional do ramo estabelecido em Blumenau, apressou o retorno de Alfredo ao Brasil. Sua família adquiriu os equipamentos de Scheidemantel, e com eles Alfredo Baumgarten deu início a sua carreira profissional, marcada pelo apuro técnico e por sua grande abrangência no que se refere à documentação da região de Blumenau. Não havia casamento, festa ou evento político sem a presença dele. Alfredo Baumgarten foi o fotógrafo de Blumenau, documentando a cidade como ninguém, como relata num artigo, o seu neto, Armando Luiz Medeiros.<sup>51</sup>

Em 1908, morreu Hermann Baumgarten. Com a perda de seu pai, Alfredo viu-se obrigado a assumir como editor-chefe, o *Blumenauer Zeitung*. No ano seguinte, casou-

---

<sup>51</sup> MEDEIROS, Armando Luiz. *Alfredo Baumgarten - fotógrafo e jornalista*. artigo datilografado e arquivado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau, p. 1.

se com Selma, filha do comerciante Louis Altenburg e Clara Breithaupt. Desta união, nasceram quatro filhos: Hans, Alfredo, Hugo (falecido ainda criança) e Margareta. Alfredo manteve a posição de editor-chefe do jornal até 1912, quando a publicação saiu das mãos da família, por razões econômicas, por um período de sete anos. Mais tarde, voltou ao posto de editor, dividindo as responsabilidades do *Blumenauer Zeitung* com seus irmãos Julius e Hermann, até seu fechamento em 1938. Segundo Armando Medeiros, a interrupção do funcionamento do jornal foi provocada pelas acertadas previsões de seu avô, Alfredo, que via na proximidade de uma nova guerra européia, envolvendo mais uma vez a Alemanha, a volta do clima hostil contra os alemães e seus descendentes.<sup>52</sup> Seu avô tinha ainda viva na lembrança as grandes dificuldades enfrentadas pelo jornal durante a primeira conflagração, entre 1917 e 1919, quando saiu sob o nome de *Gazeta Blumenauense*.<sup>53</sup>

Alfredo seguiu a tradição do pai - republicano militante, correligionário e companheiro de Hercílio Luz - , tendo uma participação ativa na vida política de Blumenau, por sua atuação jornalística e por sua atuação partidária. Foi membro da Ação Integralista Brasileira, pela qual foi eleito vereador em 1934, tendo chegado à vice- presidência da câmara, na legislatura presidida por José Ferreira da Silva.

Armando Luiz Medeiros conta que seu avô era um homem de personalidade forte, e a defesa firme de suas posições o levou por duas vezes à prisão. A primeira, no

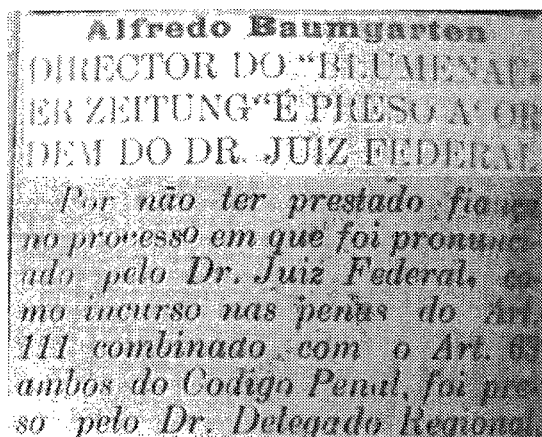
---

<sup>52</sup> MEDEIROS, op. cit. p. 2

<sup>53</sup> “Apesar das medidas de precaução tomadas pelo governo com relação aos núcleos de colonização alemã, em Blumenau não houve maiores entraves e o “Blumenauer-Zeitung” continuou a sua publicação, em língua alemã. E o que deveria ser o número 85 do XXXVI ano do “Blumenauer-Zeitung” surgiu como o 1º, da “Gazeta Blumenauense”, inteiramente redigido no idioma nacional. Em 1919, terminada a guerra, o “Blumenauer Zeitung” voltou a ser publicado em língua alemã. Ver: SILVA, José Ferreira da. *A Imprensa em Blumenau*. Blumenau : Governo do Estado de Santa Catarina, 1977. 16p.



dia 25 de setembro de 1920<sup>54</sup>, por não revelar o autor de inflamado artigo em defesa dos padres franciscanos publicado em seu jornal.<sup>55</sup> A segunda prisão foi em função de sua participação na tentativa de tomada do poder pelos integralistas, em 1938. A missão de Baumgarten na fracassada missão, que lhe rendeu 12 semanas na cadeia, foi a de transmitir instruções pelo rádio.<sup>56</sup>



4.

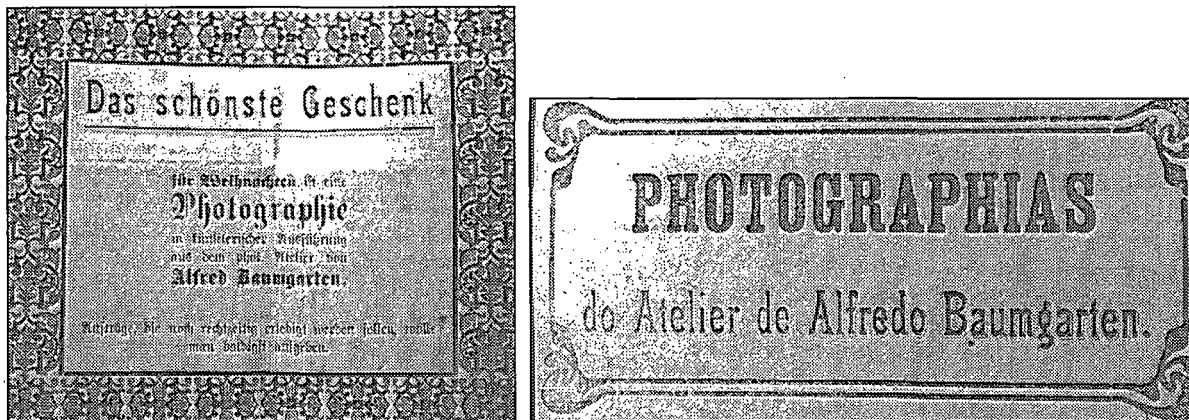
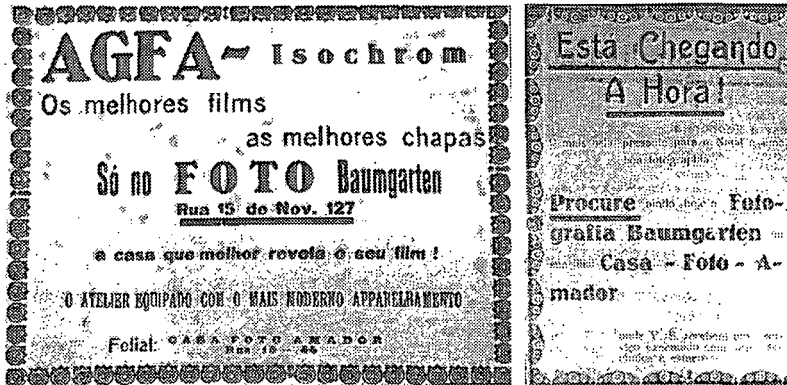
Mas, foi com seu olhar sensível e seu espírito perfeccionista que Alfredo Baumgarten registrou, através de uma câmera, fosse ela de cinema ou fotográfica, a cidade de Blumenau e seus arredores, sua população e seus personagens, deixando efetivamente, nesta área, sua grande obra. Uma obra que não se encontra, pelo menos a parte fotográfica, reunida em nenhum acervo especial, mas espalhada na imensa maioria dos lares da grande Blumenau, incluindo os diversos municípios que foram sendo desmembrados a partir de 1934. As fotografias de Baumgarten requeriam um verdadeiro talento artístico do seu autor, que as retocava ou as coloria habilmente uma a uma. Eram feitas com negativos em chapa de vidro já no seu tamanho final. O material era importado e o laboratório ou o *atelier* da Rua Quinze, como ficou conhecido, era na sua residência. Preocupado com a memória, Alfredo tinha o cuidado de classificar e

<sup>54</sup> O Jornal *Brazil* de Blumenau, de 26/09/1920, nº64, página 2, publicou notícia sobre a prisão de Alfredo, acusado de fazer propaganda contra a campanha de nacionalização.

<sup>55</sup> Dos filmes de Baumgarten que estão no acervo da Cinemateca Brasileira, aparecem cenas dos padres franciscanos de Blumenau. Apesar de protestante, Baumgarten foi grande amigo dos padres franciscanos.

<sup>56</sup> MEDEIROS, op. cit p. 5

arquivar cada chapa utilizada, método que permitiria futuras reproduções. Seu neto, Armando Medeiros, lembra o esmero do avô ao afirmar repetidamente que este arquivo constituía o verdadeiro patrimônio do fotógrafo. Lamentavelmente, este seu imenso patrimônio, acumulado durante mais de 40 anos, foi destruído pelas águas devastadoras da enchente ocorrida em 1957, na cidade de Blumenau.<sup>57</sup>

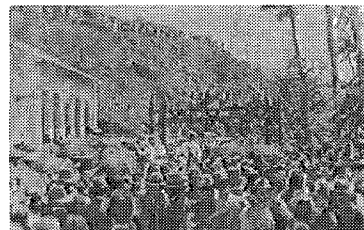
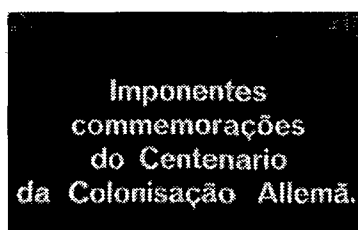
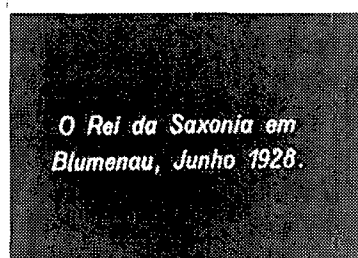


5 - Propagandas dos serviços fotográficos de Baumgarten

A fragilidade da história, em especial quando se trata da conservação de documentos fotográficos ou cinematográficos das primeiras décadas deste século, também está evidenciada na perda bastante significativa dos registros deixados por este pioneiro do cinema catarinense. Os motivos do desaparecimento de grande parte da filmografia de Alfredo Baumgarten vão desde a má conservação dos filmes armazenados em lugares vulneráveis às freqüentes enchentes da cidade até a destruição

quase total dos inúmeros filmes, que registravam a Ação Integralista Brasileira, pelo Comando da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina, nos anos 70.<sup>58</sup>

Na verdade, existem pouquíssimos registros sobre a obra cinematográfica de Baumgarten. A maioria das fontes, dá conta do início de sua atividade no ano de 1932.<sup>59</sup> Porém, pelo menos quatro filmes de curta duração, entre as quase uma hora de imagens fixadas no celulóide pela câmera de Alfredo Baumgarten, que lograram sobreviver ao tempo, revelam registros anteriores que comprovam o início da sua atividade cinematográfica anterior a esta data. São eles: *Inauguração d'uma ponte em cimento armado em Indayal (10/10/26)*<sup>60</sup>, *Enchente em Blumenau, novembro de 1927*, *O Rei da Saxônia em Blumenau, Junho de 1928*, *Imponentes Comemorações do Centenário da Colonização Allemã em São Pedro de Alcantra no dia 15 de novembro de 1929*.

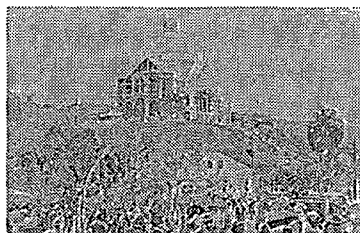


<sup>57</sup> MEDEIROS, op. cit p. 5

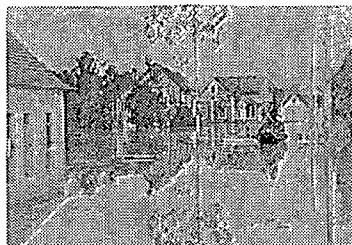
<sup>58</sup> Entrevista, em 21/01/97, gravada por telefone, realizada com o pesquisador Valêncio Xavier, na época Presidente do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro.

<sup>59</sup> Os principais trabalhos sobre os filmes de Baumgarten são: meia página no livro KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Blumenau : Edith Kormann, v. 4, 1996. e o mesmo espaço no livro de autoria de PIRES, José H. N.; DEPIZZOLATTI, Norberto V.; ARAÚJO, Sandra M. *O Cinema em Santa Catarina*. Florianópolis : Ufsc/Embrafilme, 1987.

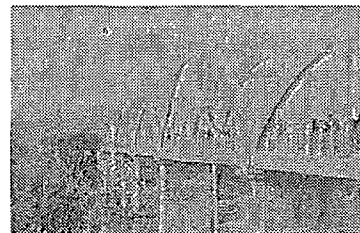
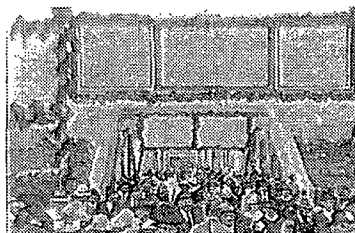
Em São Pedro  
de Alcantra no dia  
15 de Novembro 1929.



Enchente em Blumenau,  
Novembro 1927.



Inauguração d'uma  
ponte em cimento  
armado em Indaial.



6,7,8,9 e 10 -Reproduções de fotogramas de filmes de Alfredo Baumgarten

Baumgarten utilizava uma filmadora de 35 mm, adquirida provavelmente em uma de suas viagens ao Rio de Janeiro<sup>61</sup>, para captar as imagens que ele próprio revelava em seu *atelier*. Embora não tendo provavelmente realizado filmes sonoros, o cinegrafista tinha pelo menos esta pretensão. Conforme publicou o jornal *Cidade de Blumenau*, em 9 de novembro de 1935, informando que a “recém criada A Baumgarten-Filme está filiada à Distribuidora de Filmes Brasileiros e seus filmes serão completamente sincronizados, isto é, musicados e falados”. Provavelmente a sua intenção era a de dar continuidade ao seu trabalho de realização cinematográfica utilizando-se do recurso sonoro nas novas captações e exibições.

<sup>60</sup> FONSECA, Editraud Zimmermann. *Indaial: cidade das plantas e das flores : sua história, sua gente, seus costumes*. Blumenau : Fundação Casa Dr. Blumenau, 1992. 230p.

<sup>61</sup> Entrevista realizada com a Sra. Margareta Clara Medeiros, filha de Alfredo Baumgarten, gravada no dia 18/09/97, em Blumenau.

## A. Baumgarten-Filme

Foi organizado nesta cidade um Laboratório cinematográfico sob o nome de A. Baumgarten Filme e que brevemente lançará ao público os seus primeiros jornais sobre Sta. Catharina.

Esta importante organização está filiada à Distribuidora de Filmes Brasileiros e seus filmes serão completamente sincronizados, legendados, musicados e fallados, constituindo por isso um verdadeiro orgulho para Blumenau. No estado é a primeira que se forma, não se precisando amentar a sua lista.

11 - Cidade de Blumenau, em 09/11/1935

O cinegrafista soube utilizar sua formação de fotógrafo na captação das imagens em movimento. As cenas dos pescadores na praia de Itapema, do antigo ônibus passando pela Ponte Hercílio Luz,<sup>62</sup> do “Vapor Blumenau” chegando na cidade de Blumenau, das cachoeiras do Rio do Oeste, entre outras, são imagens de raríssimas belezas que comprovam a acuidade técnica do realizador. Filmes como *O Palácio Municipal em Ithajaí*, *A Fabrica de Hering Cia* e *Imponentes Comemorações do Centenário da Colonização Allemã - Em São Pedro de Alcantra no dia 15 de novembro de 1929*, são exemplos de imagens de inestimável valor histórico. Nelas, pesquisadores podem encontrar subsídios para trabalhos desenvolvidos em diversas áreas do conhecimento.<sup>63</sup> As cenas do campo e dos arredores da região de Blumenau como as encontrados nos trechos da *Viagem estrada férrea para Hansa*, *Transporte sobre um rio*, *A moradia do caboclo no sertão*, *No pinheral*, *Engenho de Serrar madeira em Warnov*, *Derrubada*, *A mata derrubada* e *Fogo no roçado*, além do natural interesse histórico que essas cenas suscitam, elas podem subsidiar estudos na área geográfica,

<sup>62</sup> Cenas utilizadas no documentário *Ponte Hercílio Luz - Patrimônio da Humanidade* (1996/35mm/31’).

ecológica, entre outras. Dependendo do “olhar” do interessado, algo novo pode surgir das imagens legadas por Alfredo. O fato é que, muito embora grande parte da filmografia de Alfredo Baumgarten tenha sido perdida, os filmes que sobreviveram ao tempo representam ainda um expressivo manancial para estudiosos, e comprovam a importância dos registros cinematográficos como suporte ao trabalho de qualquer historiador.<sup>64</sup>

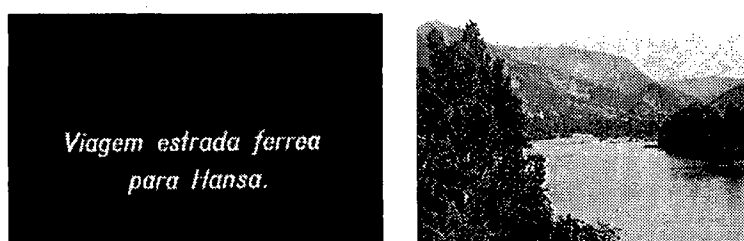
Na verdade, Alfredo Baumgarten, mesmo empunhando uma câmera de filmar, nunca deixou de ser fotógrafo. Quando de posse de uma câmera filmadora, ele fotografava cenas em movimento, com pessoas posando para a câmera como se fora para uma fotografia. Não apenas por esta evidência - que de certa forma para a novidade que representava a filmagem para as pessoas daquela época e região, pode ser considerada como corriqueira - mas principalmente por sua pretensão em relação aos objetos filmados que, parecia, acima de tudo, a de documentar, como fazia com sua máquina fotográfica. Sua câmera registrou belas paisagens e cenas comuns da época. O olhar de Baumgarten demonstrava sua preocupação em documentar imagens bucólicas e simples, como um fotógrafo amador quando ganha sua primeira câmera. Só que Baumgarten tinha uma sólida formação de fotógrafo e logo descobriu a possibilidade de tirar proveito do movimento com sua nova câmera.

No filme *Viagem estrada ferrea para Hansa*, por exemplo, sua câmera está dentro de um trem com vista para um vale e um rio. Imagens tomadas de dentro de

---

<sup>63</sup> O profissional, que trabalha com produções audiovisuais pode, por exemplo, utilizá-las - com as devidas autorizações da Cinemateca Brasileira e de Curitiba - como suporte extremamente enriquecedor de documentários históricos ou de filmes que necessitem da inserção de tais imagens.

trens eram comuns neste período, como concorda Flávia Cesarino Costa.<sup>65</sup> A pesquisadora afirma que o mundo visto a partir do trem, apresentado como uma paisagem que desfila rapidamente diante do retângulo da janela, aludia a uma experiência sensorial da velocidade que era inteiramente inédita. Estava surgindo uma nova percepção do mundo, uma nova forma de ver as coisas, mediatizada pelas formas mecanizadas de deslocamento, mas transformada em percepção visual com o auxílio direto do próprio cinema, uma mídia capaz de reproduzir a sensação da velocidade.<sup>66</sup>



12 - Reproduções de fotogramas de filmes de Alfredo Baumgarten

As panorâmicas eram outro recurso muito utilizado por Baumgarten, como no filme *Bella Alliança*, onde uma carroça passa pela câmera. A autora Flávia Cesarino faz uma interessante abordagem sobre o assunto, comentando que a própria palavra panorama denota também o caráter descritivo destes filmes e sua relação com ancestrais não cinematográficos: os panoramas pintados, populares no século XIX e cujo objetivo era exibir uma paisagem, a partir de um ponto de vista privilegiado, que faz descortinar diante de si uma grande porção de espaço visível.<sup>67</sup>

Segundo Armando Luiz Medeiros, muitos dos filmes realizados por seu avô Alfredo, na década de 30, eram enviados ao DIP, o Departamento de Imprensa e

---

<sup>64</sup> Esse acervo foi recuperado pela Cinemateca Brasileira, na qual os contratipos em 35mm. estão depositados, e encontram-se em bom estado de utilização. Há também cópias em 16mm. na Cinemateca de Curitiba.

<sup>65</sup> COSTA, op. cit., p.27-28.

<sup>66</sup> COSTA, op. cit p. 28.

Propaganda, criado em 1939 por Getúlio Vargas, que selecionava as partes que interessavam a eles, devolvendo-lhe o material restante juntamente com o pagamento de um preço estipulado pelo próprio DIP. Esse negócio era intermediado pelo filho Alfredo, residente no Rio de Janeiro. Porém, a comercialização dos filmes com o DIP foi cedo abandonado, pois, como o pagamento era raramente recebido, o negócio tornou-se pouco compensador e de difícil execução.<sup>68</sup>

Neste ponto, o neto de Baumgarten cometeu, possivelmente, um engano. O *Jornal de Blumenau*, de 9 de novembro de 1935, noticiou que a Distribuidora de Filmes Brasileiros era a empresa à qual Baumgarten estava filiado e, portanto, responsável pela venda dos seus filmes.<sup>69</sup> Um outro dado que evidencia este engano é que o Departamento de Imprensa e Propaganda começou a realizar cine jornais no final de 1938, quando Baumgarten já deixara a atividade de cinegrafista. A pesquisadora Edith Kormann afirma, em um de seus artigos, que os filmes de Alfredo eram distribuídos pela Distribuidora de Filmes Nacionais, a qual, na maioria das vezes não pagava os direitos e não devolvia a cópia<sup>70</sup>. Fato que confirma nossas evidências, apesar da diferença do último nome da distribuidora (o jornal publica “Brasileiros” e a pesquisadora fala “Nacionais”), de não ser o DIP o comprador dos filmes do cinegrafista e sim a Distribuidora de Filmes Brasileiros. Os filmes que restaram da filmografia de Baumgarten e também o depoimento de sua filha, Margareta,<sup>71</sup> revelam que esta comercialização não era o objetivo principal do seu autor. Os registros mostram a intenção do realizador em documentar a cidade e seus arredores, o campo, a mata, a

---

<sup>67</sup> COSTA, op. cit, p. 102.

<sup>68</sup> MEDEIROS, op. cit., p.6.

<sup>69</sup> A. BAUMGARTEN - FILM. *Cidade de Blumenau*, Blumenau, 9 novembro 1935. p.2.

<sup>70</sup> KORMANN, Edith. Cinema em Blumenau. In: *Blumenau em Cadernos*. Blumenau. 1984. 229p.



lavouira, enfim... cenas de difícil negociação comercial. O cinema era uma espécie de *hobbie* para Baumgarten que, de vez em quando, também lhe rendia algum dinheiro.

Como membro atuante da Ação Integralista Brasileira, Alfredo filmou diversos acontecimentos políticos, principalmente aqueles que tinham alguma relação com o Movimento Integralista. O jornal *Cidade de Blumenau*, de 30 de outubro de 1935, publicou: “amanhã, quinta-feira, na tela do cinema Busch, será exibido o film de grande actualidade, O Congresso Integralista, que realizou-se nesta Cidade em 6 de Outubro. É uma reportagem da Baumgarten film”.<sup>72</sup> Este filme, intitulado “*Primeiro Congresso Meridional Integralista*”, ou o primeiro rolo dele, acabou sendo achado pelo autor desta pesquisa em mãos de particulares. O primeiro e único rolo encontrado, com aproximadamente 4 minutos de duração, mostra interessantes imagens dos Integralistas chegando em Blumenau. As imagens levam a crer que o filme não era constituído originalmente de apenas um rolo, pois estas mostram apenas cenas iniciais do Congresso.<sup>73</sup> O segundo intertítulo mostra que o filme foi realizado no dia 7 de outubro de 1935, em comemoração a data do 3º Aniversário da Ação Integralista Brasileira, sendo o primeiro Congresso das Províncias do Sul do Brasil. A maioria dos livros sobre o movimento Integralista fala deste Congresso como um dos maiores, senão o maior, Encontro de Integralistas já realizados. Porém, estas mesmas fontes diferem no número de pessoas, que vai de 15 a 50 mil congressistas. O fato é que não se tem dúvidas de que tratava-se de um acontecimento histórico na política catarinense e brasileira. A localização e o resgate deste filme são um dos frutos desta pesquisa. O pesquisador e integralista José Ferreira da Silva parece estar relatando algumas cenas do filme de

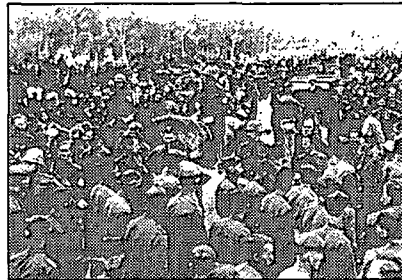
---

<sup>71</sup> Entrevista realizada com a Sra. Margaretha Clara Medeiros, filha de Alfredo Baumgarten, gravada no dia 18/09/97, em Blumenau.

<sup>72</sup> EXIBIÇÃO. *Cidade de Blumenau*, Blumenau, 30 outubro 1935.p2.

Baumgarten ao descrever o importante acontecimento publicado em um artigo intitulado *O Integralismo em Blumenau*.<sup>74</sup> No texto o escritor relata, “Jamais Blumenau vira uma apoteose como a que os camisas-verdes prepararam ao seu chefe supremo que, pela segunda vez, visitava esta cidade. O trecho compreendido entre a estação da Estrada de Ferro Santa Catharina e a Igreja Matriz, ficou completamente tomado pelos camisas-verdes que, formados de um e de outro lado da rua, deram passagem, sob vibrantes ‘anauês’, ao Chefe Nacional e sua comitiva”.

... são os protagonistas. Também  
será exibido Quinta-feira  
amanhã na tela Cinema Bus-  
ch o film de grande actuali-  
dade 'O CONGRESSO INTE-  
GRALISTA', que realizou-se  
nesta Cidade em 6 de Outu-  
p. p. É uma reportagem com-  
pleta de Baumgarten film.



13 - Cidade de Blumenau, de 30/10/1935

14 - Baumgarten filmando integralistas



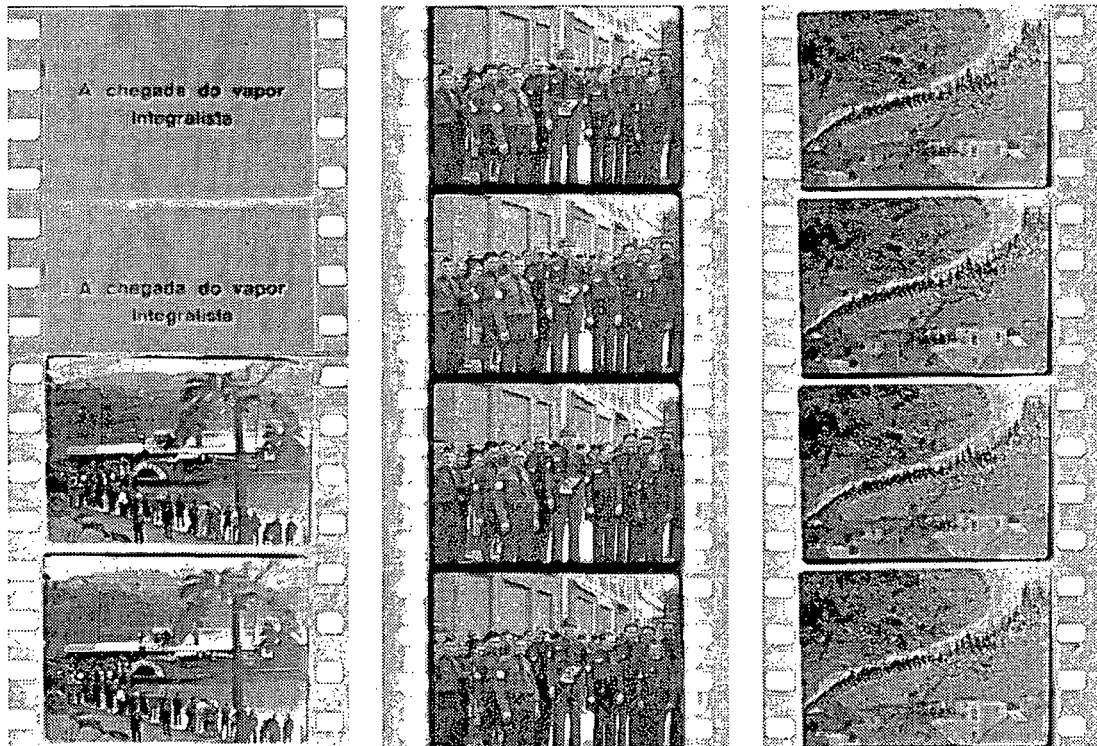
15 - Fotogramas do documentário de Baumgarten sobre o Congresso Integralista de 01/09/1935

A maior parte dos filmes *Integralistas* de Baumgarten não teve a mesma sorte, sobrevivendo somente até o final dos anos 70. Quem afirma é o reconhecido pesquisador do cinema brasileiro, Valêncio Xavier. Ele contou que nesse período soube da existência de alguns desses filmes no Quartel da Polícia Militar de Santa Catarina, em Florianópolis, juntamente com materiais que haviam sido detidos pela polícia. Valêncio tentou, sem sucesso, resgatar os filmes presos no quartel. Meses depois, tendo

<sup>73</sup> Ver catalogação e decupagem do filme nos anexos deste trabalho.

<sup>74</sup> SILVA, José Ferreira da. *O Integralismo em Blumenau* (Histórico e estatísticas). Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. 1935.

assumido a direção da Cinemateca de Curitiba, Valêncio voltou a Florianópolis na tentativa de conseguir a liberação dos filmes e recebeu a triste notícia de um crime cultural - os filmes foram incinerados pela polícia. A notícia foi confirmada por diversos policiais que participaram da queimada.<sup>75</sup> E, com a queima de documentos importantes, novamente o resgate histórico demonstrou sua fragilidade.



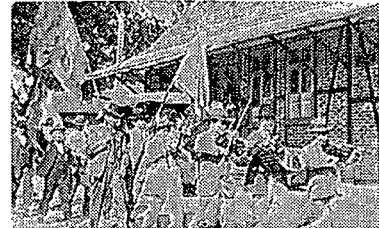
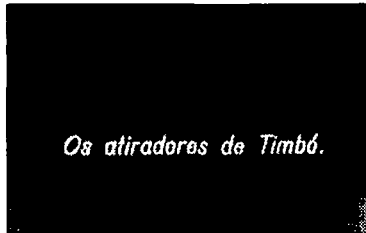
16 - Fotogramas do documentário de Baumgarten sobre o Congresso Integralista de 01/09/1935

A atividade cinematográfica, cada vez mais dispendiosa e de raro retorno financeiro, tornara-se insustentável para Baumgarten, que praticamente pára de filmar no fim dos anos 30. Armando Luiz Medeiros relata que uma parte do acervo de seu avô, aproximadamente umas 25 latas de 400 pés (120 metros) de filme, foi vendida por volta de 1953, para uma pessoa desconhecida.<sup>76</sup>

<sup>75</sup> Entrevista, gravada por telefone, realizada com Valêncio Xavier, em 21/01/97.

<sup>76</sup> Depoimento de Armando Luiz Medeiros, em entrevista, via fax, ao autor desta pesquisa, em 17/02/97.

Baumgarten foi também membro ativo da Shützenverein, a Sociedade dos Atiradores, até a interrupção de suas atividades pela guerra e sua ocupação como quartel do Batalhão do Exército<sup>77</sup>. A “Sociedade” também aparece em seus filmes.



17 - Fotogramas do filme *Os Atiradores de Timbó*, de Alfredo Baumgarten.

Em 1943, Alfredo transferiu seu negócio de fotografias para o filho Hans e aposentou-se. Mesmo assim ainda continuou realizando alguns trabalhos especiais: o retoque de chapas no *atelier* do filho e alguns serviços fotográficos especialmente encomendados.

Alfredo Baumgarten faleceu em Blumenau, no dia 17 de novembro de 1967, aos 84 anos de idade, de morte natural.



18 - Margareta Medeiros, filha de Alfredo Baumgarten

---

<sup>77</sup> MEDEIROS, op. cit., p.6.



#### 4 - José Julianelli - O mascate cinegrafista

José Julianelli nasceu em São Constantino di Rivoli, na Itália, no dia 19 de março de 1883. Filho de Francisco Julianelli e de Ângela Lagga Julianelli, veio para o Brasil, chegando no Rio de Janeiro, como vendedor ambulante acompanhando seu pai. Posteriormente, seu pai retornou para a Itália, deixando-o no Brasil. O mascate italiano aprendeu a se virar desde cedo, e durante toda a sua vida não lhe faltaram profissões.<sup>78</sup>

Julianelli iniciou seus empreendimentos em terras catarinenses, no início deste século<sup>79</sup>, com a compra de um tigre, o qual era colocado em exposição.<sup>80</sup> A visitação do

---

<sup>78</sup>Os dados biográficos de José Julianelli foram retirados do livro: KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Blumenau : Edith Kormann, v. 4, 1996. 59p., e, também, da certidão de casamento de José Julianelli com Ana Briss, livro n° 8, fls. 199-200 do Cartório de Registro Civil de Casamentos Octávio Dias Junior, na cidade de Curitiba, Paraná.

<sup>79</sup> A data exata do início de suas atividades não foi possível precisar.

público lhe proporcionava alguns rendimentos. O negócio cresceu e foi formado o circo “Pavilhão Recreativo”. Naquela época, por volta de 1909, Julianelli entrou em contato com a Pathé Frères de Paris e trouxe, do Rio de Janeiro, um cinematógrafo, que passou a funcionar como mais uma atração do Pavilhão.<sup>80</sup> A estréia do cinematógrafo foi no Teatro São José, como comprova o anúncio do jornal *Blumenauer Zeitung*, muito embora o aparelho tenha sido utilizado inicialmente como uma das atrações do “Pavilhão Recreativo”. Esta é a data provável do início das atividades de José Julianelli como exibidor itinerante de fitas cinematográficas, ou como se costuma chamar, o cinematógrafo ambulante.



20 - Proclamas dos filmes exibidos por Julianelli.

O primeiro cinematógrafo foi vendido para Francisco Serrador e Julianelli adquiriu um aparelho mais moderno. O “Pavilhão Recreativo” progrediu para “Circo de

<sup>80</sup> Este dado foi confirmado por três fontes, quais sejam: KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Blumenau : Edith Kormann, v. 4, 1996. 59p; PIRES, José H. N.; DEPIZZOLATTI, Norberto V.; ARAÚJO, Sandra M. *O Cinema em Santa Catarina*. Florianópolis : UFSC, 1987. p. 23; e pela entrevista gravada com Francisco Julianelli, em Blumenau, no dia 19/02/97.

<sup>81</sup> O jornal *Blumenauer Zeitung*, de Blumenau, de 28 de agosto de 1909 publicou o seguinte anúncio: “Theatro S. José. Hoje! Sabbado Hoje! Estrêa Hoje Empreza Julianelli Grande Espectaculo do maravilhoso e aperfeiçoado Cinematographo “Pathé”os unicos aparelhos firmes e sem trepidação. Projecções com grande nitidez. Verdadeiro espetaculo da moda moral, recreativo e instructivo para exmas. Familias. Fitas de arte e da actualidade de grande effeito. Ultima invenção da Casa Pathé Frères.

Variedades” e a iluminação passou de gás carbureto para um motor Aster a querosene, com dínamo de 110 volts. O motor servia para iluminar o circo e dar funcionamento ao novo cinematógrafo.<sup>82</sup> Um trecho do panfleto de propaganda do circo destaca o seguinte texto: “O célebre Rei dos illusionistas o inimitável Sr. Julianelli. Nigromatico, Escamoteador, Prestimano, Magnitizador, Hypnotizador, Mímico e a distinguida Miss Maggi, a mulher impalpavel. Cherina! Estupendo phenomeno científico. Dará fim ao espectáculo com uma secção cinematographica”.<sup>83</sup>

Numa interpretação atual, o panfleto revela uma forma de propaganda apelativa e sensacionalista, para os olhos da época, nem tanto. Naquele momento, o cinema ainda era apresentado apenas como mais uma atração num circo de variedades, ou seja, o cinema era ainda um coadjuvante. O historiador francês Marc Ferro afirma que, “o filme era considerado como uma espécie de atração de quermesse”.<sup>84</sup> Embora já estivesse causando grande curiosidade nos mais atentos e fechando o espetáculo do “Circo Variedades”, a sétima-arte apenas iniciava seu processo mágico de persuasão de aficionados no Estado, que a tornou a grande arte do século XX. De cidade em cidade, José Julianelli foi, pouco a pouco, se convertendo num personagem da região, mas sua grande popularidade estava, também, apenas começando.

Um dos filmes exibidos com frequência por Julianelli foi *A Paixão de Cristo*. A fita despertava grande interesse no público e seu enredo facilitava a compreensão do público através de uma linguagem que estava dando seus primeiros passos. Tratava-se

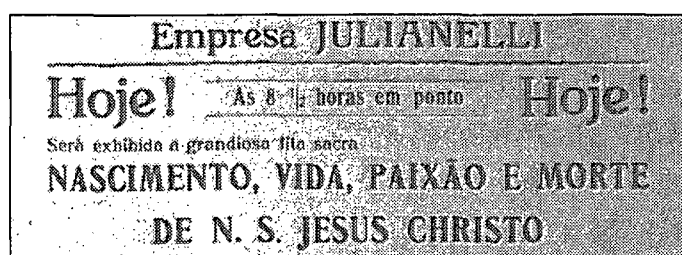
---

No dia do espectáculo será distribuído cronogramma. Todos ao Theatro S. José! Ver para crer!”. O mesmo anúncio foi publicado em alemão, abaixo deste.

<sup>82</sup> KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Blumenau : Edith Kormann, v. 4, 1996. 59p.

<sup>83</sup> Panfleto de propaganda do Circo Variedades, de José Julianelli.

da projeção de quadros vivos, que descreviam os diferentes momentos da vida de Cristo, dividida em sete partes, conforme panfleto promocional do filme.<sup>85</sup>



21 - Propaganda da Empresa Julianelli.

Julianelli viajava freqüentemente para a cidade de Curitiba, a fim de rever amigos, anos depois, também para buscar fitas, e sempre aproveitava para fazer alguns bicos, como sapateiro. Lá, conheceu Anna Briss, natural da Rússia, com quem casou-se, no dia 24 de dezembro de 1904. Em seguida, o casal viajou com o circo para o Rio Grande do Sul, onde naturalizaram-se brasileiros. Do casamento com Anna Briss, Julianelli teve dois filhos: Ângela, que faleceu cedo, e Francisco, nascido no ano de 1915, e que, desde menino, acompanhou os passos do pai no circo e no cinema.<sup>86</sup> Um pouco mais tarde, numa forma de indenização, Julianelli deixou o circo em Corupá-SC, para os artistas que nele trabalhavam.<sup>87</sup>

Na primeira década do século XX, é possível afirmar que, em Santa Catarina, o cinema estava ligado ao espetáculo de variedades, a principal forma de exibição dos filmes no estado à época. A Empresa Julianelli foi um dos cinematógrafos ambulantes mais atuante em Santa Catarina. O jornal *Blumenauer Zeitung* publicou, no dia 28 de agosto de 1909, um convite, escrito em alemão e português, com a seguinte chamada:

<sup>84</sup> FERRO, Marc, op. cit., 83p.

<sup>85</sup> Panfleto de propaganda da Empresa Julianelli.

<sup>86</sup> Francisco Julianelli, completou 82 anos em 1997, reside em Blumenau, e concedeu entrevista ao autor desta pesquisa no dia 19/02/97.

<sup>87</sup> Entrevista gravada com Francisco Julianelli, em Blumenau, no dia 19/02/97.



“Todos ao Teatro São José! È ver para crer!”<sup>88</sup>. Naquele período o “Blumenauer” já estava nas mãos de Alfredo Baumgarten. É possível que este tenha sido um dos primeiros encontros na vida profissional dos dois pioneiros do cinema catarinense - Julianelli e Baumgarten. Uma amizade e uma concorrência que, segundo Francisco Julianelli, nunca se efetivaram por completo. “Eles não eram amigos assim de bater no peito, mas não tinha concorrência, cada um cuidava de si. Papai não era daqueles de guardar rancor de fulano ou de ciclano. Fazia o dele e o resto que faça também”.<sup>89</sup> O convite publicado no “*Blumenauer*” revelou também a tentativa da Empresa Julianelli de exibir filmes em Teatro ou Salões, e numa espécie de consórcio com algumas distribuidoras de filmes, como a Empresa Júlio Moura Cinemathógrapho Pathé e a Sylla Cinemathógrapho Pathé. Observa-se aqui, com alguns anos de atraso, uma tendência mundial iniciada nos Estados Unidos, enfatizada pela pesquisadora Flávia Cesarino Costa, na qual os filmes passam a ser exibidos como atrações e, devido ao sucesso do empreendimento, grandes armazéns eram transformados em cinema do dia para a noite. Além disso, o surgimento de distribuidores de filmes, substituindo o antigo sistema de venda direta pelo aluguel da fita, revela outra tendência do início da industrialização mundial do cinema.<sup>90</sup> Neste período, o cinema foi a principal atividade de Julianelli.

No final dos anos 10, Julianelli deixou o cinema num segundo plano e adquiriu um Ford-Bigode, com o qual iniciou uma empresa de transporte de cargas e passageiros, fazendo a linha entre Jaraguá – Blumenau, e, eventualmente, Florianópolis. Naquela época, as estradas eram de barro, ruins para este tipo de transporte, e nas viagens acontecia de tudo, como recorda seu filho Francisco: “Uma vez aconteceu uma farra

---

<sup>88</sup> PIRES, José H. N.; DEPIZZOLATTI, Norberto V.; ARAÚJO, Sandra M. *O Cinema em Santa Catarina*. Florianópolis : UFSC, 1987. p. 23.

<sup>89</sup> Entrevista gravada com Francisco Julianelli, em Blumenau, no dia 19/02/97.

(risos), deu uma dor de barriga numa velha, ela começou a gritar, um carro de boi atrapalhou a viagem e a velha fez o serviço no próprio caminhão”.<sup>91</sup> A rodoviária, na época, funcionava na Casa São José, atualmente a Praça João Mosimann, na qual Julianelli estacionava. Quando necessário, utilizava também a garagem do Hotel Holetz.<sup>92</sup>

Com o surgimento de ônibus mais modernos e a evidente falta de competitividade do transporte de sua empresa, Julianelli colocou novamente o cinema à frente de seus negócios. Só que, desta feita, com um adendo que vai lhe marcar para o resto de sua vida. Julianelli adquiriu uma câmera 35 mm e passou a documentar eventos sociais, e, principalmente, políticos da região do Vale do Itajaí e de Joinville. Exercendo o cinema de cavação<sup>93</sup>, ou como cinegrafista ambulante, José Julianelli tornou-se um personagem bastante popular na região. “Nas cidades, as pessoas aguardavam com ansiedade pelo papai, pois ele trazia a grande novidade da época, que era o cinema. Ele filmava com um aparelho grande virado a manivela e sustentado por um tripé. Além disso, papai era muito charmoso, sabia lidar com o pessoal, né. Naquela época, vinha um sujeito desse, de gravata e tal, então já viu. As mulheres andavam tudo bem vestida, e quando chegava um cara assim bem vestido, de colarinho e gravata, sempre na boa pinta, onde ele chegava arrumava alguma coisa”<sup>94</sup>, lembra seu Francisco. Neste período, José Julianelli casou-se pela segunda vez com Bertha Schill, com quem teve, mais tarde, outro filho: Antônio.

---

<sup>90</sup> COSTA, op. cit., pp.28-29.

<sup>91</sup> Entrevista com Francisco Julianelli, op. cit.

<sup>92</sup> KORMANN, op. cit., p.61.

<sup>93</sup> Expressão utilizada para denominar alguns cinegrafistas que aproveitam da novidade do cinema para a época, e rodavam suas câmeras, normalmente, em praça pública para, posteriormente, cobrar ingresso e projetar os filmes para o próprio público. Só que alguns cinegrafistas não colocavam filme na câmera e enganavam o povo. Pelo que sabemos, não era o caso de Julianelli. Os cavadores também exploravam eventos políticos.

A data exata da primeira produção de José Julianelli, não nos foi possível precisar com exatidão. O jornal *A Cidade*, de 9 de janeiro de 1926, noticia que foi projetado no Cine Busch o filme sobre o dia 15 de novembro de 1925 em Blumenau, rodado por ocasião dos festejos do 75º Aniversário da Fundação do Município<sup>95</sup>. O jornal coloca este como o segundo filme realizado por Julianelli. Sendo assim, o italiano deve ter começado a filmar poucos anos antes desta data.



22 - *A Cidade*, de 09/01/1926

Mas, como observou o francês Jean-Louis Comolli, não há texto de história do cinema que não se desacerte todo na hora de estabelecer uma data de nascimento, um limite que possa servir de marco para se dizer: aqui começa o cinema.<sup>96</sup> Grande parte da filmografia de Julianelli também foi perdida ou deteriorada ao longo dos anos. Seus filmes, que ainda temos conhecimento da existência, ficaram em poder da viúva até o início dos anos 70, e por uma dessas boas coincidências do destino, eles foram salvos.<sup>97</sup> Marcondes Marchetti<sup>98</sup>, na época residente no município de Ibirama, soube da existência dos filmes através do proprietário de um antiquário do município de Rodeio, Sr. Natal

<sup>94</sup> Entrevista com Francisco Julianelli, op. cit.

<sup>95</sup> UM FILM BLUMENAUNSE. *A Cidade*, Blumenau, 9 janeiro 1926. p.1.

<sup>96</sup> COMOLLI, Jean-Louis. *Technique et ideologie (I)*. *Cahiers du Cinéma*, Paris, 230, juillet 1971.

<sup>97</sup> Veja relação comentada dos filmes de Julianelli que foram recuperados, no fim do capítulo.

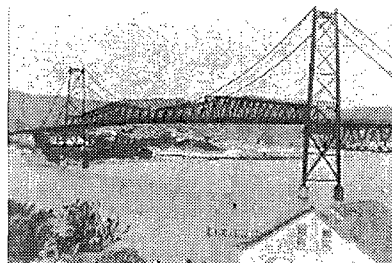
<sup>98</sup> Empresário, Deputado Estadual em Santa Catarina no período de 1982-86, e ativista cultural.

Trevisani. Marchetti não contou tempo e foi verificar o material. “As latas estavam debaixo de uma escada, totalmente enferrujadas, e os filmes se encontravam bastante deteriorados. Comprei os filmes mudos que por sorte eram os produzidos por Julianelli e, portanto, sobre Santa Catarina”.<sup>99</sup> Juntamente com os filmes, Marchetti adquiriu intertítulos originais, escritos em cartolinas, utilizados pelo cinegrafista e também materiais promocionais dos filmes. Em seguida, num acerto com o pesquisador, Valêncio Xavier, da Cinemateca de Curitiba, e com a Cinemateca Brasileira, os filmes foram recuperados e hoje estão depositados nestas duas Instituições. Existem também algumas cópias em 16 mm no arquivo histórico de Blumenau. A produção mais antiga deste acervo é *Setenta e cinco anos da fundação de Blumenau*, com sete minutos e quatorze segundos de duração, realizado em 1925.

Julianelli exerceu o cinema de cavação, realizando filmes conhecidos como “atualidades”, nos quais apareciam cenas da vida cotidiana, desfiles e multidões nas ruas, e eventos sociais. Sua renda, segundo o filho Francisco, vinha apenas da cobrança dos ingressos. “Ele não cobrava desse pessoal (se referindo aos políticos da época), cobrava na exibição. Papai tinha um grande prazer em fazer o filme, pra depois mostrar, como quem diz: Fui eu que fiz”.<sup>100</sup> Um cinema de cavação que, de certa forma, se propunha a ganhar dinheiro seduzindo o espectador para a novidade de poder identificar-se na tela, ou apenas de assistir ao nascimento da Sétima Arte. Porém, nada tira a importância do manancial de imagens deixadas por este pioneiro do cinema catarinense. Alguns trechos do filme da Ponte Hercílio Luz, juntamente com poucos segundos filmados por Baumgarten, por exemplo, são possivelmente as únicas imagens que se tem conhecimento da cidade de Florianópolis dos anos 20.

---

<sup>99</sup> Entrevista gravada com Marcondes Marchetti no dia 10/04/97.



23 - Fotogramas do filme de Julianelli sobre a Ponte Hercílio Luz.

O cineasta e pesquisador catarinense, Sylvio Back, fez uma colocação bastante contundente num artigo escrito para a Folha de São Paulo.

“... À época do seu auge nas primeiras décadas, o cinema de cavação se propunha a ganhar dinheiro seduzindo o espectador para ‘novidade’ da Sétima Arte. Enquanto isso, seu conteúdo turvava-lhe a miséria cotidiana para idealizar e promover governantes e mecenas. Hoje, porém, esse acervo ainda que contaminado é de grande valia. Com o passar dos anos suas imagens perderam a pertinência ideológica, mas não a histórica. O tempo as desmobilizou criticamente. Do utilitário cinema de cavação, resta um inestimável retrato do país”...(BACK, 1997, p.3).

De fato, José Julianelli, um autodidata que também revelava seus próprios filmes, realizou sua filmografia sob a ótica do poder, qual seja: filmagens de inaugurações, presenças constantes de autoridades, sejam elas políticas ou eclesiásticas, do âmbito local, regional ou mesmo nacional. Raramente a câmera de Julianelli esteve apontada para o homem simples, para o colono, ou melhor, para o povo. O título e o conteúdo de três matérias publicadas no jornal *O Tempo* revelam essas tendências de propaganda oficial dos filmes realizados por Julianelli.

Título: *Films de Blumenau*. Texto: O sr. Julianelli, habil operador cinematographico, tirou, durante a excursão do Dr. Adolpho Konder á Blumenau, varios aspectos daquelle municipio. Esses aspectos filmados foram ali exhibidos, causando excellente impressão. Por estes dias o sr. Julianelli exhibirá nesta capital os films de Blumenau por elle organisados.<sup>101</sup>

<sup>100</sup> Entrevista com Francisco Julianelli, op. cit.

<sup>101</sup> O jornal *O Tempo*, número 58, ano II, editado em Florianópolis, 13 (Sábado) de março de 1926, publicou, na primeira página.

FILMS DE BLUMENAU  
 O sr. Julianelli, habil operador cinematographico, tirou, durante a excursão do dr. Adolpho Konder a Blumenau, varios aspectos daquelle municipio.  
 Esses aspectos filmados foram ali exhibidos, causando excellentissima impressão.  
 Por estes dias o sr. Julianelli exhibira nesta capital os films de Blumenau por elle organizados.

24

Título: *Films Catharinenses - Utilissima propaganda do desenvolvimento do nosso Estado - Aspectos de Blumenau, Brusque e Nova Trento - Brilhante recepção ao Dr. Adolpho Konder - 75 anniversario da fundação de Blumenau*



25

Texto: Acha-se, nesta capital o sr. José Julianelli, proprietario e operador

do Cine Photographico Universo Film, de Blumenau, empreza de propaganda industrial, cultura, commercio e lavoura. O sr. Julianelli vem exhibir nesta capital os importantes films, em 6 partes do florescente municipio de Blumenau, recém-tirados.

Aproveitando a visita do sr. dr. Adolpho Konder, illustre deputado federal, na sua triumphal excursão ao norte do Estado, o sr. Julianelli filmou os aspectos da sua brilhante recepção, dando-nos com toda nitidez o que foram as homenagens ali prestadas ao eminente politico.

São exhibidos a chegada do vapor Blumenau, conduzindo a banda de musica de Itajahy, o seu desembarque, a multidão aguardando a chegada do eminente catharinense que viajava em automovel; a recepção feita em frente ao Hotel Holetz pela população e politicos blumenauenses, a solennidade da entrega de bouquets de flôres e a saudação de uma senhorinha.

Tambem serão exhibidos films das festas commemorativas do 75. Anniversario da fundação da colonia de Blumenau.

É, sem duvida, um excellent trabalho cinematographico esse que põe aos olhos do espectador o desenvolvimento e o progresso realizado pelas colonisações allemã e italiana naquelle municipio, dentro de 75 annos.

Conforme noticiamos, realisaram-se bellissimas festas commemorativas, tendo a população posto a rua um prestito allegorico, allusivo á entrada da primeira leva de immigrants que enfretou as mattas virgens de Blumenau.

Em varios carros succedem-se os aspectos daquelle municipio, atravéz das suas differentes phases de progresso até aos nossos dias.

A figura veneranda do dr. Blumenau, fundador da então colonia Blumenau, teve tambem a sua homenagem nesse expressivo prestito.

O sr. Julianelli apanhou com muita felicidade todass essas scenas, que iremos apreciar, quinta-feira, nas telas do Theatro Álvaro de Carvalho e Ponto Chic.

Alem desses, serão exhibidos os films da Fabrica de Tecidos e Cortinados Renaux S.A., onde se vêem as secções de machinismos modernos e mais aperfeiçoados existentes no Estado; a sua producção e os differentes processos por que ella passa.

Serão focalizados o panorama completo da cidade industrial de Brusque e a festiva recepção do Cav. C. Vecchiotti consul italiano, ás colonias italianas daquelle municipio e á Municipalidade onde foi recebido pelas altas auctoridades, politicos, etc.

Teremos tambem os films de Nova Trento, com aspectos da Municipalidade e todas as auctoridades locais e de um dia de festa.

O sr. Julianelli apresenta a realisacão da grande festa de 7 de Setembro em Blumenau por occasião da entrega da rica bandeira nacional por parte da população, blumenauense a 9ª Companhia de Metralhadoras Pesadas, sob o commando do bravo capitão Thomé Rodrigues.

Esses films catharinenses trabalhados com a perfeição artistica que lhe empresta a proficiencia do operador habil sr. Julianelli, têm despertado grande interesse por todos que amam o engrandecimento de Santa Catharina.

Amanhã, o Theatro e Ponto Chic terão enorme concurrencia para assistir á passagem dos films de propaganda de nosso Estado.

Os films serão exhibidos amanhã, têm as legendas em portuguez e allemão para melhor facilitar a sua leitura áquelles que não conhecem bem o nosso idioma.

Hoje, ás 15 horas, serão focalizados no Ponto Chic, os films catharinenses em sessão especial, dedicada ao exmo. sr. cel. Pereira Oliveira, governador do Estado, altas auctoridades e a imprensa.<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup> O jornal *O Tempo*, número 61, ano II, editado em Florianópolis, 17 (Quinta-feira) de março de 1926, primeira página.



26

Texto: No Theatro Alvaro de Carvalho e no Ponto Chic, serão hoje ás 20 horas, exhibidos, os grandiosos films catharinenses, trabalhados pelo sr. José Julianelli, proprietario e operador da Universo Film, de Blumenau, empreza de propaganda da nossa industria, da nossa lavoura, do nosso commercio, etc.

Os films, de hoje, constam conforme dissemos, hontem, de aspectos de Blumenau, Brusque e Nova Trento, exhibindo a chegada e recepção do dr. Adolpho Konder; as festas commemorativas do 75º anniversário da fundação de Blumenau, recém realizadas, aspectos industriaes e panoramas de todos aquelles municipios.

Além de attrahentes pela sua nitidez perfeita, os referidos films attestam brilhantemente o desenvolvimento, a grandeza daquellas ricas circumscripções do nosso Estado.

Todos os que se interessam pelo engrandecimento de S. Catharina devem comparecer, hoje, ás sessões do Theatro e Ponto Chic para apreciar o que se passa em Blumenau, Brusque e Nova Trento.

Os preços para as sessões desta noite são os seguintes: Theatro: Frizas e Camarotes 6\$000; Cadeira 1\$000; Geraes \$600.

No Ponto Chic: entrada 1\$500.

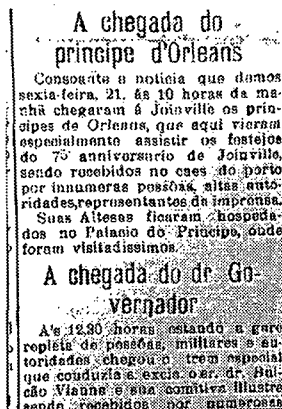
Realisou-se, hontem, ás 15 horas, no Ponto Chic a sessão especial, dedicada ao exmo. sr. cel. Pereira Oliveira, Governador do Estado, e altas autoridade.

Compareceram o exmo. sr. Governador, acompanhado dos srs major Elpidio Fragoso, oficial do gabinete; capitão João Cancio, ajudante de ordens; Antonio Sbissa, auxiliar de gabinete; dr. Ulysses Costa, secretario do Interior; dr. Bulcão Vianna, Presidente do Congresso do Estado; desembargador Anthero de Assis, Chefe de Polícia; dr. Fúlvio Aducci, Superintendente Municipal; dr. Mario Abreu, delegado Fiscal; deputado Carlos Wendhausen, dr. Oscar Ramos, redactor-chefe desta folha; cel João Guimarães Cabral, superintendente de Laguna; capitão Cantidio Regis, delegado de Policia; Herculano Freitas, Julio Moura, Alberto Barbosa, agente fiscal; Pascoal Simone, Miguel Napoli, Heitor Souza representante d'O Estado e outros.

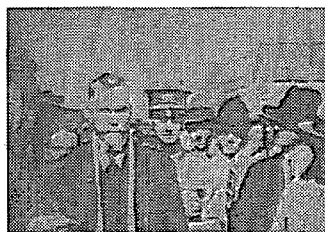
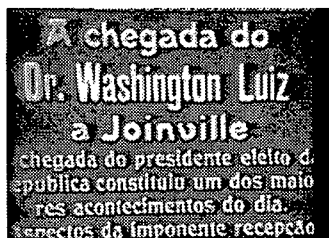


A exibição dos films catharinenses causou excelente impressão e constitue uma admiravel surpresa para os que conhecem Blumenau, Brusque e Nova Trento.<sup>103</sup>

Assim como em muitos dos documentos históricos, a descoberta do acervo de José Julianelli também revela um cinema visto pelas lentes oficiais, dos grandes acontecimentos, inaugurações, enfim... Mas, isso não significa que tais imagens deixem de servir como importantes instrumentos de pesquisa para inúmeros aspectos da história de Santa Catarina. Ao contrário do que se pode pensar, pelo que os filmes de Julianelli mostram, ou até mesmo pelo seu avesso (pelo que deixam de mostrar), o acervo revela retratos e momentos significativos da sociedade catarinense.



27



28 - Fotogramas do filme de Julianelli.

A câmera de Julianelli estava centrada na cidade de Blumenau. Porém, além de alguns minutos da cidade de Florianópolis - rodados no período no qual a Ponte Hercílio Luz estava pronta, mas não tinha sido inaugurada, mais exatamente no dia 17 de março

<sup>103</sup> O jornal *O Tempo*, número 62, ano II, editado em Florianópolis, 18 (Quinta-feira) de março de 1926, publicou, na primeira página.

de 1926<sup>104</sup>, o cinegrafista ambulante também andou por Joinville, onde filmou bastante, São José, São Pedro de Alcântara, Brusque e outras cidades da região do Vale do Itajaí.

Um colecionador de carros e comerciante paulista, conhecido como Spinello, foi quem comprou os equipamentos de filmagem, projeção e a outra parte do acervo dos filmes, que continham fitas sonoras. O pesquisador Valêncio Xavier, que realizou um trabalho de catalogação nos filmes comprados pelo comerciante paulista, afirma que estes não eram de autoria de José Julianelli.<sup>105</sup> Algumas informações dão conta que José Julianelli realizou também filmes sonoros.<sup>106</sup> O certo é que ele continuou trabalhando com exibição de filmes até o final dos anos 40. Marcondes Marchetti acredita que o cinegrafista também tentou realizar um filme de ficção. Pois, quando adquiriu os filmes mudos, a viúva mostrou-lhe revólveres e algumas peças de figurinos, que Julianelli estava guardando para utilizá-los em seu próximo filme.<sup>107</sup> Esta informação, também foi confirmada por seu filho Francisco.



29 - Francisco Julianelli, filho de José Julianelli.

<sup>104</sup> Films de Florianópolis. *O Tempo*. Florianópolis, (quinta-feira), 18 de março de 1926. Ano II. Número 62. Página 2.

<sup>105</sup> Depoimento, gravado por telefone, realizado com Valêncio Xavier, em 21/01/97

<sup>106</sup> PIRES, José H. N.; DEPIZZOLATTI, Norberto V.; ARAÚJO, Sandra M. *O Cinema em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1987. 24p.

José Julianelli era um homem múltiplo, assumindo as profissões de vendedor, dono de circo, ilusionista, sapateiro, cinegrafista, exibidor de filmes, motorista, dono de empresa de ônibus e fretes, dono de olaria, químico, fabricante de remédios à base de ervas - ele foi de tudo na vida. Mas, o que o tornou um homem extremamente popular em vida e o eternizou depois de sua morte, foi o cinema.

O mascate italiano naturalizado brasileiro faleceu em Blumenau aos 88 anos de idade, no dia 18 de maio de 1971. O jornal “A Nação”, de Blumenau, noticiou sua morte no dia 25 de maio de 1971, apenas quatro anos após a morte de Baumgarten.<sup>108</sup>

---

<sup>107</sup> Entrevista gravada com Marcondes Marchetti no dia 10/04/97.

<sup>108</sup> FALECIMENTO - Sr. José Julianelli. *A Nação*, Blumenau, 25 maio 1971.p.5.

## **5 - Uma pequena análise comparativa**

### **5.1 - Os dois Pioneiros - diferenças e aproximações.**

Alfredo Baumgarten e José Julianelli não foram apenas contemporâneos, mas nasceram no mesmo ano, em 1883; filmaram basicamente no mesmo período, nos anos 20 e 30; e atuaram na mesma região, o vale do rio Itajaí. Mesmo assim, os pioneiros do cinema catarinense tiveram diferentes formações e estilos distintos, com preocupações estéticas (ainda que a maioria instintivas) e outras características particulares que os diferenciaram entre si.

É interessante também notar, neste capítulo, apesar da falta de identificação do ano de realização dos registros cinematográficos na maioria dos filmes, como é possível precisar, com razoável proximidade, a época da obtenção dos registros. Para isso, são estudadas as regiões e os anos quando eles se encontravam em atividade, e também são examinadas cuidadosamente as imagens, as quais oferecem subsídios para interpretações plurais daquele período. Algumas aproximações e comparações, entre os dois cinegrafistas e suas obras propostas neste capítulo, são apenas uma pequena vertente das inúmeras possibilidades que tais fontes podem oferecer a todo tipo de estudioso, pois um dos principais objetivos deste trabalho, é, antes de mais nada, resgatar e mostrar a importância do acervo legado por Julianelli e Baumgarten.

## 5.2 Influências

Alfredo teve influências marcantes do seu pai, Hermann Baumgarten, herdando deste, não apenas o jornal *Blumenauer Zeitung* - primeiro e um dos principais jornais de Blumenau na época - mas, sobretudo, a sólida formação política e religiosa (luterana). Seguindo a tradição do pai, republicano militante, correligionário e companheiro de Hercílio Luz, Alfredo teve participação ativa na vida política da cidade, por sua atuação jornalística e por sua atuação partidária, como membro da Ação Integralista Brasileira, pela qual foi eleito vereador em 1934, tendo sido vice-presidente da legislatura presidida por Ferreira da Silva.<sup>109</sup> Como em outros estados brasileiros, em Santa Catarina, a Ação Integralista Brasileira, fundada e dirigida por Plínio Salgado, ganhou terreno facilmente. Nos municípios onde predominavam descendentes de imigrantes europeus, o movimento aumentava dia-a-dia.

O regime constitucional (1934 -1937) foi de curta duração, pois em 1937, Getúlio Vargas implantou a ditadura, e Alberto Stein, ex-comandante da Marinha Mercante, eleito em 1936 pelo Partido Integralista, governou no período de 1º de março de 1936 até 11 de janeiro de 1938. A Câmara Municipal, neste período, era formada por 15 vereadores. Doze deles eram adeptos da Ação Integralista Brasileira, entre os quais Alfredo Baumgarten.<sup>110</sup> Numa das maiores concentrações políticas de Santa Catarina, os integralistas reuniram cerca de 15 mil “camisas verdes”<sup>111</sup> na cidade de Blumenau em

---

<sup>109</sup> MEDEIROS, op. cit, p. 2.

<sup>110</sup> SILVA, José Ferreira da. *História de Blumenau*. Florianópolis : Edeme, 1979. 211p.

<sup>111</sup> Como eram apelidados os integralistas.

outubro de 1935.<sup>112</sup> Um evento que, como outras reuniões de menor porte, Baumgarten não deixou de documentar.



30 - Fotograma do filme de Baumgarten sobre o Congresso Integralista de 1935.

Ao que tudo indica, a maioria dos filmes Integralistas que sobreviveu foi queimada nos anos 70 pela Polícia Militar de Santa Catarina, conforme detalhado no capítulo anterior. Uma perda irreparável. Durante a realização desta pesquisa foi encontrado o primeiro rolo de um dos documentários mais importantes daquele período. Trata-se do *Primeiro Congresso Meridional Integralista*, realizado por Baumgarten em outubro de 1935.

O cinema surgiu para José Julianelli de uma forma bastante diferente. O italiano viu no nascimento da sétima arte uma forma prazerosa de ter alguns rendimentos. Assim, agregou primeiramente a “novidade” no seu circo de variedades, teve um cinematógrafo ambulante, e, posteriormente, obteve algumas remunerações filmando e exibindo filmes. Portanto, enquanto Baumgarten teve toda uma formação de fotógrafo que o levou a filmar, para Julianelli, o cinema apareceu quase por acaso e, oportunamente, acabou-se estabelecendo na vida do italiano multifacetado.

---

<sup>112</sup> EXIBIÇÃO. *Cidade de Blumenau*, Blumenau, 30 outubro 1935.p2.

Apesar de viverem na mesma região, os dois aspiravam diferentes atmosferas políticas. Em que pese Julianelli ter filmado diversos acontecimentos políticos, o mascate não tomava tanto partido como Baumgarten. Para ele, a filmagem era um trabalho. Julianelli conseguia sobreviver do cinema, sem se entregar politicamente. Como ambulante levou o cinema, nas duas primeiras décadas, a todo lugarejo, se tornando uma pessoa bastante popular e querida na região. Era comum, nos pequenos povoados do Vale do Itajaí, ver as pessoas aguardando o italiano falastrão, mágico e ilusionista, chegar com toda a parafernália que a projeção cinematográfica exigia, trazendo a novidade da “sétima arte”, recém nascida para os olhos das perplexas e curiosas platéias do interior catarinense<sup>113</sup>.

Além das influências de caráter político, social e cultural, a profissional não pode ser esquecida, principalmente no caso de Baumgarten. Pois ele foi, antes de mais nada, um exímio e profícuo fotógrafo da cidade. A característica de comerciante também sempre foi inerente à personalidade de Julianelli.

Reflexos dessas formações e contextos podem ser observados em suas obras. A principal característica reveladora de tais influências, na obra de Baumgarten, é a sua preocupação em documentar, sejam aspectos da região ou mesmo concentrações integralistas. A fotografia foi a base fundamental para o seu melhor apuro técnico nos registros cinematográficos. É provável que tenha sido ela também a principal razão de tal preocupação. Baumgarten queria utilizar a nova tecnologia de registros de imagens, que começara a se difundir pelo mundo, para dar continuidade e, talvez, maior amplitude ao trabalho já iniciado na fotografia, e na qual ele era um profissional. Por

---

<sup>113</sup> Entrevista gravada com Francisco Julianelli, em Blumenau, no dia 19/02/97.

isso, ele filma quase como quem fotografa, disparando sua câmera para determinado objeto, sem se preocupar com uma estrutura, ainda que documental. A pesquisadora Edith Kormann, de Blumenau, concorda com esta tese, para ela as filmagens de Baumgarten “era mais uma satisfação pessoal, amor a pesquisa da época, o que acontecia na época ele filmava para guardar, como fazia com a fotografia - que é uma coisa também para guardar - ele também fazia com os filmes, só que era movimentado”.<sup>114</sup> Mas, o fotógrafo descobriu com a nova câmera, intrínseca ao plano, a possibilidade do movimento, e faz um bom uso dele em seus registros. Assim, podemos observar, em muitos enquadramentos, o aproveitamento premeditado, em primeiro plano, de passagens de trens, carroças, pessoas, carros enfim... Baumgarten também tira proveito de panorâmicas (movimento de câmera sobre o seu próprio eixo) e ainda coloca sua câmera em veículos em movimento (barcos, trens), descortinando belos cenários, e dando um refinamento aos seus registros. Em meados da década de 30, Alfredo fez uma tentativa de profissionalização do ofício de cinema, criando a A. Baumgarten-Filme, como noticiou o jornal *Cidade de Blumenau*.



31 - *Cidade de Blumenau*, Blumenau, 09/11/1935.

*“Foi organizado nesta cidade um Laboratório cinematográfico sob o nome de A. Baumgarten-Filme e que brevemente bancará ao público os seus primeiros jornais sobre Santa Catarina. Esta importante*

<sup>114</sup> Entrevista gravada com a pesquisadora Edith Kormann, em Blumenau, no dia 20/11/97.



*organização está filiada à Distribuidora de filmes Brasileiros e seus filmes serão completamente synchronizados, isto è, musicados e fallados, constituindo por isso um verdadeiro orgulho para Blumenau. No estado é a primeira que se forma, não se precisando salientar a sua relevancia, criação esplendida de seus organizadores. Teremos assim o optimo meio de demonstrar ao Brasil inteiro o progresso de nosso município e de nosso Estado, sendo por isso mesmo um meio valoroso para a propaganda de nossas industrias. O 1º filme da A. Baumgarten-filme, o Primeiro Congresso Meridional Integralista, já conseguiu a crítica favorável em todos os lugares em que foi filmado, representando um início bastante promissor e que muito garante para um feliz sucesso. Aos seus organizadores apresentamos nossa felicitações por mais esta optima contribuição para o progresso blumenauense”.*<sup>115</sup>

De fato, essa propalada empresa não chegou a se concretizar totalmente. As filmagens de Baumgarten não foram além de 1938 e do filme mudo. Nem tampouco foi sua a primeira empresa de produção cinematográfica do estado. Julianelli já tinha formado uma empresa nos anos 20. Ao contrário da fotografia, o cinema não proporcionou bons rendimentos financeiros para Alfredo, que conseguia vender muito esporadicamente algum trabalho, provavelmente, para a Distribuidora de Filmes Brasileiros.<sup>116</sup> Os elevados custos de produção, o difícil retorno financeiro e as dificuldades para os alemães e seus descendentes com o Estado Novo, foram as principais causas da desistência de Baumgarten deste ofício. Na verdade, a filmagem foi para ele muito mais um *hobby* do que uma profissão.<sup>117</sup>

Já Julianelli sempre o encarou como fonte de renda. Desde o início do trabalho, como apêndice do circo de variedades e ambulante, até o período posterior, como cinegrafista. O produto dessa trajetória que mais nos interessa, os filmes, realizados em sua grande maioria nos anos 20 e, possivelmente, também na década seguinte, revelam

---

<sup>115</sup> A. BAUMGARTEN - FILM. *Cidade de Blumenau*, Blumenau, 9 novembro 1935. p.2.

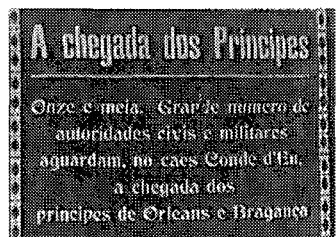
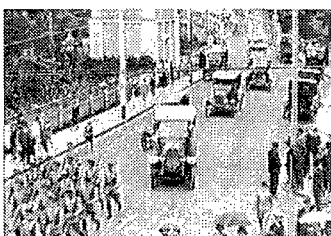
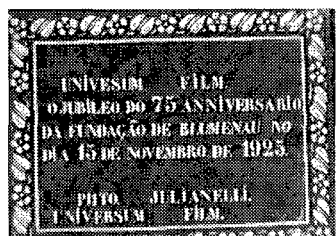
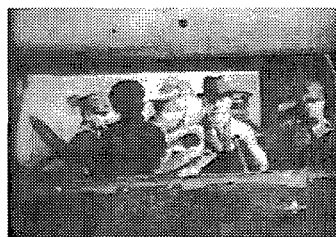
<sup>116</sup> A. BAUMGARTEN - FILM. *Cidade de Blumenau*, Blumenau, 9 novembro 1935. p.2.

<sup>117</sup> Característica também confirmada na entrevista realizada com a Sra. Margareta Clara Medeiros, filha de Alfredo Baumgarten, gravada no dia 18/09/97, em Blumenau.

imagens típicas dos jornais de variedades comuns naquela época, registrando os principais acontecimentos da região. É verdade que, no caso de Julianelli, os filmes que sobreviveram ao tempo mostram acontecimentos políticos, como: *A chegada do Dr. Washington Luiz a Joinville, Setenta e cinco anos da fundação de Blumenau, A visita do Príncipe de Orleans e Bragança a Joinville (Joinville Jornal), O Progresso de Blumenau* e outros.



32



33 - Fotogramas de filmes de Julianelli.

Os filmes de Julianelli, não apenas de uma forma gratuita, tinham um vínculo com o poder, o qual também, provavelmente, estimulava essa propaganda. Segundo, Marc Ferro, “desde que o cinema se tornou uma arte seus pioneiros passaram a intervir na história com filmes, documentários ou de ficção, que desde sua origem, sob a aparência de representação, doutrinam e glorificam”.<sup>118</sup> Portanto, embora seu filho afirme que a renda auferida por Julianelli viesse apenas da exibição<sup>119</sup>, algumas evidências nos revelam que o cinegrafista recebia, muito provavelmente, algum dinheiro dos políticos que registrava. Edith Kormann, pesquisadora de Blumenau, embora ache que Julianelli não era pago diretamente pelo governo, também acredita que seus filmes já possuíam antecipadamente um comprador, “Julianelli filmava para ganhar dinheiro. Ele fazia tudo muito ligeiro, na ânsia de pegar fulano e ciclano, pois ele sabia perfeitamente para quem ele podia vender e para quem ele não podia vender os filmes”, afirmou em entrevista.<sup>120</sup> Os títulos e o teor de algumas matérias publicadas no jornal *O Tempo* confirmam estas características da obra de Julianelli. As manchetes *Utilíssima propaganda do desenvolvimento do nosso Estado* e *Brilhante recepção ao Dr. Adolpho Konder*<sup>121</sup> afirmam a tendência comercial dos filmes em questão. O texto também revela evidências, como esta que caracteriza a empresa de Julianelli: “Acha-se, nesta capital o sr. José Julianelli, proprietario e operador do Cine Photographico Universo Film, de Blumenau, empreza de propaganda industrial, cultura, commercio e lavoura”. Sobre o assunto, o pesquisador Jean-Claude Bernardet faz a seguinte referência: produtores tinham é que tirar de quem tem dinheiro: pessoas ricas que querem promover seu nome,

---

<sup>118</sup> FERRO, op.cit., p.72 -73.

<sup>119</sup> Entrevista gravada com Francisco Julianelli, em Blumenau, no dia 19/02/97.

<sup>120</sup> Entrevista gravada com a pesquisadora Edith Kormann, em Blumenau, no dia 20/11/97.

<sup>121</sup> Films Catharinenses. Utilíssima propaganda do desenvolvimento do nosso Estado. *O Tempo*. Florianópolis, (quinta-feira), 17 de março de 1926. Ano II. Número 61. Página 1.

empreendimentos, produtos, atos políticos e mundanos e, naturalmente, fazer filmes de agrado dos patrocinadores. A produção cinematográfica brasileira assenta-se num documentário exclusivamente ligado a uma elite, financeira, política, militar, eclesiástica, de que os cineastas são dependentes”.<sup>122</sup> O certo é que seus filmes visavam um público imediato, previam exibições posteriores, das quais ele também tirava seu sustento, proporcionando ainda a continuidade da atividade. Um exemplo desta intenção pode ser observado numa propaganda de uma exibição cinematográfica no Salão Cinema Popular realizada pela “Empreza Julianelli” que tinha como uma das atrações, juntamente com uma fita estrangeira *Coração Azul*, cenas dos festejos do centenário da colonização alemã em São Pedro de Alcântara e São José. O panfleto, depois de nominar algumas autoridades e lugares filmados, apela: “Quasi todos que assistiram este ato inauguravel dos festejos em nossa cidade (referindo-se a São José), foram apanhadas pela objetiva da camera photographica”.<sup>123</sup> Um outro exemplo é o próprio intertítulo que denomina a produtora como “Empreza Cinematographica de Propaganda”.

---

<sup>122</sup> BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema Brasileiro: propostas para uma história*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 25p.

<sup>123</sup> Folheto de propaganda da “Empreza: Julianelli”.



34

**Os festejos do centenário da colonização alemã em S. Pedro de Alcântara e São José.**

O filme natural em 1 parte tirado nos festejos do Centenario da Colonização Alemã em nossa cidade e São Pedro de Alcântara. A parte que se refere a nossa cidade nos mostra alguns aspectos panorâmicos, os pavilhões da exposição, o parque de diversões, o ato da inauguração, chegada do Sr. Adolpho Konder, Presidente do Estado com todas as autoridades, a caravana de Blumenau, as bandas de musicas, Piquete de Cavalarias. Quasi todos que assistiram este ato inaugural dos festejos em nossa cidade, foram apanhados pela objetiva da camera photographica. A segunda parte do filme se refere aos festejos em São Pedro de Alcântara, nos mostrando tambem diversos aspectos panorâmicos daquelle historico districto.

Salvo  
**CINEMA POPULAR**  
EMPRESA JULIANELLI

HOJE SABADO AS 7 HORAS HOJE

**Coração Azul**

**Ou farto do pequeno violinista**

Este filme nos mostra a grandiosa parte em dia de movimento diversos aspectos da fundação de Joinville.

Como complementos bilharis comédias

**FILMS CATHARINENSES**

**Utilissima propaganda do desenvolvimento do nosso Estado**

Aspectos de Blumenau, Brusque e Nova Trento

BRIHANTE RECEPÇÃO AO DR. ADOLPHO KONDER  
75 ANIVERSÁRIO DA FUNDACÃO DE BLUMENAU

**O TEMPO**

VISTA DO DR. ADOLPHO KONDER AO CAMPO DE SESENTENARIAS DE ITAJAÍ

**FILMS CATHARINENSES**  
Utilissima propaganda do desenvolvimento do nosso Estado

O CARRO

35 - Matérias de jornais, intertítulo e propaganda dos filmes de Julianelli que comprovam a intenção comercial do autor.

Também a forma estrutural dos seus filmes, era concebida de uma maneira seqüencial, que pudesse mostrar, numa narrativa inteligível, os eventos ao público, fazendo uso de uma linguagem dos jornais de variedades mudos, muito comuns na época. Intertítulos como apresentações, e também para ressaltar o acontecimento, ou ainda destacando as principais autoridades presentes, eram freqüentes em seus filmes. Além disso, utilizava-se de planos gerais descritivos e de planos mais aproximados para identificações. Os trabalhos de Julianelli previam um público, e, neles, podem-se identificar alguma estrutura e um esboço de linguagem, ainda que documental e bastante intuitiva. Isso sem querer negar algum aprendizado que o italiano possa ter assimilado nos inúmeros filmes e jornais que exhibia por todo lugar por onde passava.

O roteiro é outro suporte importante para filmagem que nossos pioneiros não o utilizavam. Planejamento? Talvez do tema a ser registrado, o que, para Julianelli, dependia principalmente da viabilidade de exibição ou da possibilidade de ser um filme de encomenda. Por isso, seu olhar está voltado para os grandes eventos políticos, sua câmera tinha a óptica do dinheiro e do poder. Já Baumgarten poderia ter algum trabalho para detalhar suas filmagens, como uma pequena pesquisa, mas seus registros não fugiam da cidade de Blumenau e seus personagens, da região do Vale do Itajaí, e das concentrações políticas do seu partido integralista.

O cinema, hoje um ofício tão coletivo, naquela época, era uma atividade quase sem divisão de trabalho, desde a filmagem até a exibição. Baumgarten chegou a trazer um laboratorista da Alemanha, para lhe ajudar nos trabalhos de revelação de filmes e copiagem de fotos.<sup>124</sup> Julianelli tinha o filho que lhe acompanhava muitas vezes. Porém, o descendente de alemão operava muito menos os projetores de exibição de filmes do que o italiano, que foi projetorista muito antes de disparar o botão de uma câmera. Julianelli sempre exibia seus próprios filmes, enquanto Baumgarten não tinha a preocupação de exibi-los imediatamente, as vezes passava essa tarefa para outro profissional, tendo chegado até mesmo a vender suas imagens para uma distribuidora.

Não se tem registros de encontros formais ou da amizade entre os dois cinegrafistas. Contudo, Francisco Julianelli, filho do mascate, afirmou que os dois se

---

<sup>124</sup> Entrevista realizada com a Sra. Margareta Clara Medeiros, filha de Alfredo Baumgarten, gravada no dia 18/09/97, em Blumenau.

respeitavam, ocupando cada qual o seu espaço no cenário cotidiano da região.<sup>125</sup> Esta condição, de conhecidos com respeito mútuo sem travarem uma amizade mais próxima, foi confirmada pela filha de Baumgarten, Dona Margareta<sup>126</sup>, e também pela pesquisadora Edith Kormann. Provavelmente, o único embate entre os dois protagonistas foi o encontro provocado por este trabalho. Mas, de alguma forma, suas vidas se cruzariam em certas ocasiões e circunstâncias. Duas delas, que mais nos interessam, datam de 1926 e 1929, quando eles dispararam suas câmeras nos mesmos eventos. O primeiro deles, em 1926, foi na inauguração da ponte de Indaial, um grande acontecimento na região. Os jornais locais destacaram a inauguração.



36 - A Cidade, 16/09/1926

A ponte foi inaugurada num domingo festivo, dia 10 de outubro de 1926.<sup>127</sup> Populares e muitas autoridades estiveram presentes ao evento. E é para eles, principalmente as autoridades, o olhar e o destaque do filme de Julianelli, intitulado *Progresso de Blumenau*.<sup>128</sup> Trata-se de um típico “Jornal Cinematográfico”, ressaltando a ponte, o evento inaugural, os construtores, o discurso do ministro da viação, Victor

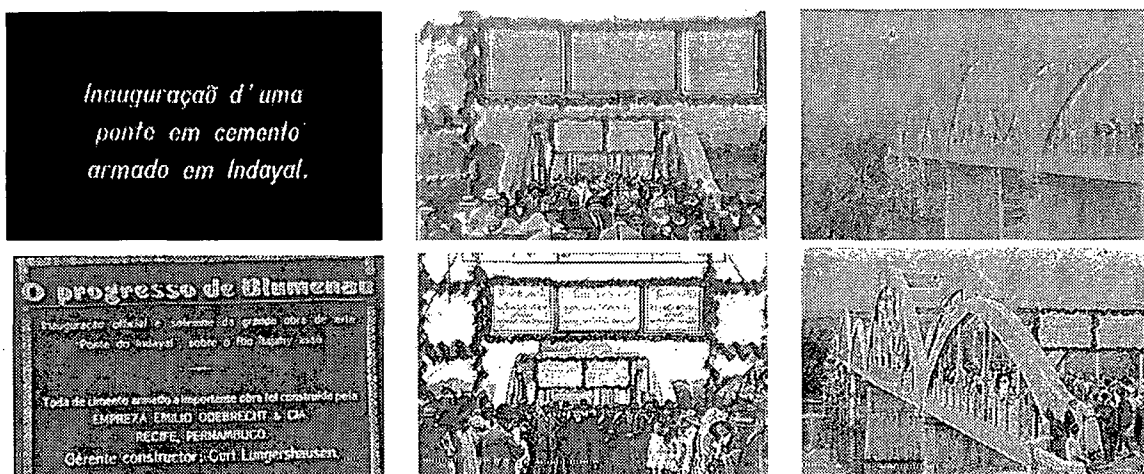
<sup>125</sup> Entrevista gravada com Francisco Julianelli, em Blumenau, no dia 19/02/97.

<sup>126</sup> Entrevista realizada com a Sra. Margareta Clara Medeiros, filha de Alfredo Baumgarten, gravada no dia 18/09/97, em Blumenau.

<sup>127</sup> FONSECA, Editraud Zimmermann. *Indaial: cidade das plantas e das flores : sua história, sua gente, seus costumes*. Blumenau : Fundação Casa Dr. Blumenau, 1992. 230p.

<sup>128</sup> Veja descrição dos intertítulos e outros detalhes do filme *O Progresso de Blumenau* nos anexos desta pesquisa.

Konder, os mergulhadores que trabalharam na construção da ponte, e uma regata disputada entre dois clubes locais. É interessante notar uma pequena estrutura: primeiro Julianelli mostra a ponte momentos antes da inauguração, o engenheiro aponta para trás, e, em seguida, no próximo plano, o autor mostra uma placa da ponte com os dizeres: “Esta ponte é o symbolo da fortaleza do nosso sentimento communal”. Isso significa que o cinegrafista fez algumas colagens para a apresentação final do jornal, colocando intertítulos e mostrando cenas seqüenciais, como esta do engenheiro. Os intertítulos e as imagens falam por si:



37 - Baumgarten e Julianelli: imagens senelhantes, propostas diferentes.

Já os 25 segundos rodados por Baumgarten na inauguração da “Ponte dos Arcos” (ponte Emílio Baumgarten) mostram suas diferenças com seu contemporâneo e comprovam a tese que estamos colocando no decorrer deste trabalho, na qual Alfredo não tinha interesses comerciais, sua preocupação maior era a de documentar. Os dois planos em si - um da multidão na inauguração e outro da ponte - filmados por Baumgarten, não diferem muito das imagens captadas por Julianelli, os enquadramentos, por exemplo, são bastante parecidos. Mas, o olhar do “alemão” não captou autoridades, e o autor não colocou intertítulos nem filmou cartazes ufanistas. Já o italiano destaca autoridades de toda a ordem, deixando para registrar o público em



alguns planos gerais e descritivos. A obra também é destacada pelas imagens e nos intertítulos vangloriosos.



38 - Fotogramas do filme de Baumgarten sobre o centenário da colonização alemã.



39 - Fotogramas do filme de Julianelli sobre o mesmo evento.

Em 1929, os dois cinegrafistas filmaram os festejos do centenário da colonização alemã na localidade de São Pedro de Alcântara. Em pouco mais de nove minutos de duração do filme de Julianelli, que desta vez surpreendentemente não possui intertítulos, quase metade é dedicada à filmagem de grupos de autoridades, desfiles oficiais, e a discursos de políticos. No tempo restante, são registrados os indispensáveis planos gerais do evento, que nos legam importantes recortes da época. Desta vez, Baumgarten filma um pouco mais. Suas imagens sobre o evento duram quase três minutos, nas quais estão incluídos três intertítulos. Em que pese esta diferença observada na ausência pouco comum dos intertítulos por parte do material de Julianelli, a principal distinção entre os dois cinegrafistas foi mantida também neste encontro ocorrido três anos após a filmagem da ponte de Indaial. Uma observação que pode passar despercebida para qualquer espectador desatento, mas que lhes é comum. A

câmera de Baumgarten novamente registra o evento, documenta. O olhar de Julianelli é para as autoridades, os políticos, o poder.

Tanto Julianelli quanto Baumgarten não montavam seus filmes. No máximo, colavam algum intertítulo e eliminavam uma ou outra cena que estivesse com a nitidez ou a luminosidade bastante comprometida. As imagens de Baumgarten não parecem ser de um cinegrafista muito preocupado com uma comunicação imediata e nem tampouco com uma linguagem, em que pese seu perfeccionismo técnico. Os seus filmes que sobreviveram ao tempo, com exceção do *Primeiro Congresso Meridional Integralista*, revelam um trabalho inacabado. Dados que reforçam ainda mais a idéia das pretensões documentais de Alfredo. Possivelmente, a colagem que deu a forma final de seus registros cinematográficos, como encontramos hoje, deve ter sido uma união de tomadas curtas (a média é de 35 segundos por filme) de negativos rodados em diferentes épocas. . Pois, neles estão filmagens do ano de 1926, *Inauguração d'uma ponte em cimento armado em Indayal*; de 1927, *Enchente em Blumenau, novembro de 1927*; de 1928, "*O Rei da Saxonia em Blumenau, Junho de 1928* . Portanto, a colagem atual dos registros de Baumgarten deve ter sido feita em anos posteriores à filmagem, na década de 30, funcionando mais como uma forma dele organizar melhor seu acervo. Alguns trechos têm uma seqüência lógica, como: *A roçada, Derrubada, A mata derrubada, Fogo no roçado, Um gigante, Plantação de milho, e aimpim, o carpinamento, Batatas doce, Cara, Aveia*. Provavelmente, Baumgarten reuniu os filmes sobre o mesmo assunto ou local numa ordem seqüencial, colocando alguns intertítulos de identificação entre eles.

Julianelli também não ia muito além de uma colagem. Mas, seus filmes eram acabados. Tinham começo, meio e fim. O caráter mais comercial deles, em comparação

aos de Baumgarten, o obrigava a ter que preocupar-se com suas intenções de ressaltar eventos políticos, enaltecer personalidades e a de destacar uma camada social governamental ou ligada ao poder. Cenas de inaugurações e comemorações foram captadas à exaustão por suas câmeras. Elogiosos, e, na visão de hoje, também panfletários intertítulos para a época, foram muito utilizados por Julianelli. Seus filmes têm um tempo de duração maior (média de sete minutos) em relação aos de Baumgarten, e a preocupação de mostrar, através de sua óptica, a realização de um evento.

Em Santa Catarina, nas primeiras décadas, foram os registros de Baumgarten e os cine-jornais de Julianelli, os principais responsáveis por uma produção cinematográfica pioneira e que durou um período mais representativo. Afora isso, somente uma esporádica filmagem do exército - principalmente na região do Contestado - , algum aventureiro, ou uma investida mais profissional de um cinegrafista vindo de um centro maior para uma filmagem efêmera e sob encomenda. É fato também que o contexto também favoreceu a realização de tais tipos de filmes. Pois, o mercado dominado pelo produto importado, o filme estrangeiro, abria uma brecha para as reportagens locais, que tornavam-se, muitas vezes, um negócio lucrativo. “Parece que se dá um fenômeno que só poderia acontecer numa cinematografia dominada” , observa Jean-Claude Bernardet.<sup>129</sup>

Um levantamento dos filmes deixados por Alfredo Baumgarten e José Julianelli, os quais estão detalhados nos capítulos anteriores, nos mostra o seguinte quadro:

---

<sup>129</sup>BERNARDET, Op. Cit. p. 23.

**Quadro1. Filmes por autor segundo o tema e a duração.**

Autor	Total de filmes	Temas Urbanos %	Temas Rurais %	Tempo médio de duração em Seg.
Baumgarten	113	31	69	35
Julianelli	11	100	-	420

O quadro mostra que dos 113 filmes rodados por Baumgarten em Santa Catarina, que sobreviveram ao tempo, 35 foram filmados em regiões mais urbanas, e 78 deles foram rodados em áreas rurais. Além disso, a média de duração dos filmes, que são separados por intertítulos, é de 35 segundos. A temática de Julianelli era a cidade - os grandes eventos políticos, as inaugurações e outros acontecimentos importantes, foram captados por sua câmera. Seus filmes têm uma duração maior, pois tratavam-se de jornais, de variedades, enquanto os de Baumgarten estão mais para os filmes naturais e não excluem o campo e o rural.

Uma produção de ficção local só apareceria em nosso Estado no ano de 1957 com *O Preço da Ilusão*, realizado pelo Grupo Sul, mas nem por isso Julianelli deixou de sonhar com uma ficção, que acabou nunca acontecendo. Índícios revelam que o “cineasta galã” estava reunindo figurinos e objetos de cena para um filme de ficção. Os jornais mostram também a intenção de Baumgarten de profissionalizar mais seus trabalhos, ao tentar criar a A. Baumgarten Filme.

Foram duas filmografias interrompidas em períodos próximos e por motivos parecidos, principalmente no que se refere ao difícil retorno financeiro. Mas, mesmo neste ponto, uma distinção. Julianelli realizava seus jornais para apresentá-los ao

público local. A pretensão de Baumgarten, que não chegou a se concretizar totalmente, era a de vender os filmes para uma distribuidora, provavelmente de cine jornais, que os distribuiria pelo país. Alfredo, por intermediação de um irmão que morava no Rio de Janeiro, chegou a vender alguns filmes. Mas, como já vimos em capítulos anteriores, o processo não se viabilizou pela falta de regularidade no pagamento por parte da distribuidora.

## 6 – Considerações Finais

O objetivo principal deste trabalho foi o de resgatar a vida e a obra de José Julianelli e Alfredo Baumgarten. Através da trajetória destes pioneiros e seus filmes, objetivou-se também estabelecer um relacionamento entre o cinema e a história. Com isso, foi reforçada a idéia da utilização do cinema, em seus diversos aspectos, como instrumento de compreensão do passado catarinense. O acervo cinematográfico de ambos os autores mostrou as inúmeras contribuições que estes registros cinematográficos podem gerar para a pesquisa histórica. Especialmente na utilização dos filmes como fonte para a História Catarinense, retratando um período de consolidação da colonização em Santa Catarina, como nos filmes: Viagem Férrea para Hansa, Bella Alliança, Rio do Oeste, No Rio do Sul, A moradia do caboclo no Sertão, O Progresso de Blumenau, entre outros.

É fato que os diversos autores que estudaram o passado catarinense raramente utilizaram os registros cinematográficos como fontes históricas, principalmente pela precariedade e pela inconstância da atividade cinematográfica no Estado. Contribuiu também para esta situação, a falta de estudos e pesquisas que promovessem o resgate e a preservação da memória cinematográfica regional. A inexistência de uma política cultural governamental que contemplasse a memória audiovisual colaborou para o esquecimento deste acervo documental. Finalmente, devemos notar que os historiadores regionais raramente consideraram os filmes como fontes primárias válidas para o estudo do passado e, quando trataram de utilizar esta mídia, foram confrontados com as dificuldades próprias de um novo suporte. Dificuldades que estão sendo superadas

sobretudo devido à incontestável importância que a comunicação audiovisual tem assumido no mundo contemporâneo.

A tese mais aceita sobre a utilização dos registros cinematográficos como documento histórico, - sejam eles documentário, cine-jornal, atualidade, natural, ficção ou qualquer gênero – é que eles são sempre interpretações ou reinvenções da realidade. Esta foi a premissa da presente pesquisa e pode ser um bom ponto de partida para todo o historiador que se interesse em utilizar os filmes como fontes documentais. A metodologia aqui utilizada foi baseada na desconstrução dos filmes em planos. Esta técnica simples e básica foi suficiente para uma primeira interpretação e análise das obras estudadas, possibilitando também uma catalogação do acervo de filmes legado por José Julianelli e Alfredo Baumgarten. Deve ser lembrado que a transposição da informação visual a uma mídia escrita, geralmente se limita a descrever com palavras um conteúdo muito mais rico do que muitas vezes as próprias palavras conseguem abranger. Por tal razão, as análises escritas das imagens visuais restringem-se a descrições de conteúdos visuais incompletos. Obviamente as análises realizadas neste trabalho não foram muito diferentes. Em contrapartida, a pesquisa privilegiou o resgate e a exibição de alguns fotogramas para que cada leitor pudesse fazer sua própria leitura e interpretação. Leitura e interpretação que são resultados das idéias, associações e emoções experimentadas pelo leitor, ao ser confrontado com as imagens, mais do que o produto objetivo de sua leitura.

Os dois pioneiros do cinema catarinense desenvolveram um trabalho intuitivo e primitivo, mas não muito diferente da atividade cinematográfica realizada por outros cinegrafistas em diversas partes do mundo naquele período. A produção de Baumgarten

e Julianelli se concentrou na segunda metade dos anos 20 e na primeira da década posterior. São imagens de um valor inestimável que dão margens a inúmeros outros trabalhos, contribuindo para o estudo do passado através da visualização de fragmentos de um tempo ido, e que evidenciam a validade desta pesquisa, trazendo novamente à história a “idéia de que ver é conhecer”<sup>130</sup>.

Os raros trabalhos sobre a história do cinema catarinense revelam uma lacuna na produção cinematográfica regional, a partir das realizações de Julianelli e Baumgarten. Apenas constatam, até a década de 60, dois pequenos surtos produtivos. Um, sob o comando do cinegrafista amador blumenauense, Willy Sievert, iniciado nos anos 40, e outro, das Produções Carreirão, surgido a partir da produção mal sucedida do longa-metragem “O Preço da Ilusão”, realizado pelo Grupo Sul, em 1957. É fato que a produção catarinense ocorreu de uma forma bastante descontínua, mas é verdade também que ainda há muito a ser pesquisado no decorrer destes anos, no que tange à produção cinematográfica, principalmente na região do Vale do Itajaí. Não será surpresa nenhuma se algum pesquisador encontrar novos tesouros escondidos durante este período. Que a presente pesquisa seja um estímulo para o surgimento de outros estudos e trabalhos nesta área.

---

<sup>130</sup> RUIZ, Ernesto. *Getúlio Vargas em Santa Catarina (março de 1940): Uma História Visual ?* XXVIII Reunião Anual da SBPH, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, de 28 a 31 de Julho de 1998.



## **7 – ANEXOS**

### **7.1 – Vocabulário e legendas utilizadas**

### **7.2 - Listagem descritiva e comentada dos filmes de Alfredo Baumgarten**

### **7.3 - Listagem descritiva e comentada dos filmes de José Julianelli**

## 7.1 – Legenda e vocabulário utilizados

**Panorâmica** - é o movimento no qual a câmera gira em torno de um eixo imaginário qualquer. O movimento é feito normalmente em cima de um tripé. A panorâmica geralmente é utilizada para mostrar ao espectador imagens que não podem ser exibidas, em sua totalidade, com apenas um único enquadramento.

**Plano** - é um segmento de imagem contínua compreendido entre dois cortes, isto é, a imagem registrada durante o intervalo de tempo no qual a câmera está ligada.

Nomenclatura dos planos utilizados na decupagem ou escala (lugar da câmera com relação ao objeto filmado):

- plano geral ou de grande conjunto PG ou GPC;
- plano de conjunto PC;
- plano meio de conjunto PMC;
- plano médio PM (homem de pé);
- plano americano PA (acima do joelho);
- plano próximo PP (cintura, busto);
- primeiríssimo plano PPP (rosto);
- plano de detalhe PD (*insert*, pormenor).

TT - Tempo Total

' - minutos

” - segundos

## 7.2 - Listagem descritiva e comentada dos filmes de Alfredo Baumgarten

Os contratipos de todos os filmes abaixo relacionados fazem parte do acervo da Cinemateca Brasileira e da Cinemateca de Curitiba. Há cópias em vídeo, disponíveis apenas para pesquisa, no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau; e na Cinemateca Catarinense, em Florianópolis. Autorizações para utilização das imagens em audiovisuais deverão ser solicitadas à Cinemateca Brasileira. A maioria dos filmes está em bom estado de conservação. Os filmes são divididos em partes ou rolos, cada parte tem um determinado número de filmes. Os filmes de Baumgarten foram rodados originalmente a 16 quadros por segundo e telecinados a 24 qps.

Obs: Os intertítulos estão escritos em itálico e conforme a grafia no filme.

Título do filme: <i>A Capital de Brasil: Rio de Janeiro</i>	Ficha nº: 01
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: sem data
Assunto: Centro do Rio de Janeiro	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 14"
Palavra chave: Rio	

Decupagem:

Plano geral (PG) com pessoas, a grande maioria dos homens de terno e chapéu, circulando no centro do Rio de Janeiro, no fundo aparece a estação de um bonde.

Título do filme: <i>O pão d'assucar</i>	Ficha nº: 02
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: sem data

Assunto: Pão de Açúcar (RJ)	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 10''
Palavra chave: pão	

Decupagem

Breve panorâmica em PG do pão de açúcar, no Rio de Janeiro.

Título do filme: <i>Nos caes</i>	Ficha nº: 03
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: sem data
Assunto: Cais do porto (RJ)	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 29''
Palavra chave: cais	

Decupagem/Comentário:

Duas visões panorâmicas do Porto do Rio de Janeiro, em PG. Na primeira aparecem pessoas acenando. Na outra navios aportados. Observa-se que os movimentos de câmera sobre seu eixo (tripé) do cinegrafista são seguros, o que remete a sua formação de fotógrafo.

Título do filme: <i>Uma construção austriaca</i>	Ficha nº: 04
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: sem data
Assunto: porto	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 57''.
Palavra chave: porto	

Decupagem

Panorâmicas, em PG, da saída do barco, no qual está posicionado o cinegrafista, da baía da Guanabara, com intenso movimento de barcos, passagem de hidroavião em primeiro plano e no fundo uma construção, referente ao título. Visão panorâmica também dos morros do Rio de Janeiro.

Título do filme: <i>Uma fortaleza antiga</i>	Ficha nº: 05
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: sem data
Assunto: fortaleza	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 28”.
Palavra chave: fortaleza	

Decupagem:

O cinegrafista faz uma panorâmica, em PG, do mar até uma fortaleza antiga. Outra tomada, em PG, da fortaleza com câmera parada dentro do barco em movimento. A fortaleza é ainda na saída do Rio de Janeiro.

Título do filme: <i>O Sindicato „Condor”</i>	Ficha nº: 06
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: sem data
Assunto: construção de hidroavião	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 23”.
Palavra chave: hidroavião	

Decupagem

Panorâmica em PG de um galpão, onde trabalhadores constroem um hidroavião, possivelmente o sindicato referido no título.

Título do filme: <i>Hydroplanos Junker e Dornier -Wal</i>	Ficha nº: 07
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: sem data
Assunto: hidroavião tentando decolar	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 16”.
Palavra chave: decolar	

Decupagem

Plano de Conjunto (PC) de um hidroavião no mar com alguns mecânicos em cima.

Plano Geral de hidroavião tentando decolar.

Título do filme: <i>no porto de Santos</i>	Ficha nº: 08
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: sem data
Assunto: Porto	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 36”.
Palavra chave: barcos	

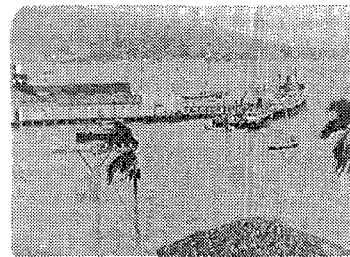
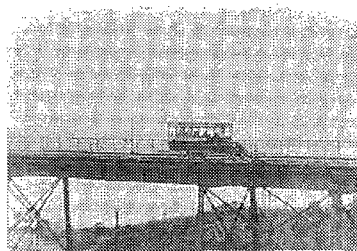
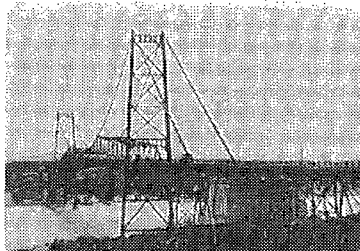
Decupagem

Diversas panorâmicas tomadas, em PC e PG, de dentro do navio, no qual está o cinegrafista. Aparecem inúmeros barcos, aportados e em movimento.

Título do filme: <i>Florianópolis</i>	Ficha nº: 09
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Florianópolis	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 25”.
Palavra chave: Ilha	

Decupagem/comentário:

Panorâmica tomada, em PG, da cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz. O movimento de câmera inicia na antiga ilha do carvão, mostrando o mar, a Rita Maria, a cidade ao fundo, e pára na saída da ponte com carro passando. Segundos de rara beleza da cidade de Florianópolis. Observa-se que Alfredo Baumgarten veio de navio partindo do Rio de Janeiro e chegando, provavelmente em Florianópolis, tendo realizado diversas tomadas na viagem.



40

Título do filme: <i>Uma ponte gigantesca</i>	Ficha nº: 10
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Ponte Hercílio Luz ( Fpolis)	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração:23”.
Palavra chave: ponte	

Decupagem/comentário

A câmera mostra a Ponte Hercílio Luz num plano geral (PG), movimento de câmera acompanhando um antigo ônibus que está saindo da ponte em direção à ilha. Possivelmente a imagem mais bonita, tomada da ponte neste período, à qual ainda temos acesso.

Título do filme: <i>A pesca na praia de Itapema</i>	Ficha nº: 11
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox.. 1930

Assunto: pescadores em Itapema	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 2'33".
Palavra chave: pesca	

#### Decupagem/comentário

PC com leve panorâmica de pescadores preparando a rede dentro do barco. PC, com movimento de câmera, de pescadores empurrando o barco para dentro do mar. Na cena seguinte, novamente em PC, eles já estão empurrando o barco para a praia. PC dos pescadores puxando a rede e recolhendo os peixes. Outro PC dos pescadores e rede. PC dos pescadores e peixes. PC dos pescadores e peixe com movimento de câmera. Um bom lance de tainhas. Nota-se o trabalho e a vestimenta dos pescadores, crianças ajudando e também a intenção de Baumgarten em mostrar a seqüência de um arrastão.

Título do filme: <i>O velho pescador</i>	Ficha nº: 12
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: pescador	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 12".
Palavra chave: pescador	

#### Decupagem

PM com acompanhamento de câmera de um velho pescador puxando a corda de um barco, para trazê-lo para a areia.



41



Título do filme: <i>Depois da pesca</i>	Ficha nº: 13
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Pescador	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 39”.
Palavra chave: velho	

#### Decupagem

PC, com um pequeno movimento de câmera, de pescadores, homens e crianças, puxando o final da rede, retirando os últimos peixes e colocando-os num balaio.

Título do filme : <i>A entrada do „Aspirante Nascimento” no porto de Itajaí</i>	Ficha nº: 14
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Navio entrando no porto de Itajaí	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 1’49”.
Palavra chave: navio	

#### Decupagem

O navio “Aspirante Nascimento” aproxima-se e entra no Porto de Itajaí. Cena composta de 5 planos , dois PG do navio mais distante no mar, e três PC, com movimento de câmera, do navio entrando em Itajaí.

Título do filme: <i>O Palácio Municipal em Itajaí</i>	Ficha nº: 15
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: palácio municipal de Itajaí	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 17”.

Palavra chave: palácio
------------------------

Decupagem

PC curto, com movimento de câmera, mostrando o Palácio Municipal de Itajaí, um carro passa em primeiro plano.

Título do filme: <i>A maior fabrica d'assucar em Sta. Catharina</i> Ficha nº: 16	
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Fábrica de açúcar	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 15".
Palavra chave: açúcar	

Decupagem

Panorâmica, em PC, tendo um rio em primeiro plano, câmera pára o movimento numa fábrica (possivelmente localizada em Tijucas) com uma grande chaminé, do outro lado da margem do rio.

Título do filme: <i>A unica fabrica de papel em Sta. Catharina</i> Ficha nº: 17	
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Fábrica de papel	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 16".
Palavra chave: papel	

Decupagem.

Câmera mostra, em PG, um rio com construção ao fundo, certamente trata-se da fábrica de papel que se refere no título. Outro plano (PC) com o rio e uns abrigos de madeira.

Título do filme: <i>Na praia de Cabecudas</i>	Ficha nº: 18
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Praia de Cabeçudas	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 1'02".
Palavra chave: cabeçudas	

#### Decupagem/comentário

Três panorâmicas, em PG, mostram a praia de cabeçudas com carros da época estacionados e inúmeros banhistas. Sequência termina com PC, com câmera fixa, de banhistas. Interessante notar o traje dos banhistas.

Título do filme: <i>BLUMENAU em Sta. Catharina. A terra da „barriga verde”.</i>	
<i>O vapor „Blumenau” . Para Blumenau (Três cartões)</i>	Ficha nº: 19
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: cidade de Blumenau	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 40".
Palavra chave: Blumenau	

#### Decupagem

PC do barco a vapor “Blumenau”, chegando na cidade. Panorâmica, em PC, do vapor já atracado. Observa-se, em primeiro plano, alguns carros da época.

Título do filme: <i>Prefeitura Municipal</i>	Ficha nº: 20
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Prédio da Prefeitura de Municipal de Blumenau	

Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 9”.
Palavra chave: Prefeitura	

Decupagem

Plano Geral do prédio da Prefeitura de Blumenau, com carros estacionados e em movimento.

Título do filme: <i>e a estação em Blumenau</i>	Ficha nº: 21
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: antiga estação de trem de Blumenau	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração:14”.
Palavra chave: estação	

Decupagem

PC de trem chegando na estação de Blumenau. Observa-se carros passando em primeiro plano e uma construção (estação) no estilo enxaimel.

Título do filme: <i>O Arcebispo de Santa Catharina benze os sinos da igreja matriz de Blumenau</i>	Ficha nº: 22
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: arcebispo benzendo sino	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração:12”.
Palavra chave: sino	

Decupagem

PMC de Arcebispo benzendo o sino e, em primeiro plano, povo com guarda-chuva.

Título do filme: <i>A Socieda de gymnastica de Blumenau</i>	Ficha nº: 23
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Desfile da Sociedade Ginástica	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 36”.
Palavra chave: Sociedade	

#### Decupagem

PC, com pequeno movimento de câmara, do desfile da Sociedade Ginástica, numa rua de Blumenau com banda e escolares. Interessante notar as vestimentas, os automóveis e os casarios ao fundo.

Título do filme: <i>As Concurrências</i>	Ficha nº: 24
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Esportes	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 34”.
Palavra chave: esportes	

#### Decupagem

PC de pessoas se exercitando num campo de futebol. PC frontal de corrida de obstáculos. PC frontal de corrida. PC de salto com vara. Despertam a atenção os trajés dos atletas.

Título do filme: <i>Na festa campal</i>	Ficha nº: 25
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Festa no campo	

Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 17”.
Palavra chave: festa	

Decupagem

Panorâmica, em PC, mostrando homens e mulheres reunidos e bem vestidos. PM de pessoas fazendo brincadeiras para a câmera.

Título do filme: <i>Blumenau em movimento</i>	Ficha nº: 26
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Desfile militar	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 11”.
Palavra chave: desfile	

Decupagem

PC, com pequeno movimento de câmera, de um desfile militar.

Título do filme: <i>Enchente em Blumenau, novembro de 1927.</i> Ficha nº: 27	
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: novembro de 1927
Assunto: Enchente em Blumenau	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 55”.
Palavra chave: Enchente	

Decupagem/comentário

Três panorâmicas, em PC, de ruas alagadas. PM de uma carroça passando uma rua alagada. uma enchente na cidade de Blumenau, ocorrida em 1927. Duas panorâmicas em PC de ruas completamente alagadas, pessoas andam de canoa pelas ruas. PM de pessoas numa rua alagada. PM de pessoas remando barco numa rua. PMC de carroça

transportando várias pessoas numa rua alagada. PA de mulher, filha e homens numa canoa. PC, com movimento de câmera, de muitas pessoas na beira de uma rua tomada pelas águas.

Este é um dos filmes que provam, ao contrário do que afirmam algumas fontes, que Baumgarten começou a filmar antes de 1932. Observa-se a cidade alagada, pessoas utilizando barcos e carroças para o transporte.

Título do filme: <i>Um hospital</i>	Ficha nº: 28
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: novembro de 1927
Assunto: Hospital e enchente	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 5”.
Palavra chave: Hospital	

Decupagem

PC de pessoas dentro de um barco, rua alagada tendo ao fundo um hospital.

Título do filme: <i>O Rei da Saxônia em Blumenau, Junho de 1928</i>	Ficha nº: 29
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: junho de 1928
Assunto: Visita do Rei da Saxônia a Blumenau	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 45”.
Palavra chave: Rei	

Decupagem/comentário

PC de carros chegando e pessoas na calçada. PC de muitas pessoas se aproximando dos carros. PC de multidão, uma pessoa se destaca, provavelmente o Rei. PMC de pessoas entrando num carro, que parte em direção à câmera, movimento registrando pessoas que

permaneceram na rua e calçada. Fluxo intenso de pessoas, padres, militares, políticos, carros. O chapéu era acessório indispensável na época.

Título do filme: <i>Rua das palmeiras</i>	Ficha nº: 30
Autor: Alfredo Baumgarten	Data:
Assunto: rua de Blumenau	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 22”.
Palavra chave: palmeiras	

Decupagem

Panorâmicas, em PMC, da famosa rua das Palmeiras, com carroça passando em frente da câmera. PC, com movimento de câmera, da rua com carroça em movimento, ao fundo o casario antigo.

Título do filme: <i>A Usina de força e luz eléctrica de Blumenau</i>	Ficha nº: 31
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Usina de luz elétrica de Blumenau	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 27”.
Palavra chave: usina	

Decupagem

Panorâmica, em PC, de uma barragem com grande correnteza. PD das águas, com movimento de câmera.

Título do filme: <i>A Fabrica de Hering Cia</i>	Ficha nº: 32
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930



Assunto: Fábrica Hering	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 17”.
Palavra chave: Hering	

Decupagem

Panorâmica, em PC, do exterior do belo prédio da Fábrica Hering à época. PC, com pequeno movimento de câmera, do interior da fabricação de malhas.



42

Título do filme: <i>Depois do Trabalho</i>	Ficha nº: 33
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Saída do trabalho na Hering.	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 28”.
Palavra chave: trabalho	

Decupagem

PC de trabalhadores saindo da fábrica. Curioso notar a diferença dos trajes dos operários em relação ao traje das pessoas que aparecem em outras cenas. Alguns operários saem de bicicleta.



43

Título do filme: <i>A Fabrica Garçia</i>	Ficha nº: 34
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930

Assunto: Trabalhadores saindo da fábrica Garcia	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 33”.
Palavra chave: Garcia	

#### Decupagem

Panorâmica, em PC, de trabalhadores (homens e mulheres) saindo da fábrica. Cena com bastante movimentação: pessoas, carros, carroças, bicicletas e cavalos passam pela frente da câmera. ou de bicicleta.

Título do filme: <i>Alumnos do collegio dos P. Franciscanos em Blumenau</i> Ficha nº: 35	
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: alunos do colégio dos Padres Franciscanos	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 1' 10”.
Palavra chave: franciscanos	

#### Decupagem/comentário

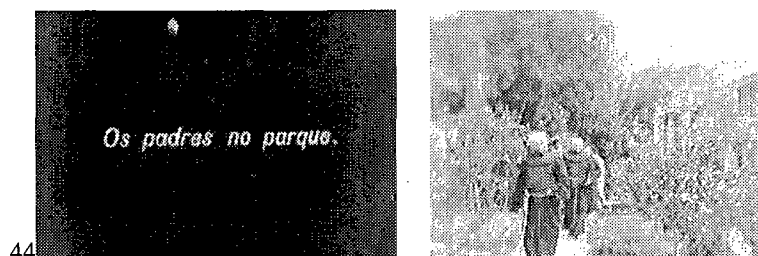
PC, com câmera fixa, de fila em dupla de inúmeros alunos do Colégio de Padres Franciscanos, de Blumenau, que passam pela frente da câmera. É importante notar na vestimenta as diferentes classes sociais dos alunos: uns de terno, calça e sapato; outros de camisa ou paletó, bermuda e de pés no chão. Apesar de protestante, Baumgarten era muito amigo dos padres franciscanos.

Título do filme: <i>Os padres no parque</i>	Ficha nº: 36
Autor: Alfredo Baumgarten	Data:
Assunto: Os padres franciscanos no parque.	

Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração:5”.
Palavra chave: padres	

Decupagem

PMC de alguns padres franciscanos num jardim.



Título do filme: <i>O tiro de guerra do collegio</i>	Ficha nº: 37
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: alunos militares do Tiro de Guerra marchando	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 32”.
Palavra chave: tiro	

Decupagem

PC de alunos militares marchando em direção da câmera. PM, com pequeno movimento de câmera, do militares. PMC frontal dos militares em forma. PM lateral dos militares marchando. Alunos marchando com roupas do exército e com espingardas.

Título do filme: <i>O Juiz de direito da comarca Dr. Amadeu da Luz</i>	Ficha nº: 38
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Dr. Amadeu da Luz, juiz de direito	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 16”.
Palavra chave: juiz	

Decupagem

PM do juiz, Dr. Amadeu da Luz, saindo de uma casa, subindo escadas e, no fundo, uma casa típica da região, a câmera o acompanha.

Título do filme <i>Imponentes comemorações do Centenário da Colonização Alemã.</i>	
<i>Em São Pedro de Alcantra no dia 15 de novembro de 1929.</i> (2 cartões) Ficha nº: 39	
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: 15/11/1929
Assunto: Comemorações do centenário da colonização alemã.	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 41”.
Palavra chave: alemã	

Decupagem/comentário

Dois PC da multidão nas comemorações. PA de vários homens que passam próximo da câmera, que uma pequena panorâmica no sentido vertical. PC de pessoas e banda no centenário da colonização Alemã, em São Pedro de Alcântara. Interessante notar os homens todos de chapéu.

Título do filme: <i>A igreja de São Pedro</i>	Ficha nº: 40
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: 15/11/1929
Assunto: A igreja de São Pedro de Alcântara	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 1’ 10”.
Palavra chave: igreja	

Decupagem

Panorâmica, em PG, enquadrando no alto a igreja de São Pedro, em São Pedro de Alcântara, em fase final de construção, câmera faz movimento vertical para baixo, captando populares e carros da festa. PD da igreja no alto. Panorâmica, em PC, de muita

gente subindo estrada de acesso à igreja. PC, com pequeno movimento de câmera, de populares nas ruas de São Pedro, durante a festa. PC de populares na festa.

Título do filme: <i>A inauguração do monumento do primeiro Centenario da Colonização</i>	
<i>Allema</i>	Ficha nº: 41
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: 15/11/1929
Assunto: Inauguração do monumento do centenário da colonização alemã	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 48''
Palavra chave: centenário	

#### Decupagem/comentário

PC com pessoas primeiro plano e monumento no instante da inauguração aos fundos. Panorâmica, em PC, de multidão próxima ao monumento, algumas pessoas olham para a câmera, muitas usam guarda chuva para se proteger do sol. PC curto muita pessoas defronte a uma casa. É extremamente importante para este trabalho lembrar que o cinegrafista José Julianelli também filmou esta festa.

Título do filme: <i>O Porto de São Francisco do Sul</i>	Ficha nº: 42
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto:	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 29''.
Palavra chave: São Francisco	

#### Decupagem

Panorâmica, em PG, visto do mar, do porto de São Francisco do Sul. Outra panorâmica, em PG, mais próxima do porto, percebe-se madeiras empilhadas aguardando embarque.

Título do filme: <i>Viagem estrada ferrea para Hansa</i>	Ficha nº: 43
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Estrada de ferro para a região de Hansa	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 11''
Palavra chave: Hansa	

#### Decupagem

Belo e curto *travelling*, em PG, tomado de dentro do trem com vista para um vale com um rio.

Título do filme: <i>Gado manda parar</i>	Ficha nº: 44
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Gado na estrada de ferro	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 1'28''.
Palavra chave: gado	

#### Decupagem

*Travelling* frontal, em PC, com Baumgarten posicionado com sua câmera na parte frontal do trem fazendo belíssimas tomadas, dos bois que impedem a passagem do trem. PC do gado atravessando estrada de ferro. *Travelling* lateral do rio que beira a estrada de ferro. PC com movimento de câmera de algumas casas de agricultores. Outro *travelling* lateral em PC de um caudaloso rio. *Travelling* frontal em PC do trem chegando em uma estação. *Travelling* lateral em PG de um rio. *Travelling* lateral em PG de um rio, com correção de câmera para frontal enquadrando uma ponte de madeira.

Título do filme: <i>Inauguração da escola em Indaial</i>	Ficha nº: 45
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Inauguração de uma escola em Indaial	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 26".
Palavra chave: Indaial	

#### Decupagem

PC com movimento de câmera de crianças subindo uma escada. PG com pequeno movimento de câmera da escola de Indaial, um bonito prédio de dois andares, crianças, professores e banda de música na frente.

Título do filme: <i>A Fábrica de leite em pó em Indaial</i>	Ficha nº: 46
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Fábrica de leite em Indaial	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 16".
Palavra chave: leite	

#### Decupagem

PG de um bonito quadro, ao fundo a fábrica de leite em pó de Indaial, um belo prédio de dois andares. Em primeiro plano um trem corta o quadro, mostrando que Baumgarten aguardou o momento certo para tornar a tomada da fábrica mais interessante com o movimento do trem.

Título do filme: <i>Chegada do leite</i>	Ficha nº: 47
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: chegada do leite na fábrica	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 13".

Palavra chave: chegada

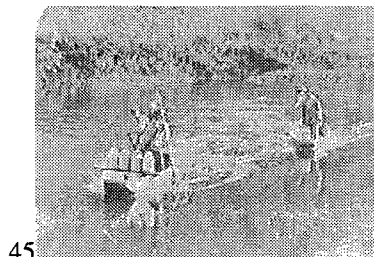
Decupagem

PM de carroça cheia de vasilhas com leite chega na fábrica. Um apontador anota.

Título do filme: <i>Transporte sobre um Rio</i>	Ficha nº: 48
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: transporte sobre um rio	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 21”.
Palavra chave: transporte	

Decupagem

PC de duas canoas com vasilhames de leite que chegam pelo rio. A fábrica de leite de Indaial, desta época, foi importante para a economia da região.



Título do filme: <i>Inauguração d'uma ponte em cimento armado em Indaial.</i> F49	
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: 10/10/1926
Assunto: Inauguração da ponte dos Arcos de Indaial	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 25”.
Palavra chave: Arcos	

Decupagem



PC de multidão na inauguração da ponte. Panorâmica, em PC, da ponte vista lateralmente. Autoridades e população se misturam na inauguração da ponte de Indaial. Panorâmica, em PMC, do rio e orla. Julianelli também documentou esta inauguração.

Título do filme: <i>Colonos trabalhando na conservação das estradas</i> Ficha nº: 50	
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: colonos trabalhando na conservação das estradas	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração:20”.
Palavra chave: estrada	

#### Decupagem

Panorâmica, em PC, de trabalhadores colonos com várias carroças conservando uma estrada de barro.

Título do filme: <i>Ranchos</i> Ficha nº: 51	
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Ranchos de colonos	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração:22”.
Palavra chave: ranchos	Obs. Imagens com pouco contraste

#### Decupagem

Panorâmica, em PMC, de ranchos de colonos pobres da região. Colonos de espingarda, crianças e mulheres trabalhando.

Título do filme: <i>e ferraria na construção</i> Ficha nº: 52	
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Ferraria	

Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 21”.
Palavra chave: ferraria	

Decupagem

Panorâmica, em PM, de ferreiros trabalhando.

Título do filme: <i>do tunel</i>	Ficha nº: 53
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Construção de túnel para ferrovia	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 6”.
Palavra chave: túnel	

Decupagem

PMC de um trabalhador saindo do túnel de trem que está sendo construído, operário vem em direção à câmera.

Título do filme: <i>no Salto Pilão</i>	Ficha nº: 54
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Estrada de ferro em construção	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 23”.
Palavra chave: salto	

Decupagem

Panorâmica, em PMC, que inicia na estrada de ferro em construção e pára numa cachoeira.

Título do filme: <i>O Sta. Maria</i>	Ficha nº: 55
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: cachoeira	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 30".
Palavra chave: cachoeira	

Decupagem

Panorâmica, em PG, de uma linda cachoeira. Algumas pessoas posam.

Título do filme: <i>No Rio do Sul</i>	Ficha nº: 56
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Rio do Sul	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 10".
Palavra chave: Riosul	

Decupagem

Panorâmica curta, em PC, de algumas casas da cidade de Rio do Sul.

Título do filme: <i>Balsa no Rio do Sul</i>	Ficha nº: 57
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Balsa	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 29".
Palavra chave: balsa	

Decupagem

Panorâmica, em PG, mostrando casas, balsa e rio. PMC de balsa atravessando rio com carroça. PM de carroça saindo da balsa, um burrinho sai atrás da carroça.

Título do filme: <i>Bella Alliança</i> .	Ficha nº: 58
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Bella Alliança	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 24"
Palavra chave: Aliança	

#### Decupagem

Grande panorâmica, em PC, de casas estilos enxaimel de Bella Aliança. Carroça passa pela câmera. Baumgarten trabalha muito com panorâmicas e procura quase sempre colocar um movimento no plano que está sendo filmado, como: trem chegando, carroças passando e pessoas em movimento.



46

Título do filme: <i>Rio do Oeste</i>	Ficha nº: 59
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: povoado de Rio do Oeste	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 15".
Palavra chave: oeste	

#### Decupagem

Panorâmica, em PC, mostrando um pequeno povoado, num desmatamento à beira de um rio. PMC de uma carrocinha de garapa à manivela.

Título do filme: <i>Saltos no Rio d'Oeste</i>	Ficha nº: 60
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Cachoeiras do Rio do Oeste	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 58".
Palavra chave: saltos	

Decupagem .

Panorâmica, em PC, de uma belíssima queda d'água em Rio d'Oeste. Panorâmica vertical, em PM, da queda d'água. PC frontal da cachoeira com movimento de câmera. Outra panorâmica, em PC, da cachoeira. PP em *plongée* da cachoeira.

Título do filme: <i>Jaboticabas</i>	Ficha nº: 61
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Árvores de jaboticabas.	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração:40".
Palavra chave: jaboticabas      obs. Filme em mau estado de conservação.	

Decupagem

PM de crianças apanhando jaboticabas num pé carregado delas. O deficiente estado de conservação do filme não permite uma clara identificação dos planos.

Título do filme: <i>Tabaco</i>	Ficha nº: 62
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Colheita de fumo.	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 18".
Palavra chave: tabaco	

### Decupagem

PM de colono colhendo folhas de fumo. Panorâmica, em PM, com crianças sentadas num tronco de árvore observando colhedores.

Título do filme: <i>Sapecar mate</i>	Ficha nº: 63
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Colonos trabalhando o mate	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 14”.
Palavra chave: mate	obs. Mau estado de conservação do filme.

### Decupagem

PM de colonos, homens e mulheres, sapecando o mate.

Título do filme: <i>Fazendo os fardos</i>	Ficha nº: 64
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Colonos empilhando o mate	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 29”.
Palavra chave: fardos	Obs. Filme com partes que já perderam o registro.

### Decupagem

Tomadas, em PM, de colonos empilhando o mate. Os problemas no filme não permitem uma decupagem melhor do registro.

Título do filme: <i>No carijó</i>	Ficha nº: 65
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Armazenamento do mate	

Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 46".
Palavra chave: Armazenagem	Obs. Filmes com partes sem registro.

Decupagem

PM com movimento de câmeras de colonos armazenando o mate. PM, de outro ângulo, do trabalho dos colonos. PM dos colonos colocando fogo embaixo do mate.

Título do filme: <i>Bater o mate</i>	Ficha nº: 66
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Colonos batendo o mate.	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 7".
Palavra chave: bate	Obs. Mau estado de conservação do filme

Decupagem/comentário

PM de colonos batendo, com uma vara, no mate. É importante notar como Baumgarten procura mostrar, através de imagens, as diversas fases de processamento de determinada ação ou produto, neste caso com o mate.

Título do filme: <i>Bananas</i>	Ficha nº: 67
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Colono colhendo banana	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 14".
Palavra chave: banana	Obs. Muito ruim o estado de conservação desta parte

Decupagem

PM de colonos colhendo bananas.

Título do filme: <i>Laranjas</i>	Ficha nº: 68
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Laranjais	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 11”.
Palavra chave: laranjais	Obs. Mau estado de conservação do trecho.

Decupagem

PM de homens e crianças colhem laranjas. PA de colono colhendo laranja.

Título do filme: <i>Criação de suínos</i>	Ficha nº: 69
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Criação de suínos	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 11”.
Palavra chave: suínos	Obs. Estado ruim do filme.

Decupagem

PC de colono cuidando de criação de porcos. PM de colonos e porcos

Título do filme: <i>St. João</i>	Ficha nº: 70
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: estrada ruim	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 20”.
Palavra chave: estrada	

Decupagem

PM em *plongée* de homens empurrando um carro na subida de um morro, com correção de câmara mostrando uma ponte de madeira.



Título do filme: <i>A moradia do caboclo no sertão</i>	Ficha nº: 71
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Moradia do caboclo	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 10”.
Palavra chave: moradia	

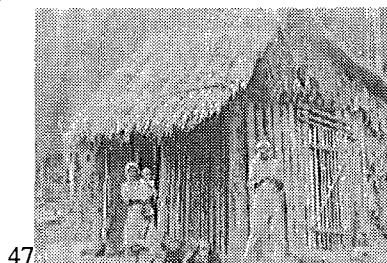
Decupagem

Panorâmica, em PM, da família de caboclo sentada perto de uma fogueira.

Título do filme: <i>O palacio do caboclo</i>	Ficha nº: 72
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Casa do caboclo	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 14”.
Palavra chave: casa	

Decupagem

PC com movimento de câmera da humilde casa do caboclo coberta com palha. Casal na frente dela, mulher com criança no colo.



47

Título do filme: <i>A primeira casinha do caboclo</i>	Ficha nº: 73
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Casa caboclo	

Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 21”.
Palavra chave: casinha	

Decupagem

PC de casal com filhos em frente da casa com acompanhamento de câmera.

Título do filme: <i>Construção em pau a pique</i>	Ficha nº: 74
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Casa de pau a pique	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 14”.
Palavra chave: pau	

Decupagem/comentário

Panorâmica, em PC, de casa construída com barro e madeira, mulher dá milho às galinhas. Difícil ver uma cena de Baumgarten sem um movimento dentro do quadro.

Título do filme: <i>No pinheiral</i>	Ficha nº: 75
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Colonos trabalhando na roça.	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 1'23”.
Palavra chave: pinheiral	

Decupagem

Bela panorâmica, em PC, da mata de araucária até a casa do colono, mostrando a família, a moradia e um caçador. Panorâmica, em PM, de colonos trabalhando. Panorâmica em PC mostrando partes externas da moradia. Panorâmica em PM com homem, mulher capinando.

Título do filme: <i>A cozinha</i>	Ficha nº: 76
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Cozinha do colono	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 49”.
Palavra chave: cozinha	

#### Decupagem

PMC com movimento de câmera mostrando mulher cozinhando em um forno e fogão de lenha na rua, com homem cortando lenha e criança pequena nas proximidades. PA de duas mulheres e um homem colhendo uva. PM de família colhendo uva. PA de família colhendo uva.

Título do filme: <i>Arroz</i>	Ficha nº: 77
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Colheita de arroz	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 27”.
Palavra chave: arroz	

#### Decupagem

PC de colonos (homens e mulheres) colhem arroz, com pequeno movimento de câmera.

Título do filme: <i>Bater com cavallos</i>	Ficha nº: 78
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Cavalos batendo arroz	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 15”.
Palavra chave: cavalo	

Decupagem

PM mostrando cavalos rodando num círculo em cima do arroz colhido.

Título do filme: <i>Eucalyptos no segundo anno.</i>	Ficha nº: 79
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Reflorestamento de eucaliptos	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 24”.
Palavra chave: eucaliptos	

Decupagem

PM de reflorestamento de eucaliptos, de porte médio, com ovelhas soltas e Igreja ao fundo do quadro

Título do filme: <i>Os que fazem o carpinamento</i>	Ficha nº: 80
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Ovelhas comendo	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 24”.
Palavra chave: ovelhas	

Decupagem

PP de três ovelhas comendo o mato.

Título do filme: <i>Uma escola no Rio Wiegand</i>	Ficha nº: 81
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: alunos numa escola rural	

Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 17”.
Palavra chave: alunos	

Decupagem

PMC de alunos saindo de uma escola rural.

Título do filme: <i>Escola no Rio Krauel</i>	Ficha nº: 82
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Escola	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 22”.
Palavra chave: Krauel	

Decupagem

PMC de alunos saindo de uma escola, com pequena correção de câmera. PMC de alunos entrando na escola.

Título do filme: <i>Vendas na colonia: Hering Matador</i> -	Ficha nº: 83
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Matador	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 11”.
Palavra chave: matador	

Decupagem

Panorâmica, em PC, mostrando uma casa enxaimel, com colonos e um carro em frente da mesma.

Título do filme: <i>Schroeder Lontra</i>	Ficha nº: 84
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Casa dos Schoeder	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 12”.
Palavra chave: Schoeder	

#### Decupagem

Panorâmica, em PC, de carroças cavalos e pessoa em frente a uma residência.

Título do filme: <i>Schroeder Rodeio</i>	Ficha nº: 85
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Adestramento de cães	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 24”.
Palavra chave: cães	

#### Decupagem

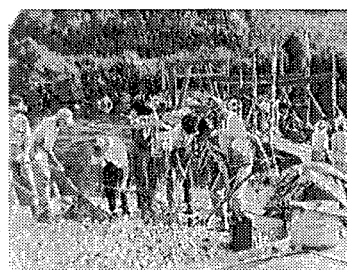
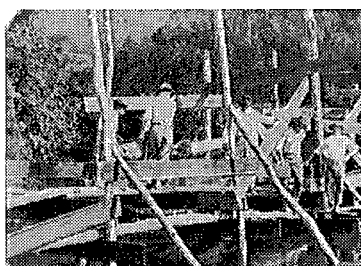
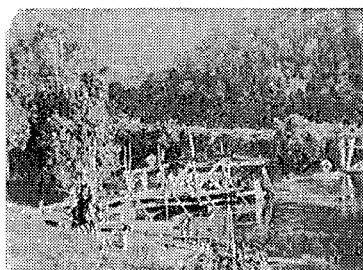
PC com movimento de câmera de cavalos passando em primeiro plano pela câmera e no fundo homem adestra cães.

Título do filme: <i>Hotel „Reif” no Rio Pombas</i>	Ficha nº: 86
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Hotel Reif	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 15”.
Palavra chave: hotel	

## Decupagem

Panorâmica, em PC, de carroças, cavalos e dois carros estacionados em frente a uma casa de madeira, provavelmente o Hotel Reif.

Título do filme: <i>Colonos fazem uma ponte sob a fiscalização do Fiscal Rischbieter.</i>	
Ficha nº: 87	
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Construção de ponte de madeira	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 48".
Palavra chave: construção	



48

## Decupagem

Panorâmica, em PC, de trabalhadores construindo ponte sobre um rio. PM de homens trabalhando. Outro ângulo em PM de homens trabalhando. PM de operários em cima da ponte. PM de caçadores acampando e fazendo fogueira no mato. PM do rio com um pescador no canto do quadro.

Título do filme: <i>Queichada</i>	Ficha nº: 88
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Bicho, caçadores e sua presa.	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 1'40".

Palavra chave: Caçadores
--------------------------

Decupagem

PP de um bicho correndo. Vários planos (PC) de caçadores, no rio e com sua presa, descarnando-a.

Título do filme: <i>Preservação da Carne</i>	Ficha nº 89
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: conservação da carne por caçadores	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 8''
Palavra-chave: conservação	

Decupagem:

PC de carne pendurada em galho de árvore, fumaça e caçadores.

Título do filme: <i>Macacos</i>	Ficha nº 90
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: macacos numa árvore	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 6''
Palavra-chave: macacos	

Decupagem

PMC de macacos brincando em cima de uma árvore.

Título do filme: Os atiradores de Timbó	Ficha nº 91
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930



Assunto: atiradores desfilam	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 8''
Palavra-chave: atiradores	

Decupagem

PC de 3 atiradores e grupo em forma passam, com bandeiras, em frente de uma casa estilo alemão. PC de banda de música e de atiradores que desfilam em sentido contrário ao primeiro plano. Baumgarten fazia parte do clube de atiradores.

Título do filme: <i>Em frente do prédio</i>	Ficha nº 92
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: festa de confraternização dos atiradores	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 46''
Palavra-chave: confraternização	

Decupagem:

Câmera acompanha, em PC, atiradores saindo de uma casa e se dirigindo ao galpão de festas, passando por músicos. Muitas crianças e mulheres também participam do evento.

Título do filme: <i>Abastecimento de carnes na colônia do Udo Ebert</i>	Ficha nº 93
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: carneação de bois numa colônia	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 33''
Palavra-chave: carneação	

Decupagem

Três PM de dois colonos matando um boi. PM de colono arrastando boi abatido. Dois PMC de homem carneando boi e pessoas observando.

Título do filme: <i>Em busca dos troncos</i>	Ficha nº 94
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Serraria de madeiras a beira de um rio.	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 17"
Palavra-chave: serraria	

Decupagem

PC de uma serraria de madeiras, uma carroça passa defronte à câmera. PC com movimento panorâmico de câmera mostrando o rio e a serraria.

Título do filme: <i>Engenho de serrar madeira em Warnov, Proprietario Bruno Ebert</i>	
Ficha nº 95	
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Corte de madeiras	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 27"
Palavra-chave: madeiras	

Decupagem

PC de troncos de árvores sendo empurrados para corte em serraria.

Título do filme: <i>Queijaria de Scoz em Rodeio</i>	Ficha nº 96
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: fabricação de queijos	

Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 10''
Palavra-chave: queijos	

Decupagem

PC com movimento de câmera de casas e queijos pendurados num varal.

Título do filme: <i>Forragem, uso de soro do leite</i>	Ficha nº 97
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: soro do leite alimentando porcos	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 8''
Palavra-chave: leite	

Decupagem

PC de porcos em frente ao galpão.

Título do filme: <i>Queijo de Blumenau</i>	Ficha nº 98
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: queijo sendo embalado	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 15''
Palavra-chave: embalagens	

Decupagem

PA de dois homens embalando queijo.

Título do filme: <i>No planalto de Sta. Catharina</i>	Ficha nº 99
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: Caçador visitando casa humilde.	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 12''

Palavra-chave: planalto

Decupagem

PM de um caçador chegando a uma humilde casa de madeira e cumprimenta família.

Título do filme: <i>corta-se o herval</i>	Ficha nº 100
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: colonos cortando herval	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 50''
Palavra-chave: herval	

Decupagem.

Três PC de colonos cortando erva com facão.

Título do filme: <i>A roçada</i>	Ficha nº 101
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: colonos roçando mata	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 16''
Palavra-chave: roçada	

Decupagem.

PC com movimento de câmera de colonos roçando mata.

Título do filme: <i>Derrubada</i>	Ficha nº 102
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: colonos derrubando árvores	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 31''

Palavra-chave: derrubada
--------------------------

Decupagem.

PC de colonos cortando árvore com machado. PC com movimento vertical de câmera de uma grande árvore. PA de colonos cortando árvore. PC da queda de uma árvore. PD de outra árvore caindo.

Título do filme: <i>A mata derrubada.</i>	Ficha nº 103
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: As árvores derrubadas	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 15''
Palavra-chave: devastada	

Decupagem

Dois PC com movimento de câmera mostrando diversas árvores já derrubadas, no fundo aparece a mata.

Título do filme: <i>Fogo no roçado</i>	Ficha nº 104
Autor: Alfredo Baumgarten	
Data: aprox. 1930	
Assunto: Fogo no roçado	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 29''
Palavra-chave: fogo	

Decupagem

Dois PC de colonos colocando fogo na mata derrubada.

Título do filme: <i>Um gigante</i>	Ficha nº 105
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: tronco de árvore gigantesco	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 25''
Palavra-chave: tronco	

Decupagem.

PC com movimento de câmera de um tronco de árvore gigantesco. Colonos usam machado para cortá-lo em vários pedaços.

Título do filme: <i>Plantação de milho</i>	Ficha nº 106
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: colonos semeiam milho	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 8''
Palavra-chave: milho	

Decupagem

PA de colona semeando milho no terreno no qual a mata foi derrubada. Observa-se novamente a intenção de Baumgarten em descrever o processo, e não apenas mostrar seqüências isoladas.

Título do filme: <i>e aipim</i>	Ficha nº 107
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: colonos plantando aipim	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 10''
Palavra-chave: aipim	

Decupagem

PC de família de colonos plantando aipim, imagem bastante deteriorada.

Título do filme: <i>O carpinamento</i>	Ficha nº108
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: colonos capinando	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 14"
Palavra-chave: carpinamento	

Decupagem.

PC de colonos capinando em torno da plantação de mandioca.

Título do filme: <i>Batatas doce</i>	Ficha nº 109
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: colheita de batata	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 8"
Palavra-chave: Batata	

Decupagem.

PC de colonos (homens e mulheres) colhendo batatas.

Título do filme: <i>Cará</i>	Ficha nº 110
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: colonos colhem cará	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 13"
Palavra-chave: Cará	

Decupagem.

PC de colonos colhendo cará. Cena bastante deteriorada.

Título do filme: <i>Aveia.</i>	Ficha nº 111
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: colheita de aveia	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 8"
Palavra-chave: aveia	

Decupagem

PA de duas mulheres fazendo a colheita de aveia.

Título do filme: <i>O porco e a família do colono</i>	Ficha nº 112
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: família de colonos alimentam porcos.	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 24"
Palavra-chave: porcos	

Decupagem

PC de mulher alimentando um porco, família de colonos posa nos fundos.

Título do filme: <i>O gado de um colono antigo</i>	Ficha nº 113
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: gados e cavalos	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 37"
Palavra-chave: gado	

Decupagem

Vários PC de Gados e cavalos num cercado de um velho colono, que aparece em cena.



Título do filme: <i>Cana serve de forragem</i>	Ficha nº 114
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: cana servindo de forragem	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 10"
Palavra-chave: cana	

Decupagem.

PA de homens observando mulheres carregando cana.

Título do filme: <i>O brinquedo</i>	Ficha nº 115
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: menina brincando com macaco	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 46"
Palavra-chave: macaco	

Decupagem

PA, PM e PA de menina dando mamadeira para um macaquinho, outro macaco brinca em seu pescoço.

Título do filme: <i>Casamento</i>	Ficha nº 116
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: casamento	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 25"
Palavra-chave: casamento	

Decupagem

PC mostrando carros deixando noiva e convidados ao lado de uma igreja. Imagens com sinais de deterioração.

Título do filme: <i>Casamento d'aurio</i>	Ficha nº 117
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: festa de casamento	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 24"
Palavra-chave: recepção	

Decupagem.

Dois PC de várias pessoas recebendo os cumprimentos em frente de uma casa típica.

Título do filme: <i>Cem annos de idade</i>	Ficha nº 118
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: senhora de cem anos	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 9"
Palavra-chave: velhinha	

Decupagem

PP de velhinha cortando aipim.

Título do filme: <i>e as filhas de settenta annos</i>	Ficha nº 119
Autor: Alfredo Baumgarten	
Data: aprox. 1930	
Assunto: velhinhas cortando aipim	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 15"

Palavra-chave: velhas

Decupagem

PA de filhas posando ao lado da mãe, todas cortando aipim.

Título do filme: <i>Ella capina ainda</i>	Ficha nº120
Autor: Alfredo Baumgarten	
Data: aprox. 1930	
Assunto: velhinha capinando	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 10''
Palavra-chave: capinando	

Decupagem.

PM de velhinha capinando. Cena com sinais de deterioração.

Título do filme: <i>cenar sem título</i>	Ficha nº 121
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: aprox. 1930
Assunto: cenas variadas	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 3'48''
Palavra-chave: diversos	

Decupagem das cenas finais, sem intertítulos, mostrando as seguintes imagens:

PG de navio entrando em porto, PA de pessoas desembarcando do navio, imagens com muitos sinais de deterioração. PA de homens e mulheres posando para a filmagem. PC de antigo hotel da praia de cabeçudas, na fachada está escrito Hotel Cabeçudas. Vários planos de multidão de pessoas num evento de difícil identificação, imagens de qualidade precária. PC de crianças defronte de um colégio. PC Banda de música e

autoridades num desfile. PC Pessoas recebendo cumprimento. PC de almoço festivo. Vários PG da cidade de Ibirama com hospital em construção. PA de homens na parte traseira de um trem em movimento.

Fim

Título do filme: <i>Primeiro Congresso Meridional Integralista</i>	Ficha nº 122
Autor: Alfredo Baumgarten	Data: 1935
Assunto: Congresso Integralista	
Acervo: Professor Álvaro Tavares	Tempo de duração: aprox. 3'
Palavra-chave: Integralismo	

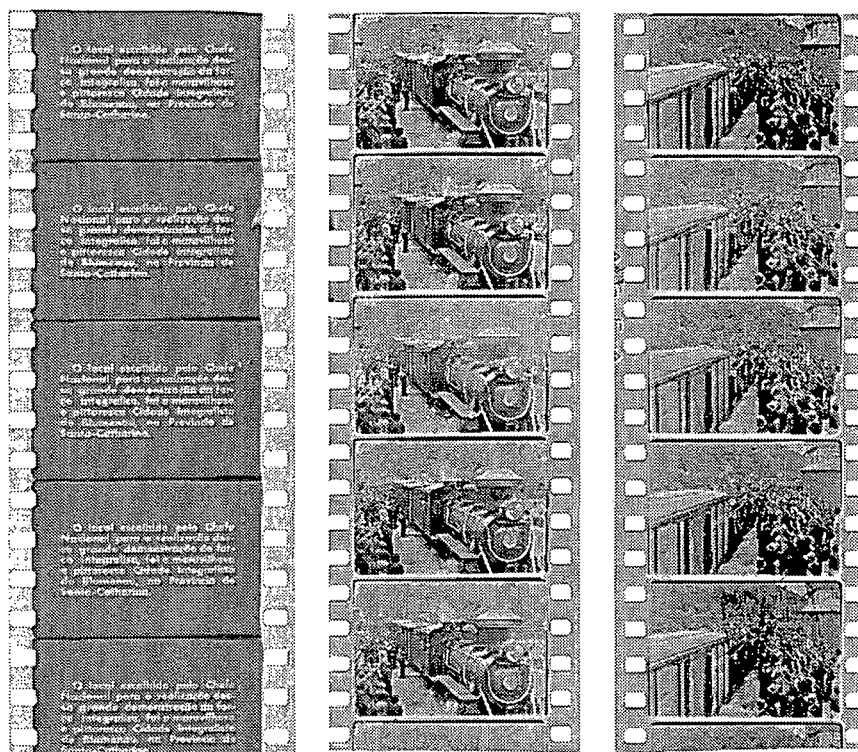
Obs: Este documentário, realizado em outubro de 1935 por Baumgarten, foi encontrado apenas o primeiro rolo, durante a realização desta pesquisa.

Decupagem

P1 - (título) Primeiro Congresso Meridional Integralista

P2 - (intertítulo) Realizou-se no dia 7 de outubro de 1935, em comemoração a data do 3º aniversário da Acção Integralista Brasileira, o primeiro Congresso das Províncias do sul do Brasil

P3 - (intertítulo) O local escolhido pelo Chefe Nacional para a realização dessa grande demonstração da força integralista, foi a maravilhosa e pittoresca Cidade Integralista de Blumenau, na Província de Santa Catharina



49

P4 - Panorâmica em plano geral, com movimento lento de câmera, da cidade de Blumenau, vista do alto;

P5 - Plano geral da cidade de Blumenau vista do alto;

P6 - Plano geral do rio;

P7 - Plano geral do rio com casas estilo enxaimel ao fundo, pessoas passam em primeiro plano, câmera acompanha pessoas;

P8 - (intertítulo) O Congresso foi presidido pelo Chefe Nacional, compareceram Gustavo Barroso, Secretario Nacional de Educação, Madeira de Freitas, Secretario Nacional de Propaganda, Everaldo Leite, Secretário Nacional de Organização Política, os Chefes Pro-

P9 - (intertítulo) venciaes; Espirito-Santo, Mato-Grosso, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio-Grande do sul, os companheiros: Jehovah Motta,

João Carlos Fairbanks, Chefes Municipaes e muitas outras autoridades da Acção Integralista Brasileira;

P10 - (intertítulo) Também o Departamento Feminino contribuiu para o brilho do Congresso. Aqui o vemos em franca actividade

P11 - Panorâmica de um plano conjunto de várias mulheres reunidas, em primeiro plano uma mulher veste o uniforme integralista.

P12 - Plano conjunto com mais mulheres, desta vez elas estão segurando travesseiros, provavelmente num alojamento.

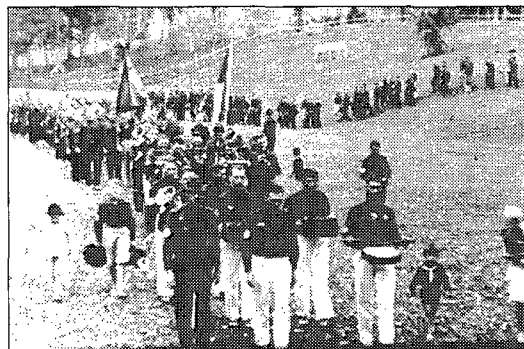
P13 - (intertítulo) O Departamento Feminino prepara a refeição.

P14 - Panorâmica mostrando homens no refeitório uniformizados com a tradicional vestimenta dos “camisas verdes”.

P15 - (intertítulo) De todos pontos da cidade surgem os atletas que vem tomar parte do desfile.

P16 - Plano geral do desfile de integralistas num campo. A banda vem na frente com duas bandeiras: a do integralismo e a brasileira. Pessoas se aproximam da câmara, em

desfile.



50

P17 - Plano conjunto dos integrantes da banda, com movimento de câmara para a esquerda onde aparece outro pelotão.

P18 - Panorâmica mostrando vários integralistas reunidos: homens, mulheres e crianças.

P19 - Crianças uniformizadas nos dois lados de uma rua, na qual se aproxima a banda e uma infinidade de pelotões integralistas;

P20 - Plano geral mostrando crianças uniformizadas com a mão direita levantada, no fundo se aproxima a banda integralista.

P21 - Plano geral, com a aproximação da banda, crianças e mulheres tomam a frente do desfile.

P22 - Plano geral dos pelotões marchando numa estrada de barro, à direita do quadro há uma casa com estilo enxaimel.

P23 - Plano geral, um pouco mais aproximado que o anterior, do desfile mostrando a grande quantidade de pessoas que desfilam, os pelotões passam próximo da câmera.

P24 - Plano geral, grupo de integralistas num palanque com bandeira do partido, e outros integralistas mais próximos.

P25 - Panorâmica iniciando no palanque e terminando no público.

P26 - Panorâmica de pessoas reunidas sem o uniforme, provavelmente no galpão de almoço.

P27 - Panorâmica com muitos integralistas numa praça.

P28 - Um grupo de integralistas, possivelmente os dirigentes do partido, posam para a câmera.

P29 - Desfile integralista nas ruas de Blumenau.

P30 - Panorâmica de multidão de pessoas agrupadas, um carro passa perto da câmera.

P31 - Outro plano de multidão.

P32 - Integralistas, com algumas bandeiras, formados defronte a uma edificação.

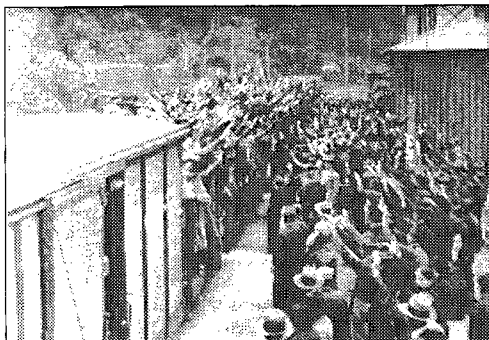
P33 - (intertítulo) A chegada do vapor Integralista

P34 - Chegada do vapor Blumenau, integralistas descem do barco.

P35 - Panorâmica do vapor atracado e da multidão de integralistas próxima ao barco.

P36 - (intertítulo) A chegada do trem integralista

P37 – O trem chega na estação, pára próximo à câmara, e multidão levanta o braço direito saudando a chegada de outros partidários pelo trem.



51

P38 - Vagões passam lentamente pela câmara, multidão com braço direito levantado espera integralistas. Nos vagões abertos, inúmeros integralistas também saúdam com o braço direito levantado.



### 7.3 - Listagem descritiva e comentada dos filmes de José Julianelli

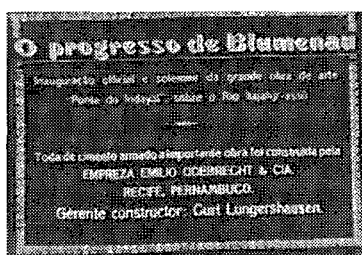
Os negativos contratipados ou cópias dos filmes abaixo relacionados, estão arquivados na Cinemateca Brasileira (São Paulo) ou na Cinemateca de Curitiba. Em Blumenau, no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva existem algumas cópias em 16mm, que foram telecinadas para vídeo.

Obs: Os intertítulos estão escritos em itálico e conforme a grafia no filme.

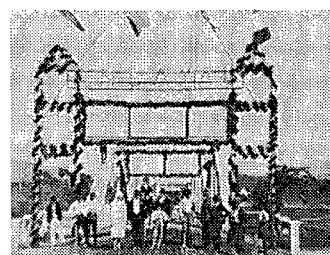
Título do filme: <i>O Progresso de Blumenau</i>	Ficha nº: 01
Autor: José Julianelli	Data: outubro de 1926
Assunto: Inauguração ponte de Indaial	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 6'06"
Palavra chave: Indaial	

Decupagem

P1 - Intertítulo - *O Progresso de Blumenau - Inauguração oficial e solemne da grande obra de arte "Ponte do Indaial", sobre o Rio Itajahy-assú. Toda de cimento armado a importante obra foi construída pela Empresa Emilio Odebrecht & Cia. - Recife, Pernambuco. Gerente Constructor: Curt Lungershausen.*



52



P2 - Intertítulo - *Essa ponte foi mandada construir pela municipalidade de Blumenau na gestão do superintendente Curt Hering. A obra de cimento armado mede 175 metros comprimento, por seis de largura, dividida em cinco arcos.*

P3 - PC da cabeceira da ponte com pessoas, no alto da entrada da ponte está escrito “Indayal”.

P4 - PM de um casal bem vestido na solenidade.

P5 – Intertítulo - *O constructor, snr. Curt Lungershausen, gerente constructor apontando para sua obra de arte*

P6 – PP construtor Curt que se vira e aponta para a cabeceira da ponte.

P7 – PD de três placas no alto da cabeceira da ponte. Numa delas pode-se ler os dizeres, “*Esta ponte é o symbolo da fortaleza de nosso sentimento communal*”.

P8 – PC com movimento de câmera da ponte para o rio.

P9- Intertítulo - *Aspecto do imponente acto inaugural. A cabeceira da ponte um grupo de autoridades locais e representantes do município, destacando-se o Dr. Victor Konder, ministro da Viação, Dr. Amadeu Luz, Juiz de direito, Curt Hering, superintendente municipal, Emmembergo Pellizzette, deputado estadual.*

P10 – PG de muitas autoridades na cabeceira da ponte. Um fotógrafo aparece em PP.

P11 – PM com movimento de câmera de algumas autoridades.

P12 – PM de autoridades.

P13 – PM de autoridades que se aproximam e passam pela câmera.

P14 – Intertítulo - *O Symbolo da Pátria . O Illustre Snr. Victor Konder, ministro da Viação, lendo, no acto inaugural, seu brilhante discurso tratando do engradecimento do município de Blumenau.*

P15 – PD de uma tentativa de fusão da Bandeira do Brasil para paisagem.

P16 – PA de uma autoridade discursando.

P17 – PG com movimento panorâmico horizontal do rio até a ponte mostrando uma multidão de pessoas.

P18 – PM de fotógrafo e outras pessoas.

- P19 – PC com panorâmica das festividades de inauguração.
- P20 – PC de pessoas saindo e entrando na ponte.
- P21 – PC de pessoas na entrada da ponte.
- P22 – PC com movimento de câmera de pessoas na ponte até o rio.
- P23 – PM de homens posando para câmera.
- P24 – PA de pessoas passando pela câmera.
- P25 – PM de homens vindo em direção à câmera e parando em frente da mesma.
- P26 – PC de carro saindo da ponte, carro passa pela câmera, pessoas posam.
- P27 – PP de pessoas defronte à câmera.
- P28 – PC de mulheres posando e passando pela câmera.
- P29 – PC de uma cabeceira da ponte, onde lê-se a placa com os seguintes dizeres: *“Viva a nossa grande pátria brasileira”*.
- P30 – Panorâmica em PC da lateral da ponte com muitas pessoas nela debruçadas.
- P31 – PC em plongée olhando o rio, próximo à ponte.
- P32 – PG da ponte.
- P33 – PG da ponte com movimento de câmera para o rio.
- P34 – PC de pessoas à beira do rio olhando para a câmera.
- P35 – Intertítulo - *Um dos escaphandro empregados na construção dos pilares da ponte.*
- P36 – PM de mergulhador com escafandro entrando n`agua.
- P37 – Intertítulo - *Deslumbrante panorama da região, ao cahir da tarde. Os clubs de regatas “Ämerica” e “Ypiranga” na disputa de um pareo. Ha, entre os sportmans grande interesse pela victoria que coube ao “America”. Chegada da “yole”victoriosa.*
- P38 – PC com panorâmica da lateral da ponte.
- P39 – PC com panorâmica da lateral da ponte e arredores completando um giro de 180 °.

P40 – PG com movimento de câmera de regata no rio, próximo à ponte

P41 – PC de barco da regata.

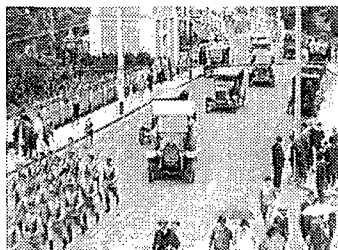
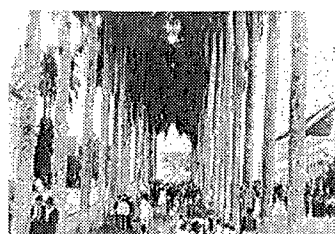
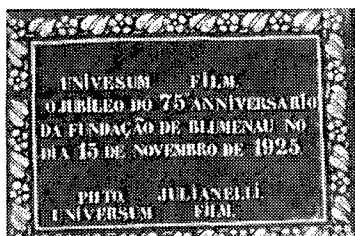
P42 – Intertítulo - *O Snr. Carlos Schroeder e exm. família, em frente à sua casa commercial*

P43- PC de uma família em frente de uma casa posando para câmera.

P44 – PA da família em frente de uma casa típica da região.

Comentário: As cenas mostram a preocupação de Julianelli em documentar eventos políticos e sociais, como neste caso, a inauguração da ponte de Indaial, que foi um grande acontecimento na região. O cinegrafista filma as autoridades, os construtores, o público e os mergulhadores. Existem cenas com grande diferença de luz, apresentando marcas de deterioração. Interessante lembrar que Baumgarten também registrou o evento com sua câmera. Algumas pessoas filmadas cumprimentam a câmera ou o cinegrafista, outras deixam registrados sua timidez ou espanto. Fato que mostra, de certa forma, a presença da câmera no que é filmado. Os intertítulos, comuns nos filmes de Julianelli e Baumgarten, têm a função de explicar ou situar a ação ou ainda enaltecer algum político, personalidade ou região.

Título do filme: Setenta e cinco anos da fundação de Blumenau	Ficha nº: 02
Autor: José Julianelli	Data: novembro de 1925
Assunto: festividades dos 75 anos de Blumenau	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 6'06"
Palavra chave: Blumenau	



53

### Decupagem

P1- Intertítulo - *Universum Film. O Jubileo do 75 aniversario da Fundação de Blumenau no dia 15 de novembro de 1925. Phto. Julianelli. Universum Film.(repete esse intertítulo em alemão).*

P2- Intertítulo - *Panorama de Blumenau - Cidade industrial é de progresso. Estado de S. Catharina. Phto. Julianelli. Universum Film.*

P3- Panorâmica em PG da cidade de Blumenau com rio em PP.

P4 - Panorâmica em PG da cidade de Blumenau com rio em PP.

P5- Panorâmica em PG da cidade de Blumenau com rio em PP.

P6- Panorâmica em PG da cidade de Blumenau com rio em PP.

P7- Panorâmica em PG com movimento vertical iniciando nas copas das palmeiras e terminando no solo com muitas pessoas nos arredores.

P8- Intertítulo - *O Especto em frente o monumento do Dr. Blumenau. Universu Film. Julianelli.(repete em alemão).*

P9- Intertítulo - *1850.*

P10- Intertítulo - *1850. Dr. Hermann Blumenau. Univers Film. Julianelli. Blumenau.*

P11- foto do Dr. Blumenau.

- P12 - *1925. das Denkmal Dr. Blumenaus. Univers Film. Julianelli. Blumenau*
- P13- Fusão para um plano do monumento do Dr. Blumenau.
- P14- PG de uma rua de Blumenau repleta de pessoas.
- P15- PG de desfile militar numa rua de Blumenau.
- P16- Panorâmica em PC do movimento numa rua durante a festividade.
- P17- PC com movimento de câmera da festividade nas ruas.
- P18- PM de homens e mulheres presentes na festividade.
- P19- PC de carros enfeitados passando pela câmera, pessoas posam.
- P20 – Intertítulo - *Um grupo de personalidade ilustre de Blumenau é representante de outros municípios. D. Victor Konder, S. da Fazenda, Dr. Amadeu Luz, Juiz de Direito, Curt Hering, superintendente, M. Luiz Vasconcelo D. Estadual, Coronel Hypolito Boiteux. (repete em alemão).*
- P21 – PC das personalidades.
- P22- PA das personalidades.
- P23- Intertítulo - *Líntendeza Munipale di Blumenau. A Camara Municipal de Blumenau.*
- P24- PM com movimento de câmera panorâmico vertical iniciando no alto do prédio da câmara e terminando na porta com pessoas nos arredores.
- P24- Intertítulo - *Universu Film. Desfilar da Passeata Allegorica. Phto Julianelli.(repete em alemão)*
- P25- Banda, carros alegórico, pessoas a pé ou montadas em cavalos passam pela câmera em PC, num grande desfile.
- P26- PC do desfile.
- P27- PM de carros alegóricos que passam em frente à câmera.

P28- PM de carros que passam na frente da câmera, num ângulo diferente da tomada anterior.

P29- PM de um carro alegórico que pára na frente da câmera, pessoas posam e carro arranca.

P30- PM de outros carros que param defronte à câmera, pessoas olham para a câmera.

P31- PM de outro carro que pára.

P32- PM de carro que mostra parafuso de engenho.

P33 – PM de caminhão.

P34- PM de crianças em cima de um carro mostrando melancias, com movimento de câmera para colonos que posam ao lado do carro.

P35- PC das crianças e colonos juntos.

P36- PM de carro enfeitado com a foto do Dr. Blumenau.

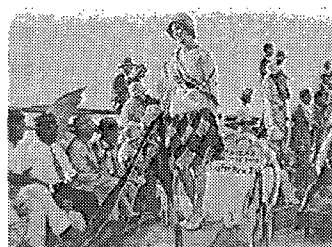
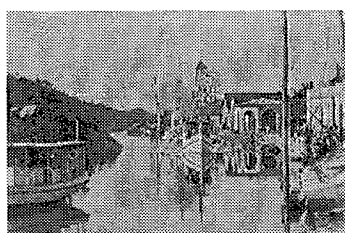
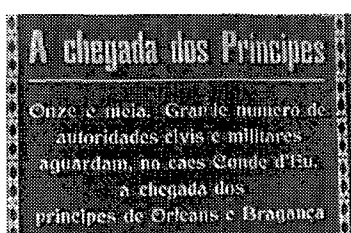
P37- PM de homens num carro.

P38- PA de três mulheres, provavelmente rainhas.

P39- PP das mulheres com movimento de câmera horizontal.

Comentário: A câmera de Julianelli está sempre atenta para grandes acontecimentos - é a ótica do poder, à qual nos referimos na pesquisa - até porque era a forma encontrada pelo cinegrafista para obter mais retornos financeiros com seus filmes. Mesmo assim, as cenas são de um valor inestimável, revelando inúmeros aspectos da cidade de Blumenau no ano de 1925. Provavelmente, um dos primeiros filmes de Julianelli e o mais antigo registrado por esta pesquisa.

Título do filme: A visita do Príncipe de Orleans e Bragança a Joinville (Joinville Jornal)	
Ficha nº: 03	
Autor: José Julianelli	Data: 1926
Assunto: Solenidades da visita do príncipe a Joinville	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração:
Palavra chave: Joinville	



54

### Decupagem

P1 – Intertítulo - S. Excia o Dr. Bulcão Vianna, governador do estado, em companhia de sua comitiva, chega a Joinville , afim de assistir as festas da grande comemoração.

P2 – PC das autoridades saindo de um prédio em direção ao carro com acompanhamento de câmara.

P3 – PM do carro com autoridade entrando no carro.



P4 – PC de pessoas e carros passando em PP.

P5 – PC de carro e militares.

P6 – Intertítulo - Edifício da Municipalidade - A recepção que se realizou na municipalidade, em homenagem ao Governador do Estado.

P7 - PG de autoridades entrando na prefeitura.

P8 – PC de autoridades saindo da prefeitura.

P9 – PC de autoridades entrando num carro.

P10 – PC de autoridades em frente à prefeitura.

P11 – Intertítulo - *A Chegada dos Príncipes - Onze e meia. Grande numero de autoridade civis e militares aguardam no caes Conde d'Eu, a chegada dos principes de Orleans e Bragança.*

P12 – PC, com acompanhamento de câmara, do barco com o príncipe chegando pelo rio.

P13 – PC, com movimento de câmara, de vários carros estacionados numa estação e movimentação de pessoas.

P14 – Intertítulo - *Os principes S. S. S. S. o principe D. Pedro de Orléans e Bragança e sua Exma. esposa, a princesa D. Elisabeth.*

P15 – PA do príncipe e princesa.

P16 – PP da princesa.

P17 – PP do príncipe.

P18 – PM do casal.

P19 – PC de multidão na rua.

P20 – PM de pessoas na calçada.

P21 – Intertítulo - *Primeiro surgem, em trajes de passeio, Misses New York (America), França, Cuba, Luxemburgo, Austria e Alemanha...*

P22 – PC de misses desfilando em carros empurrados por homens.

P23 – PA com acompanhamento de câmera de miss desfilando em carro.

P24 – PM de Miss no carro passando na frente da câmera.

P25 – PM de Misses passando com na frente da câmera.

P26 – PM de Miss Austrália que se aproxima da câmera

P27 – PM de Miss Alemanha que se aproxima da câmera.

P28 – PM de Miss Romênia que se aproxima da câmera.

P29 - *...e depois, em trajés de banho, Misses Rumania, America, Hespanha, Austria, Miss Universo), França, Inglaterra e Brasil.*

P30 – PM em plongée de carro com miss que se aproxima da câmera.

P31 – Pessoas em PP e carro de Miss que se aproxima da câmera.

P32 – PC de multidão no desfile.

P33 – PA de Misses que passam pela câmera.

P34 – PC de Miss Espanha que passa pela câmera.

P35 – PM de Miss Áustria que passa pela câmera.

P36 – PM de outra Miss passando pela câmera.

P37 – Miss Inglaterra passa em PM pela câmera.

Comentário: Grande evento político e social na cidade de Joinville com a visita do Príncipe de Orleans e Bragança e, novamente, lá estava José Julianelli registrando o evento. Além das cenas de políticos, desfile de miss, carros e multidão, aparecem imagens significativas da cidade de Joinville na época.

Título do filme: A Matriz de Blumenau	Ficha nº: 04
Autor: José Julianelli	Data: 1926

Assunto: Vários assuntos de Blumenau	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração:
Palavra chave: Matriz	

Decupagem

P1 – Intertítulo - *A matriz de Blumenau num domingo - cine Julianelli*

P2 – Panorâmica (PC) vertical em contra-plongée da matriz de Blumenau, iniciando na torre e finalizando na porta e escadaria.

P3 – Contra-plongée (PC) de pessoas saindo da igreja e descendo as escadas.

P4 – PC com pequena correção de câmera de pessoas descendo a escadaria, em PP passa uma carroça e, posteriormente um carro.

P5 – Intertítulo - *Os alumnos do collegio S. Antonio derigidos pelos Frades Franciscanos. Blumenau.*

P6 – PC de desfile (imagem muito escura).

P7 – PC com panorâmica de alunos uniformizados em forma.

P8 – PM com pequeno movimento de câmera de alunos uniformizados.

P9 – Intertítulo - *Em recordação da grande data, 7 de setembro, o digno povo de Blumenau oferece a bandeira de honra a heróica 9 Companhia de Metralhadora. Phto. Julianelli.*

P10 – Intertítulo - *Universum. Film. O Comandante da 9 C. de Metralhadora Capitão A. Thome Rodrigues. Phto. Julianelli.*

P11 – PM do comandante em cima do cavalo, câmera acompanha movimento do animal.

P12 – PC de alunos em forma hasteando uma bandeira.

P13 – PM de alunos com uniforme de física em forma.

P14 – PM de militares da Companhia de Metralhadora em forma posando para câmera que realiza movimentos irregulares.

P15 – PM da Companhia em forma com movimento de câmera.

P16 – PC com giro de câmera de festividades, imagem de pouca nitidez.

P17 – PP de rosto de mulheres presentes na solenidade.

P18 – PC com panorâmica de militares e autoridades.

P19 – Intertítulo - *O presidente do Conselho Municipal Major Francisco Margarida pronunciando ho discurso de offerecimento da bandeira. Phto. Julianelli.*

P20 – PM do presidente do Conselho Municipal discursando ao lado de uma bandeira e de outras autoridades.

P21 – PC do encerramento do discurso, pessoas aplaudindo, pequeno movimento de câmera.

P22 – PC de militares, um deles discursa virado para a bandeira, movimento de câmera para o público.

P23 – PA de militares com bandeira.

P24 – PA de mulheres segurando a bandeira, com movimentação de câmera para outras pessoas próximas.

P25 – PC de várias pessoas reunidas, um militar em PP segura a bandeira.

P26 – Panorâmica (PC) de transeuntes.

P27 – PC com movimento de mulheres e homens que posam para câmera.

P28 – PM de homem montado em cavalo que passa pela câmera.

P29 – PG da companhia em desfile numa rua de Blumenau.

P30 – PC de pessoas assistindo ao desfile.

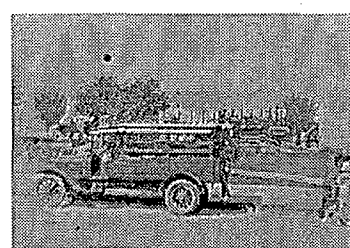
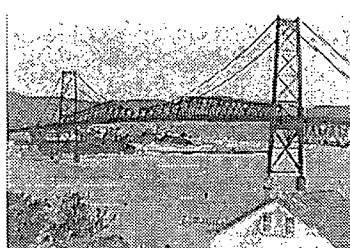
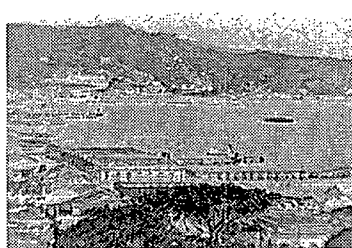
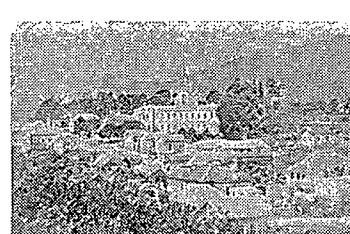
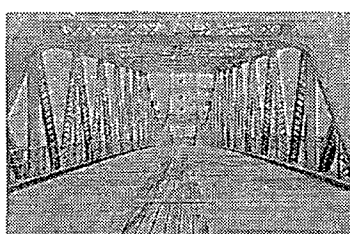
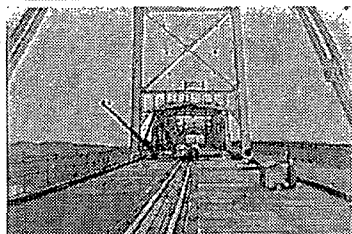
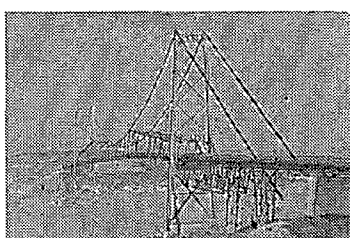
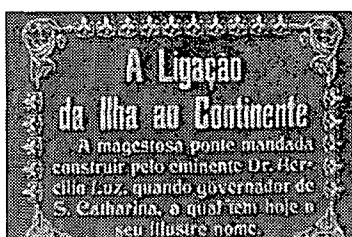
P31 – PM com movimento de câmera de pessoas que assistem ao desfile.

P32 – PM com panorâmica de pessoas na calçada.

P33 – Panorâmica vertical (PC) de uma casa típica, depois panorâmica horizontal da casa e das pessoas que se avolumam na calçada, carro passa em PP.

Comentário: As cenas de Julianelli mostram imagens de uma Blumenau com prédios que já não existem mais, como: a Igreja Matriz e os casarios do centro da cidade. Só por isso já seriam importantes, mas as imagens mostram ainda alguns costumes da sociedade e o evento político, uma constante nas imagens do cinegrafista.

Título do filme: Ponte de Florianópolis	Ficha nº: 05
Autor: José Julianelli	Data: março de 1926
Assunto: Ponte Hercílio Luz, em Florianópolis	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 3'22"
Palavra chave: Ponte	

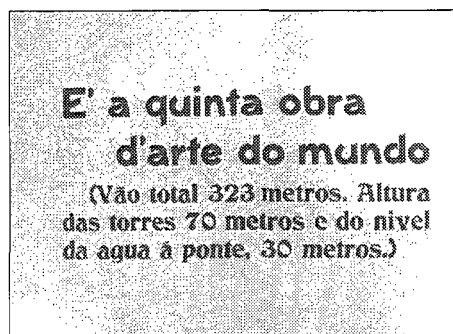


55

Decupagem

P1 – Intertítulo - *A ligação da ilha ao continente. a magestosa ponte mandada construir pelo eminente Dr. Hercílio Luz, quando governador de S. Catharina, a qual tem hoje o seu ilustre nome.*

P2 – Intertítulo - *É a quinta obra d'arte do mundo. (vão total 323 metros. altura das torres 70 metro e do nível da agua à ponte, 30 metros).*



56

P3 – Panorâmica em PC da Ponte iniciando na cabeceira insular e finalizando no centro da ponte.

P4 – Panorâmica em PG da Ponte iniciando no viaduto insular e finalizando no centro.

P5 –PG da Ponte com pequeno movimento de câmera enquadrando a Ponte por completo, movimento de câmera continua enquadrando o estreito.

P6 – PC de navio no mar, em PP dois coqueiros.

P7 – Panorâmica em PC da Ponte com movimento de câmera e luminosidade bastantes irregulares.

P8 – Panorâmica vertical frontal da torre da ponte.

P9 – Panorâmica de detalhe da torre finalizando no túnel central da Ponte.

P10 – PD da estrutura da ponte.

P11 – Panorâmica (PC) da lateral da ponte até o estreito.

P12 – Panorâmica curta e escura de parte do continente.

P13 – PG de um navio com uma pequena embarcação transportando pessoas em PP.

P15 – PM da pequena embarcação no alto do quadro e na parte inferior crianças em cima de uma pedra.

P16 – Panorâmica (PG) da cidade de Florianópolis tomada da cabeceira da Ponte.

P17 – PG da cidade de Florianópolis.

P18 – PG da cidade de Florianópolis.

P19 – Panorâmica da cidade começando na Rita Maria e terminando no mar.

P20 – PD de uma casa típica com dois coqueiros em PP.

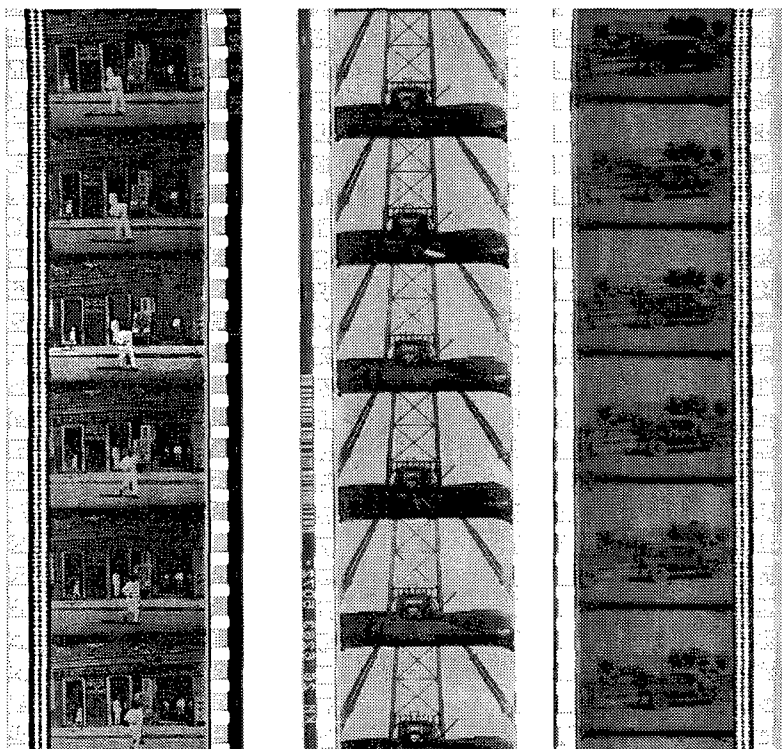
P21- PG da ponte, casas em PP, tomada do continente.

P22 – Panorâmica da ilha até a Ponte. Câmera fixa na Ponte em PG.

P23 – Panorâmica (PC) do centro da cidade com vários carros estacionados.

P24 – Panorâmica (PC) do centro da cidade terminando em carro estacionado.

P25 – PC de duas lojas do centro: “Rainha da Moda” e “Salão Progresso”.



57

P26 – PA de homens em frente ao Hotel Moura.

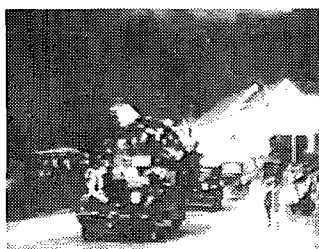
P27 – PC de homens em frente a uma loja.

P28 – PA de homens posando para câmera.

Comentário: Imagens da Ponte Hercílio Luz, registradas em março de 1926, quando a Ponte já se encontrava concluída, porém ainda não tinha sido inaugurada. Fato que ocorreu a 13 de maio de 1926. No filme, aparecem as indelévels marcas de deterioração do tempo, mas é bem possível que sejam estas, juntamente com alguns segundos de imagens de Baumgarten, as únicas cenas da Capital do Estado de Santa Catarina daquele período. Predominam cenas da Ponte Hercílio Luz, algumas panorâmicas repetidas, mostrando uma certa dificuldade do cinegrafista em realizar um movimento de câmera com fluidez, como tão bem fazia Baumgarten. Cenas muito significativas do Porto da Rita Maria, imagens da cidade, do estreito, e do centro da cidade (ainda sem o Miramar) fazem deste filme um material extremamente importante para a memória da cidade de Florianópolis.

Título do filme: Carnaval em Blumenau	Ficha nº: 06
Autor: José Julianelli	Data: 1926
Assunto: carnaval em Blumenau	
Acervo: Cinemateca de Curitiba	Tempo de duração: 2'55"
Palavra chave: Carnaval	

OBS: Filme sem intertítulo original, apenas com a seguinte identificação, colocada pela Cinemateca: “Carnaval em Blumenau”.



58



## Decupagem

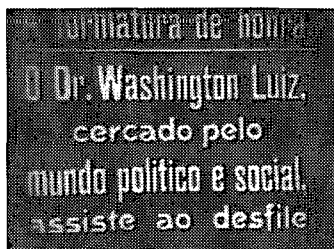
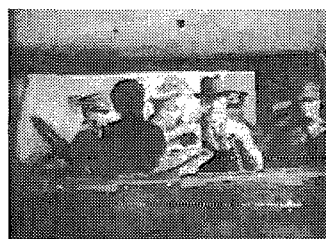
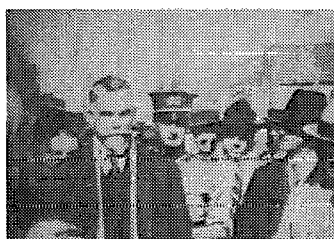
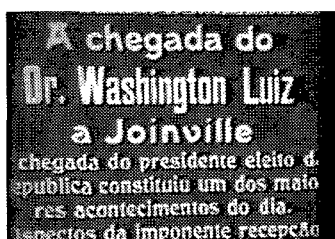
P1- PC de carros alegóricos passando defronte à câmera. Muitas pessoas dos dois lados da rua de Blumenau. Parte inicial do plano bastante deteriorada. Tomada de longa duração.

P2 – Muitos carros alegóricos, bastante enfeitados, passam pela câmera numa curva da rua das Palmeiras. Tomada de longa duração.

Comentário: Cenas, já bastante deterioradas, de inúmeros carros enfeitados desfilando pelas ruas de Blumenau, entre elas a rua das Palmeiras. As imagens contrariam algumas opiniões, que dizem que o carnaval era pouco festejado na cidade de Blumenau. Planos gerais de calhambeques que se aproximam da câmera, lotados de pessoas com a animação de quem saiu de uma festa, acenando, gritando e gesticulando.

Título do filme: A chegada do Dr. Washington Luiz a Joinville	Ficha nº: 07
Autor: José Julianelli	Data: maio de 1926
Assunto: Solenidades da presença de Washington Luiz na cidade de Joinville	
Acervo: Cinemateca de Curitiba e Cinemateca Brasileira Tempo de duração: 8'30"	
Palavra chave: Washington	

## Decupagem:



P1 – Intertítulo - *A chegada do Dr. Washington Luiz a Joinville. Chegada do presidente eleito da República constituiu um dos maiores acontecimentos do dia. Aspectos da imponente recepção na “gare”.*

P2 – PG de carros parados na estação de trem.

P3 – PC de trem em movimento.

P4 – PM de trem em movimento, homem em PP.

P5 – PC de muitas autoridades.

P6 – PA de Washington Luiz e outras autoridades (foto).

P7 – PM de carros passando e militares nas proximidade.

P8 – PM de carro parado, Washington Luiz entra no carro. Imagem bastante deteriorada.

P9 – Intertítulo – *S. Excia. Dr. Washington Luiz visita a caserna do 3 Batalhão de Caçadores.*

P10 – PC de militares e Washington Luiz entrando no 3º Batalhão.

P11 – PC de militares e Washington Luiz saindo do 3º Batalhão e caminham em direção à câmera.

P12 – PM de Washington Luiz e autoridades saindo de porta, posam para câmera e continuam andando, câmera acompanha.

P13 – Militares com instrumento musical (banda) passam defronte à câmera.

P14 – PM de Washington Luiz e militares com movimento de câmera.

P15 – PM de Washington Luiz e militares que posam e passam pela câmera.

P16 – PC de Washington Luiz e autoridades que posam para câmera, movimentos de câmera bastante irregulares.

P17 – Panorâmica em PM mostrando autoridades.

P18 – Intertítulo – *A formatura de honra. O Dr. Washington Luiz cercado pelo mundo político e social, assiste ao desfile.*

P19 – PM de Washington Luiz e autoridades assistindo, provavelmente, ao desfile.

P20 – PM do desfile do Batalhão dentro do Quartel.

P21 – Intertítulo - *No Club Joinville, onde foi oferecido o banquete ao presidente democrata Dr. Washington Luiz*

P22 – PG mostrando o clube de Joinville.

P23 – PM de ciclista passando em frente ao clube.

P24 – Intertítulo - *O banquete foi alvo das maiores manifestações. Vários aspectos do banquete que personalidades distintas lhe ofereceram no Club Joinville.*

P25 – PA de autoridades em pé atrás da mesa do banquete.

P26 – PA mostrando Washington Luiz e autoridades sentando.

P27 – PC de outro ângulo mostrando autoridades almoçando.

P28 – PG do almoço.

P29 – PM do almoço.

P30 – PA de Washington Luiz no almoço.

P31 – PP de Washington Luiz no almoço.

P32 – PP de três homens tomando café.

P33 – PG do jantar com autoridades sentadas olhando para a câmera (repetido).

P34 – PM de Washington Luiz e autoridades em pé no salão.

P35 – PM de Washington Luiz e autoridade no exterior posando para câmera.

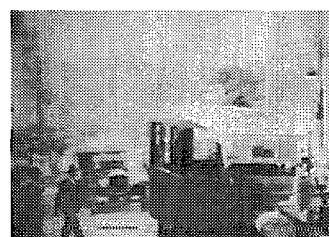
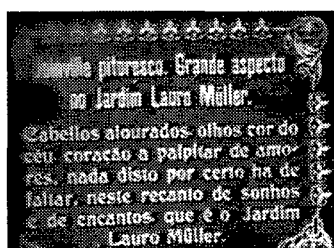
P36 – PP de Washington Luiz e autoridades. O presidente posa, tira e coloca o chapéu e sai, virando-se para trás.

Comentário: A câmera de Julianelli não poderia deixar de registrar a visita do presidente Washington Luiz na cidade de Joinville. As cenas, algumas bastante deterioradas,

mostram políticos e militares nos eventos que marcaram a visita do presidente. Uma imagem muito interessante, por sua beleza estética, é a chegada do trem à estação de Blumenau. Nas demais a presença de Washington Luiz na cidade, que além de ser um fato significativo, pode subsidiar inúmeras leituras, uma das quais, estamos tentando reforçar ao longo do trabalho, que as são imagens de Julianelli realizadas sob a ótica do poder.

Título do filme: Joinville Pitoresco	Ficha nº: 08
Autor: José Julianelli	Data: 1926
Assunto: A cidade de Joinville	
Acervo: Cinemateca de Curitiba	Tempo de duração: 10'19"
Palavra chave: Pitoresco	

#### Decupagem



60

P1 – Intertítulo - *Joinville Pitoresco. Grande Aspecto no Jardim Lauro Müller. Cabelos alourados, olhos cor do céu, coração a palpitar de amores, nada disto por certo há de faltar, neste recanto de sonhos e de encantos que é o Jardim Lauro Müller.*

P2 – PG do Jardim, movimento de câmera, imagem ruim.

P3 – Intertítulo - *Sr. Dr. Marinho Lobo, digno Superintendente Municipal, lendo o seu discurso no acto da inauguração dos monumentos.*

P4 – PC do Dr. Marinho discursando num coreto do Jardim, multidão em torno (3 tomadas).

P5 – Panorâmica de um monumento tapado (vai ser inaugurado), movimento de câmera revela multidão no Jardim.

P6 – PA em plongée de pessoas amontoadas passando e olhando para a câmera (3 tomadas).

P7 – PC de pessoas no Jardim com pequenos movimentos de câmera.

P8 – PM do monumento com pessoas em torno.

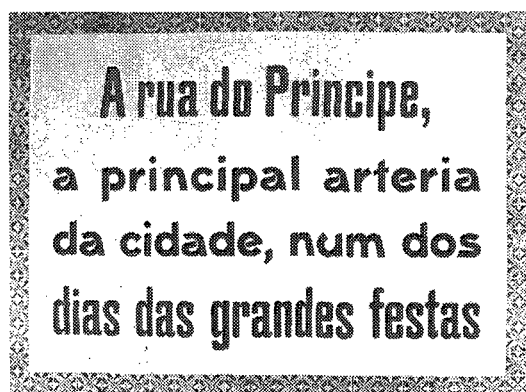
P9 – Intertítulo - *A herma erguida em memoria a D. Francisca, princeza de Joinville. A cidade presta-lhe homenagens. Varios aspectos da Inauguração.*

P10 – PM do busto de D. Francisca, pessoas se aproximam por trás do monumento.

P11 – PP do busto de D. Francisca, com panorâmica vertical, até a seguinte inscrição: “Joinville de 1926 a Joinville de 1851”. (imagem invertida).

P12 – PD da inscrição anterior com homem ao lado.

P13 – Intertítulo: *A rua do Principe, a principal arteria da cidade, num dos dias das grandes festas.*



61

P14 – PC de pessoas em pé na calçada da rua do Príncipe.

P15 – Travelling frontal da rua do Príncipe com bastante movimentação. Câmera posicionada dentro de um carro.

P16 – PC de homens desfilando em cavalos pela rua.

P17 – PG da rua em dia de festa, com movimento de câmera (3 tomadas)

P18 – PD de pessoas numa sacada de uma casa.

P19 – PG de militares desfilando.

P20 – Intertítulo - *A passeata de diversos clubes pela rua do Príncipe: Gymnasticos, Bombeiros e Atiradores*



P21 – Desfile na rua do Príncipe. Imagem escura de difícil identificação.

P22 – Carros e pessoas passando. Imagem escura.

P23 – PG da rua numa tomada noturna. Rua iluminada.

P24 – PC de desfile de banda e militares na rua.

P25 – Dois detalhes da decoração da rua (2 tomadas).

P26 – PC de pessoas e prédio da rua do Príncipe.

P27 – PC da movimentação da rua. Imagem escura.

P28 – PC da rua com carros passando defronte à câmera.

P29 – 6 PGs da agitação da rua com movimentos de câmera.

Comentário: A câmera de Julianelli é a mesma em seus registros de grandes eventos.

Porém, neste filme, como pano de fundo, pode-se notar significativas imagens da cidade de Joinville na época. Além disso, a população, os carros, a praça e os casarios, tomam estas imagens um importante manancial para estudos da memória da cidade de Joinville.

Título do filme: Centenário da Colonização Alemã	Ficha nº: 09
Autor: José Julianelli	Data: 1929
Assunto: Festividades do centenário da colonização	
Acervo: Cinemateca Brasileira	Tempo de duração: 9'18"
Palavra chave: Centenário	

OBS: Filme sem os tradicionais intertítulos da maioria dos filmes de Julianelli. No início aparece um portal com as datas 1829 - 1929 e a inscrição em alemão - "Herzlich Willkommen" (Bem-Vindo). Uma referência aos cem anos de colonização Alemã, filmado em São Pedro de Alcântara e na praça de São José. Naquela época, o município de São Pedro de Alcântara (primeira localidade a receber imigrantes alemães no Estado) pertencia a São José.



63

#### Decupagem

P1 – PD do portal com as datas 1829 – 100 – 1929 – Herzlich Willkommen (Bem-Vindo).

P2 – PG de uma com muitas pessoas.

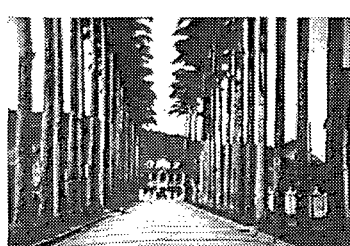
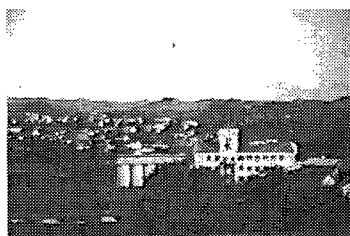
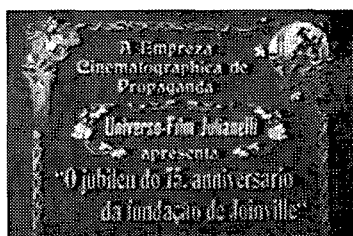
- P3 – PC de uma rua com muita movimentação de pessoas, correção de câmera.
- P4 – PA de três senhoras andando.
- P5 – Panorâmica (PC) de multidão até cavalaria desfilando.
- P6 – PP de pessoas, algumas com guarda-chuvas.
- P7 – PG da cidade bastante movimentada, visto de um morro. (2 tomadas)
- P8 – PM de político discursando em cima de um pequeno palanque e multidão em torno.
- P9 – PM do político discursando e pessoas em volta, tomada de outro ângulo.
- P10 – PA do político discursando, pessoas em torno.
- P11 – PA do político terminando discurso, se retirando do palanque e pessoas aplaudindo.
- P12 – PG da multidão.
- P13 – PC de pessoas e um monumento.
- P14 – PA de pessoas e um monumento.
- P15 – PA de político e pessoas levantando chapéu perto do monumento.
- P16 – Panorâmica (PC) da multidão nas festividades da cidade.
- P17 – PM de autoridades se aproximando da câmera e entrando numa casa, câmera acompanha.
- P18 – PC frontal de uma casa com bandeira hasteada e pessoas em frente.
- P19 – PC de banda de música desfilando.
- P20 – PM de pessoas e carroças desfilando.
- P21 – PD de vacas enfeitadas.
- P22 – Panorâmicas de mulheres (colonas) indo até as vacas enfeitadas (2 tomadas)
- P23 – PP de mulheres (colonas) rindo para a câmera.
- P24 – PA de menino, carro de boi com animais enfeitados.



- P25 – PP de carroças desfilando.
- P26 – PA de duas mulheres, a câmera as acompanha.
- P27 – PC de carroças e carros desfilando e passando pela câmera. (3 tomadas)
- P28 – PM de político desfilando no palanque e multidão em torno.
- P29 – PM de carroça enfeitada parada, com menino na janela.
- P30 – PP de homem posando para a câmera.
- P31 – PG das festividades, agora na praça central de São José.
- P32 – PG das festividades com pessoas se aproximando da câmera.
- P33 – PC frontal da cavalaria desfilando na praça e passando pela câmera.
- P34 – PC da movimentação na praça, com igreja ao fundo e movimentação de câmera.
- P35 – PM de árvores, pessoas e igreja ao fundo.
- P36 – PC de homens andando no outro lado da praça.
- P37 – PC de homens atravessando rua.
- P38 – PC de autoridades andando pela rua frontal à praça.
- P39 – PA de homens andando na praça.
- P40 – PG de pessoas na praça. (3tomadas).
- P41 – PG com panorâmica em plongée da movimentação na praça.
- P42 – PC de carros estacionados e cavalaria parada nas imediações.
- P43 – PC de carros estacionados com dois casarões ao fundo.
- P44 – Panorâmica (PC) em plongée da praça.
- P45 – PG da praça.
- P46 – PG da praça tomada de uma janela, cabeça de mulher em PP.
- P47 – PG com panorâmica, de outro ângulo, da movimentação na praça. (2 tomadas)
- P48 – PG da praça. (3 tomadas)

Descrição e comentário: Diversos planos de pessoas na rua de São Pedro. Homens e mulheres bem vestidos, soldados desfilando em cavalos. Plano geral da praça de São Pedro, multidão de pessoas e vários carros estacionados. Político discursando em pequeno palanque, com muitas pessoas em volta do mesmo. Inauguração do monumento em comemoração aos cem anos de colonização. Autoridades andando na rua, entrando numa casa (provavelmente, alguma do poder público) de São Pedro. Há o hasteamento de uma bandeira. Desfile de carroças, carros de boi e automóveis - todos eles enfeitados. Praça de São José, muitas pessoas na praça. Desfile de soldados e autoridades. Planos gerais que mostram a festa na singela praça do município de São José. Muito interessante notar que Alfredo Baumgarten também filmou as comemorações deste centenário. Ano de realização = 1929.

Título do filme: O jubileu do 75º aniversario da fundação de Joinville Ficha nº: 10	
Autor: José Julianelli	Data: 1926
Assunto: Festividades do 75º Aniversário de fundação de Joinville	
Acervo: Cinemateca de Curitiba	Tempo de duração: 9' 17"
Palavra chave: jubileu	



64

Decupagem

P1 – Intertítulo - *A Empreza Cinematographica de Propaganda Universo-Film Julianelli apresenta “O jubileu do 75. anniversario da fundação de Joinville”.*

P2 – Intertítulo - *Nos termos do contracto de 5 de maio de 1849 com a Sociedade Colonisadora de Hamburgo. Francisco Fernando Felipe Luiz Maria de Orleans, principe de Joinville, terceiro filho de Luiz Felipe I, rei dos francezes, estabellecia, no Brasil a pequena colonia Dona*

P3 – Intertítulo - *Francisca, hoje o município de Joinville, numa superficie de 170 mil kilometros quadrados, que foram separados do dote de sua esposa, a princeza d. Francisca, Irmã de D. Pedro II, imperador dos brasileiros.*

P4 – Intertítulo - *Annos e annos se seguiram a esse memoravel acontecimento, dentro de cujo tempo homens vindos de terras distantes realizaram, com a colaboração de brasileiros, pouco a pouco, a grandiosa obra da civilização.*

P5 – Intertítulo - *75 annos depois Joinville, a princeza do norte catharinense, festeja a magna data de sua fundação.*

P6 – Intertítulo - *Vista Geral da grande e bella cidade de Joinville, a princeza do norte catharinense. (Photografias tomadas ao cahir da tarde. Note-se a grandiosidade do panorama*



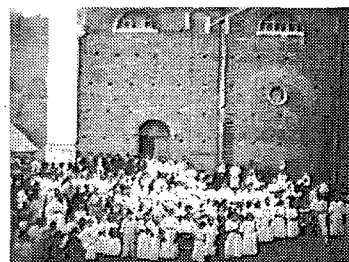
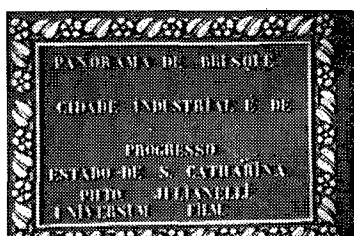
P7 – Panorâmica, em PG, vista do alto, da cidade de Joinville.

P8 – PG com movimento de câmera da cidade.

- P9 – PC com movimento de câmera de um prédio e casas de Joinville.
- P10 – Panorâmica em PC da cidade.
- P11 – PC com panorâmica mostrando rua e casas da cidade.
- P12 – PC de casas da cidade.
- P13 – PC com movimento de câmera da cidade, aparecendo igreja em construção.
- P14 – PC da Igreja, que está quase pronta, e outro prédio.
- P15 – PC com panorâmica, vista do alto, das casas da cidade.
- P16 – Vista da cidade com panorâmica (PC) tomada do alto.
- P17- PC com pequeno movimento de câmera de um prédio da cidade.
- P18 – PC com movimento de câmera da cidade vista do alto.
- P19 – PC com pequena panorâmica da cidade vista do alto.
- P20 – PC de fábrica com chaminé e casas em torno.
- P21 – PC com movimento de câmera de casas da cidade vista do alto.
- P22 – Panorâmica (PC) da cidade aparecendo uma fábrica.
- P23 – Intertítulo - *O POR-DO-SOL. Os raios luminosos do horizonte abandonam a cidade industrial.*
- P24 – PG de um pôr-do-sol no rio. Imagem bastante deteriorada.
- P25 – Intertítulo - *A encantadora Alameda Brustlein vendo-se ao fundo a antiga residência dos príncipes de Joinville.*
- P26 – Panorâmica vertical aparecendo o alto das palmeiras dos dois lados do quadro, com o movimento de câmera aparece a residência dos príncipes.
- P27 – Intertítulo - *Parada militar. O desfile da valorosa e disciplinada unidade militar 13 Bat. de Caçadores*
- P28 – Desfile militar passa diante da câmera num PC.

Descrição e comentário: Interessante notar como Julianelli procura introduzir o espectador no evento dos 75 anos da cidade, se detendo algum tempo, no início do jornal, em introduzir uma referência histórica contextualizando em algumas palavras o início da colonização da cidade. Diversas panorâmicas da cidade de Joinville, vista do alto. Alguns planos mais próximos, como o de uma fábrica de 5 andares, e outras fábricas, mostrando, com isso, a vocação fabril da cidade. Material de significativa importância para a memória da cidade de Joinville. Cenas da cidade e desfile militar. Nota-se uma preocupação de Julianelli, com os intertítulos iniciais - extensos e explicativos -, de situar o espectador, mostrando alguns dados históricos da cidade de Joinville, sempre dentro de seu tom efusivo.

Título do filme: Panorama de Brusque	Ficha nº: 11
Autor: José Julianelli	Data: aprox. 1926
Assunto: Aspectos da cidade de Brusque	
Acervo: Cinemateca de Curitiba	Tempo de duração: 15'40"
Palavra chave: Brusque	



66

## Decupagem

P1 – Intertítulo - *Panorama de Brusque. cidade industrial, é de progresso. Estado de S. Catharina. Phto. Julianelli. Universum film.*

P2 – Panorâmica vertical em contra-plongée (PC) do alto da torre até a porta da igreja e escadarias, com pessoas saindo da missa, descendo as escadas e passando pela câmera, algumas posam.

P3 – PP com movimento de câmera de vários homens de chapéu.

P4 – Panorâmica (PC) de uma rua da cidade com muita movimentação de pessoas.

P5 – Panorâmica (PC) de rua da cidade.

P6 – PC com movimento de câmera mostrando pessoas reunidas e o casario da época.

P7 – Panorâmica (PC) mostrando pessoas e o casario.

P8 – PC do casario, pessoas andando na calçada.

P9 – PD do alto de porta com as inscrições “*Otto Schaefer*” .

P10 – PC com movimento de câmera do interior da loja com um homem em PP, provavelmente o proprietário da loja.

P11 – PG do exterior da loja, pessoas na frente, movimento de câmera.

P12 – Panorâmica vertical (PC) de uma casa com pessoas posando defrente da mesma.

P13 – PG com movimento de câmera do centro da cidade, aparecendo uma igreja ao alto e casario no nível da câmera.

P14 – PG de uma rua da cidade, com carro passando.

P15 – Panorâmica (PC) mostrando rua, Igreja, outra Igreja, e casario.

P16 – Panorâmica em PG da cidade vista do alto. Imagem bastante deteriorada.

P17 – PC de casas vista do alto com movimento de câmera.

P18 – Panorâmica da cidade, iniciando numa igreja e finalizando no casario, visto de cima.

- P19 – PC visto do alto de carroças estacionadas.
- P20 – PG visto do alto de casas.
- P21 – PC visto do alto da cidade.
- P22 – PC tomada de cima de casas, com movimentação de câmera.
- P21 – PG da cidade com panorâmica, tomada do alto.
- P22 – PG da cidade, tomada do alto.
- P23 – PC do cemitério da cidade, visto de cima.
- P24 – Intertítulo - *Universu Film. O consul italiano Vissita Superintendencia Municipal de Brusque. Cine Julianelli.*
- P25 – PC da superintendência municipal com pessoas na porta.
- P26 – PM de pessoas saindo pela porta principal da superintendência, algumas posam, caminham, com correção de câmera.
- P27 – Intertítulo - *Universu Film. Um grupo de personalidade illustre de Brusque junto o Consul Italiano.*
- P28 – Panorâmica em PP do grupo de personalidades posando para a câmera.
- P29 - *O consul italiano cav. Caetano Vecchiotti vissita a colonia italiana Porto Franco. O aspecto do Grande Hotel Francisco Maestro. P. Franco E de Santa Catharina. Universu Film.*
- P30 – Panorâmica (PC) do hotel e rua com pessoas nos arredores.
- P31 – PC com panorâmica de autoridades com Cônsul.
- P32 – PV de várias pessoas defronte de um prédio de dois pavimentos posando para câmera.
- P33 – PA de homens e mulheres posando para câmera.
- P44 – PG de muitas pessoas reunidas e uma autoridade discursando.
- P45 – Panorâmica (PC) de muitas pessoas no lado de uma igreja.

P46 – PC de pessoas, que saíram da igreja, andando por uma estrada de barro.

P47 – Intertítulo - *A passeata dos cyclistas. Foi imponente a passeata organizada pelos cyclistas de Joinville. O desfile.*

P48 – PC de ciclistas que passam diante da câmera.

P49 – PM de carro que passa pela câmera.

P50 – PC de ciclistas enfeitados passam pela câmera.

P51 – PM de pessoas andando numa rua de Brusque.

P52 – PC de pessoas bem vestidas e carros passeando por uma rua da cidade (5 tomadas).

P53 – PC de um desfile militar e escolar que passa pela câmera.

P54 – Intertítulo - *Diversos Aspectos do Parque de diversões, nos dias das grandes festas*

P55 – Panorâmica (PC) de muitas pessoas reunidas, algumas uniformizadas, num parque.

P56 – PP de rostos de crianças, e as mesmas crianças passam em PM. As crianças estão em fila e uniformizadas. Um bonito plano de Julianelli.

P57 – PC de crianças uniformizadas no parque se movimentando em fila.

P58 – PC de crianças se movimentando com instrutor em PM.

P59 – PC de homens uniformizados.

P60 – PC de crianças fazendo exercícios.

P61 – PC de crianças andando em fila.

P62 – PC de crianças em fila e instrutor em PM.

P63 – PC de crianças brincando com gangorra.

P64 – PC, mais aproximado, de crianças brincando em gangorra, se divertindo para a câmera.



P65 – PG do parque.

P66 – PA de senhoras bem vestidas posando para câmera.

P67 – PP de senhoras.

P68 – PP de senhoras.

Descrição e comentário das cenas: Pessoas descendo a escada frontal da igreja de Brusque, algumas param e posam em frente à câmera. Pessoas na rua de Brusque. Casario da rua principal da cidade. Câmera filma “Otto Schaefer”, um estabelecimento comercial, no exterior e interior da loja. Ruas da cidade e diversas panorâmicas vistas do alto da cidade na época. Autoridades em frente de uma casa típica da região. Autoridades numa solenidade na localidade de Porto Franco. Ciclistas e militares desfilam pelas ruas de Brusque. Crianças fazendo ginástica. Mulheres, bem vestidas, posam para a câmera. Cenas de raro valor histórico para a cidade.

## 8 – Fontes Iconográficas

1 – Página 37 – Foto de José Henrique Nunes Pires.

2 – Página 51 – Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de foto do acervo particular de Margareta Medeiros.

3 - Página 52 – Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de foto do acervo do Arquivo Público de Blumenau “José Ferreira da Silva”.

4 – Página 54 – Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de matéria publicada no Jornal *Brazil*, Blumenau, 26/09/1920, n° 64, página 2.

5 – Página 55 – Reproduções fotográficas de José Henrique Nunes Pires de propagandas dos serviços fotográficos de Alfredo Baumgarten, publicadas no Jornal *Blumenauer Zeitung*.

6 ,7, 8, 9 e 10 – Páginas 56 e 57 - Digitalização de frames de vídeo copiado dos filmes de Alfredo Baumgarten pertencentes ao acervo da Cinemateca Brasileira.

11 – Página 58 – Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de matéria publicada no Jornal *Cidade de Blumenau*, em 09/11/1935.

12 – Página 60 – Digitalização de frames de vídeo copiado dos filmes de Alfredo Baumgarten pertencentes ao acervo da Cinemateca Brasileira.

13 – Página 63 – Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de matéria publicada no Jornal *Cidade de Blumenau*, em 30/10/1935.

14 – Página 63 – Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de foto publicada no livro *O Cinema em Santa Catarina*.

15 – Página 63 - Reproduções de fotogramas do documentário de Alfredo Baumgarten sobre o *Congresso Integralista* de 01/09/1935.

- 16 – Página 64 - Reproduções de fotogramas do documentário de Alfredo Baumgarten sobre o *Congresso Integralista* de 01/09/1935.
- 17 – Página 65 - Digitalização de frames de vídeo copiado dos filmes de Alfredo Baumgarten pertencentes ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 18 – Página 65 - Foto de José Henrique Nunes Pires.
- 19 – Página 66 - Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de foto do acervo do Arquivo Público de Blumenau “José Ferreira da Silva”.
- 20 – Página 67 – Reproduções fotográficas de José Henrique Nunes Pires dos proclamas da Empresa Julianelli do acervo de José Henrique Nunes Pires.
- 21 – Página 69 – Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires do proclama da Empresa Julianelli do acervo de José Henrique Nunes Pires.
- 22 – Página 72 - Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de matéria publicada no Jornal *A Cidade*, em 09/01/1926.
- 23 – Página 73 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 24 – Página 74 – Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de matéria publicada no O jornal *O Tempo*, em Florianópolis, 13/03/1926.
- 25 – Página 75 - Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de matéria publicada no Jornal *O Tempo*, em Florianópolis, 17/03/1926.
- 26 – Página 76 - Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de matéria publicada no Jornal *O Tempo*, em Florianópolis, 18/03/1926.
- 27 – Página 78- Reproduções fotográficas de José Henrique Nunes Pires de matérias publicadas no *Jornal de Joinville*, em Joinville, 29/05/1926.
- 28 – Página 78 - Digitalização de frames de vídeos copiados do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.

- 29 – Página 79 – Foto de José Henrique Nunes Pires.
- 30 – Página 83 - Reprodução de fotograma do documentário de Alfredo Baumgarten sobre o *Congresso Integralista* de 01/09/1935.
- 31 – Página 85 - Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de matéria publicada no Jornal *Cidade de Blumenau* em 09/11/1935.
- 32 – Página 87 – Reprodução fotográfica da cartela original, da qual foi filmado o intertítulo do filme de José Julianelli, pertencente ao acervo de José Henrique Nunes Pires.
- 33 – Página 87 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 34 – Página 90 – Reprodução fotográfica da cartela original, da qual foi filmado o intertítulo do filme de José Julianelli, pertencente ao acervo de José Henrique Nunes Pires.
- 35 – Página 90 - Reproduções fotográficas de José Henrique Nunes Pires de matérias publicadas nos Jornais de Santa Catarina e também de um proclama da empresa Julianelli.
- 36 – Página 92 - Reprodução fotográfica de José Henrique Nunes Pires de matéria publicada no Jornal *A Cidade*, em 16/09/1926.
- 37 – Página 93 - Digitalização de frames de vídeos copiados dos filmes de José Julianelli e de Alfredo Baumgarten, pertencentes ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 38 – Página 94 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de Alfredo Baumgarten pertencente ao Acervo da Cinemateca Brasileira.
- 39 – Página 94 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.

- 40 – Página 108 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de Alfredo Baumgarten pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 41 – Página 109 - Digitalização de frame de vídeo copiado do filme de Alfredo Baumgarten pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 42 – Página 118 - Digitalização de frame de vídeo copiado do filme de Alfredo Baumgarten pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 43 – Página 118 - Digitalização de frame de vídeo copiado do filme de Alfredo Baumgarten pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 44 – Página 120 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de Alfredo Baumgarten pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 45 – Página 125 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de Alfredo Baumgarten pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 46 – Página 129 - Digitalização de frame de vídeo copiado do filme de Alfredo Baumgarten pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 47 – Página 135 - Digitalização de frame de vídeo copiado do filme de Alfredo Baumgarten pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 48 – Página 140 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de Alfredo Baumgarten pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.
- 49 – Página 154 - Reprodução de fotogramas do documentário de Alfredo Baumgarten sobre o *Congresso Integralista* de 01/09/1935.
- 50 – Página 156 - Reprodução de fotograma do documentário de Alfredo Baumgarten sobre o *Congresso Integralista* de 01/09/1935.
- 51 – Página 157 - Reprodução de fotograma do documentário de Alfredo Baumgarten sobre o *Congresso Integralista* de 01/09/1935.

52 – Página 158 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.

53 – Página 162 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.

54 – Página 165 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.

55 – Página 170 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.

56 – Página 171 - Reprodução fotográfica da cartela original, da qual foi filmado o intertítulo do filme de José Julianelli, pertencente ao acervo de José Henrique Nunes Pires.

57 – Página 172 - Reprodução de fotograma do filme de José Julianelli.

58 – Página 173 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca de Curitiba.

59 – Página 174 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca de Curitiba.

60 – Página 177 - Digitalização de frames de vídeos copiados do filme de José Julianelli pertencentes ao Acervo da Cinemateca de Curitiba.

61 – Página 178 - Reprodução fotográfica da cartela original, da qual foi filmado o intertítulo do filme de José Julianelli, pertencente ao acervo de José Henrique Nunes Pires.

62 – Página 179 - Reprodução fotográfica da cartela original, da qual foi filmado o intertítulo do filme de José Julianelli, pertencente ao acervo de José Henrique Nunes Pires.

63 – Página 180 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca Brasileira.

64 – Página 183 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca de Curitiba.

65 – Página 184 - Reprodução fotográfica da cartela original, da qual foi filmado o intertítulo do filme de José Julianelli, pertencente ao acervo de José Henrique Nunes Pires.

66 – Página 186 - Digitalização de frames de vídeo copiado do filme de José Julianelli pertencente ao acervo da Cinemateca de Curitiba.

## 9 – Bibliografia

- ALVETTI, Celina do Rocio Paz. *O Cinema Brasileiro na Crônica Paranaense dos Anos Trinta*. São Paulo, 1989. Tese (Mestrado), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1989.
- BACK, Sylvio. Cinema hagiográfico. *Folha de São Paulo*, São Paulo 9 março 1997. Ilustrada, p.3.
- BARTHES, Roland. *A Câmera Clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema Brasileiro: propostas para uma história*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo : Brasiliense, 1985.
- BERNARDET, Jean-Claude; RAMOS, Alcides Freire. *Cinema e história do Brasil*. São Paulo : Ed. Contexto, 1988.
- BERNARDET, Jean-Claude. *Piranha no mar de rosas*. São Paulo : Nobel, 1982.
- BURCH, Noel. *Práxis do Cinema*. São Paulo Perspectiva, 1992.
- BURKE, Peter. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”. In: *A escrita da História: novas perspectivas*. Peter Burke (org.) 2.ed. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CALIL, Carlos Augusto (Org.). *Paulo Emílio: um intelectual de frente*. São Paulo : Brasiliense, 1986.
- CAPELLARO, Jorge J.V.; Ferreira, Paulo Roberto. *Verdades sobre o início do cinemano Brasil*. Rio de Janeiro : Funarte, 1996.



- CARLSEN, Jon Bang. Um rosto na multidão. *Folha de São Paulo*, São Paulo 29 março 1998. mais!, p.5.
- CARMONA, Ramón. *Cómo se comenta un texto fílmico*. 3.ed. Madrid : Catedra, 1996.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1995.
- CARVALHO, Giselle; SAVAZZI, Wânia; NASSER, Patrícia. *O cinema em Curitiba (1897-1912)*. in: Cadernos de Pesquisa. vol.4. Rio de Janeiro : Fundação do Cinema Brasileiro/Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro.
- CAVALCANTI, Alberto. *Filme e realidade*. Rio de Janeiro : Artenova, 1977.
- CINEJORNAL BRASILEIRO, DIP, 1938-1946. São Paulo : Fundação Cinemateca Brasileira/Imp. Oficial do Estado, 1982.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo : Ática, 1988.
- CHESHIRE, David. *Manual de Cinematografía*. Madrid : Ebury, 1979.
- COLLIER Jr., John. *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- COMOLLI, Jean-Louis. Technique et ideologie (I). Cahiers du Cinéma, Paris, 230, juillet 1971.
- CORRÊA, Carlos Humberto. *Os governantes de Santa Catarina de 1739 a 1982: notas biográficas*. Florianópolis : Ed. da Ufsc, 1983.
- COSTA, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema*. São Paulo : Scrita, 1995.
- COSTA, Selda Vale da; LOBO, Narciso Júlio Freire. *No rastro de Silvino Santos*. Manaus : Sca, 1987.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo : Secretaria Municipal de Cultura/Departamento do Patrimônio Histórico, 1991.

- ESCUADERO, García. *Cinema e problema social*. Lisboa : Aster.
- FARDIN, Sônia Aparecida (Org.). *Imagens de um sonho: iconografia do cinema campineiro de 1923 a 1972*. Campinas : SMCET/MIS, 1995.
- FARKAS, Thomaz. *Cinema documentário: um método de trabalho*. São Paulo, 1972.  
Tese (Doutorado), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1972.
- FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.p. 79.
- FONSECA, Editraud Zimmermann. *Indaial: cidade das plantas e das flores : sua história, sua gente, seus costumes*. Blumenau : Fundação Casa Dr. Blumenau, 1992.
- FRANCASTEL, Pierre. *A Realidade Figurativa*. São Paulo: Perspectiva,1973.
- GASKELL, Ivan. "História das Imagens". In: BURKE, Peter. *A Escrita da História - Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992,pp. 237-271.
- GEADA, Eduardo (Org.). *Estéticas do Cinema*. Lisboa : Dom Quixote, 1985.
- GUTIÉRREZ, Alea Tomás. *Dialética do espectador: seis ensaios do mais laureado cineasta cubano*. São Paulo : Summus, 1984.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas : Papyrus, 1996.
- KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Blumenau : Edith Kormann, v. 4, 1996.
- KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. *Estudos Históricos*, Rio de janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo : Ática, 1989.
- LABAKI, Amir (Org.). *Folha conta 100 anos de cinema*. São Paulo : Imago, 1996.

- LABAKI, Amir. *O olho da revolução: o cinema urgente de Santiago Alvarez*. São Paulo : Iluminuras, 1994.
- LE GOFF, Jacques. "Documento/Monumento". In: *História e Memória*. 3.ed. Campinas : Ed. da Universidade de Campinas, 1994.
- LEUTRAT, Jean-Louis. Cinema e História. *Imagens*, Campinas, n 5, ago./dez. 1995.
- MACHADO, Rubens L.R. *São Paulo em movimento: a representação cinematográfica da metrópole nos anos 20*. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1989.
- MCLUHAM, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo. Cultrix, 1996.
- MEDEIROS, Armando Luiz. *Alfredo Baumgarten - fotógrafo e jornalista*. Artigo datilografado e arquivado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau.
- NORONHA, Jurandy. *No tempo da Manivela*. Rio de Janeiro : Embrafilme/Ebal/Kinart, 1987.
- OLIVEIRA, Aline C. Sasahara. "*Mulher Solta, Louca - Maria Venuto, das horas de seus dias à tela de cinema*". Campinas, 1996. 183p. Tese (Mestrado), Instituto de Artes, Universidade de Campinas, 1996.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. 3.ed. São Paulo : Perspectiva, 1991. SCA/Edições, 1987.
- PARENTE, André (org.). *Imagem Máquina*. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1993.
- PARENTE, José Inácio; MONTE-MÓR, Patrícia et al. *Cinema e Antropologia: horizontes e caminhos da antropologia visual*. Rio de Janeiro. Interior, 1994.
- PIRES, José H. N.; DEPIZZOLATTI, Norberto V.; ARAÚJO, Sandra M. *O Cinema em Santa Catarina*. Florianópolis : Ufsc/Embrafilme, 1987.

- RAMOS, Fernão (Org.). *História do cinema brasileiro*. 2.ed. São Paulo :Art, 1990.
- RAUH, Rachel Cavalcanti. *Blumenau em Imagens: fotógrafos e fotografias como fonte de estudo da história da colônia de Blumenau (1850-1930)*. Florianópolis, 1992.  
Tese (Mestrado), Coordenadoria de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.
- ROSENSTONE, Robert A. "History in Images/History in Words: Reflections on the possibility of Really Putting History onto Film", *American Historical Review* *AHR Forum on the use of film in History*, vol. 93, nº5, december, 1988.
- SABADIN, Celso. *Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo*. São Paulo : Lemos Editorial, 1997.
- SADOUL, Georges. *História do Cinema Mundial*. vol. I e II. São Paulo : Martins, 1963.
- SANTOS, Yolanda Lhullier dos; CALDAS, Pedro Henrique. *Francisco Santos: pioneiro no cinema do Brasil*. Pelotas : Semeador, 1995.
- SILVA, José Ferreira da. *História de Blumenau*. Florianópolis : Edeme, 1979.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.
- STECZ, Solange Straube. *Cinema Paranaense 1900 - 1930*. Curitiba. Tese (Mestrado), Curso de História, Universidade Federal do Paraná, 1988.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras, 1987.
- TAIBO, Paco Ignacio. *Historia popular del cine: desde sus inicios hasta que comenzó a hablar*. México : Imcine, 1995.
- TRINDADE, Hélgio. *Integralismo - o fascismo brasileiro na década de 30*. 2 ed. Rio de Janeiro : Difel, 1979.
- VANOYE, Francis ; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise filmica*. Campinas : Papyrus, 1994.

- VERTOV, Dziga. “Resolução do Conselho dos Três em 10-04-1923”. In: Ismail Xavier (org.), *A Experiência do Cinema*, Rio de Janeiro : Graal/Embrafilme, 1983.
- VIRILIO, Paul. *A Máquina de Visão*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1994.
- WHALE, Carlos Siegfried. “O Integralismo no Vale do Itajaí”. In: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX, N. 02, Blumenau : Fundação Cultural de Blumenau, Fevereiro de 1998.
- XAVIER, Ismail (Org.). *O cinema no século*. São Paulo : Imago.
- XAVIER, Ismail (Org.). *A Experiência do Cinema: antologia*. Rio de Janeiro : Graal/Embrafilme, 1983.